FRANCISCO, de Santo Luiz

AFFONSO D'ALBUQUERQUE.

OS PORTUGUEZES EM AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA.

OBRA CLASSICA

VOLUME III.

LISBOA:
Typ. de Borges, Rua da Oliveira n.° 65.

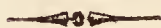
1849.

RESUMO HISTORICO

DAS

DESCOBERTAS E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

NA

AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCÇEANIA.

CAPITULO I.

ANNOS DE 1509 E 1510.

Affonso d'Albuquerque Governador Geral da India e D. Fernando Coutinho Marechal de Portugal decidem-se a ir destruir Calicut; resultado desta infelis expedição. El-Rei D. Manoel projecta dividir o Governo Geral da India em trez governos distinctos; meios empregados por Affonso d'Albuquerque para desvanecer este plano. Diogo Lopes de Sequeira he mandado sahir do porto de Lisboa com huma esquadra afim de reconhecer Malaca; em sua derrota toca em Çamatra, onde obtem levantar hum padrão com as

armas Portuguezas. Descripção desta Ilha. Diogo Lopes de Sequeira parte dalli para Malaca, onde he bem recebido por Mahamud, Rei desta Ilha. Celebra com este hum tratado de paz e amisade, e obtem o estabelecimento de huma Feitoria de que he encarregado Ruy d'Aravio. Intrigas dos Mouros de Malaca contra Diogo Lopes de Sequeira. Projecta-se huma traição contra os Portuguezes que he descoberta. Diogo Lopes de Sequeira parte de Malaca, e toca em Travancor, onde sabe que Affonso d'Albuquerque he Governador Geral das Indias. Desgostoso por ter seguido o partido do Vice-Rei contra elle, dá á vela para Portugal.

ElRei D. Manoel exasperado contra o Çamorim pela guerra acintosa que elle sempre fizera aos Portuguezes, resolveo mandar destruir a sua Capital, e para esse fim armou essa esquadra de quinze velas com trez mil homens de desembarque, de que já falámos; apesar do motivo apparente deste armamento ter sido combater a frota do Soldão do Egypto, o plano d'ElRei era todavia destruir Calicut.

D. Fernando Coutinho Marechal de Portugal, homem emprehendedor e amante da gloria, pedio o commando desta expedição, e ElRei que muito o estimava, de bom grado lhe concedeo esta mercê, e lhe fez expedir as ordens que elle desejou, tornando-o independente do Vice-Rei, e de qualquer que a este succedesse no Governo Geral das Indias, a fim de que sómente a elle coubesse toda a gloria desta empresa.

Logo que D. Francisco d'Almeida sahio para a Europa, o Marechal fez sabedor a Affonso d'Albuquerque da commissão de que ia encarregado, e lhe mostrou que desejava para si toda a gloria da conquista de Calicut. As obrigações que Affonso d'Albuquerque devia ao Marechal erão grandes e mui recentes; pelo que condescendeu com esta pertenção do seu amigo.

O Rei de Cochim, a quem se communicára o projecto, não deixou de o approvar, era porém de opinião que antes de se lhe dar execução, seria conveniente pedir informaçõens a Coge-Bequi antigo e fiel amigo dos Portuguezes, pelo qual se poderia saber exactamente o estado em que se achava Calicut. Effectivamente por este se soube que o Çamorim se achava então ausente da côrte, occupado nas fronteiras em fazer a guerra a certo Principe alliado do Rei de Cochim que na cidade havião poucos naires, em comparação do grande numero que sempre allì se achava, e que estava indefesa da parte do Norte, mas mui bem defendida pela do Sul, onde havia hum palacio de recreio do Çamorim por nome o *Cerâme*, bem murado e defendido por hum forte entrincheiramento guarnecido de artilharia: finalmente que poderia dar-se no inimigo hum grande golpe, queimando-lhe vinte navios novos, que estavão nos estaleiros, destinados para a viagem de Meca.

A'vista destas informações, tendo-se decidido dar principio a expedição, fizerão-se com a possivel diligencia todos os preparativos; mas para se occultar o designio, espalhou-se o boato, de que estes arranjos sómente tinhão por fim a carregação de alguns navios que se intentava fazer partir para Portugal.

Achando-se tudo prompto, a esquadra formando duas divisões, huma denominada de Portugal commandada pelo

Marechal, e outra das Indias sob o commando do Governador Geral, compostas na sua totalidade de trinta velas, partio de Cochim no ultimo de Dezembro de 1509, e chegou ás aguas de Calicut em 2 de Janeiro de 1510.

A cidade parecia tranquilla, ainda que trinta mil Naires occupavão os postos principaes. O Marechal recordou a Affonso d'Albuquerque a promessa que lhe havia feito de ceder-lhe o posto de honra; este sem retractar-se, fez as suas disposições de tal maneira, que sempre se achasse perto do seu amigo. Hum velho guerreiro, Manoel Pessanha, disse então que elle nada esperava bom de hum corpo que tinha duas cabeças, e accrescentou que depois de haver perdido nas Indias quatro dos seus filhos pelo serviço d'El-Rei, consentiria voluntariamente nesta occasião que a sua vida fosse sacrificada. Tinha enviado seu quinto filho para Portugal com a intenção de o subtrahir á morte, que esperava encontrar bem depressa nos combates.

Reinava muito pouca intelligencia entre os Officiaes das duas esquadras. A mal entendida emulação foi causa que huns e outros se embarcarão nos bateis em a mesma noite que precedeo ao combate; resultando que de manhãa, elles se achavão extremamente abatidos, e muito pouco em circunstancias de sustentar as fadigas da acção, que teve lugar em 3 de Janeiro de 1510.

A resaca do mar e a artilheria de huma casa de recreio do Çamorim, chamada o Cerame fizerão grande opposição ao desembarque. Affonso d'Albuquerque para dividir o fogo dos inimigos, mandou dizer ao Marechal que fizesse separar as duas esquadrilhas compostas de embarcações miudas. Resultou que o Governador Geral poz pé em terra primeiro, e depois de huma ligeira resistencia apossou-se do Cerame, que logo mandou incendiar. O Ma-

rechal vendo isto gritou que estava atraiçoado, depois por hum excesso de colera arrojou longe de si o capacete e as armas, tomando em seu lugar hum barrete e huma canna, e fez as mais acerbas queixas ao seu amigo que vinha reunir-se: « Quereis, lhe diz elle, participar a ElRei que « entrastes primeiro em Calicut; mas eu lhe farei saber o que « são estes fracos e miseraveis Indios, que de longe repre- « sentais como terriveis. Elle julgará perfeitamente esta vil « canalha quando eu lhe tiver participado que entrei nesta « cidade sem outras armas mais do que huma canna. » Affonso d'Albuquerque sempre grato ás obrigações que lhe devia, tratou de o acalmar; porém falava a hum homem fóra d'estado de o ouvir, e por momentos houve receio que o Marechal praticasse algum insulto.

O Marechal chamando então o guia que conhecia o paiz, lhe perguntou onde estava o palacio que o Rei habitava, e lhe ordenou de o conduzir aonde podesse achar homens que combater; pois que, dizia elle, não se podião chamar assim os que com tanta facilidade se renderão. O interprete lhe mostrou o palacio do cimo d'huma pequena altura, o qual ficava na distancia de meia legua. O Marechal tendo determinado ir alli, ordenou a Pedro Affonso de Aguiar seu Lugar Tenente de tomar duas pequenas peças de campanha, e marchar com oitocentos homens na direcção do palacio, tendo feito dizer ao Governador Geral, que o podia seguir ou fazer o que lhe agradasse, pois que lhe não daria isso o menor cuidado.

Estes repetidos ultrajes não fechárão com tudo os olhos de Affonso d'Albuquerque sobre os perigos a que se expunha o seo amigo, marchou immediatamente em seguimento delle com seiscentos Portuguezes e os alliados de Cochim, e deu alem disso ordens muito prudentes sobre a maneira de effectuar a retirada em caso necessario. O palacio foi aban-

donado e o Marechal continuou mais do que d'antes a olhar os inimigos como em demasia cobardes. Em vão o velho Manoel Pessanha lhe aconselhou de não consentir que se dispersasse a sua tropa, e de se retirar logo que incendiasse o palacio: a sua extrema fadiga o obrigou a sentarse, em quanto os Portuguezes saqueavão os aposentos. Era isto que os Naires esperavão, dérão os seus gritos de guerra, e de todas as partes se juntárão. Duas vezes Affonso d'Albuquerque fez dizer ao Marechal que devía sahir logo do palacio, este respondeo que não partiria sem que fosse testemunha do progresso do incendio. Sahio com effeito, mas ja tarde: perseguido pelos Naires, elle os atacou somente com trinta homens, todos os esforços que se fizerão para conseguir salva-lo forão inutilisados: ferido ao principio em huma perna, bem depressa foi depois cortado por muitos golpes, e expirou alli com treze Officiaes, eutre os quaes se achava tambem Manoel Pessanha.

Affonso d'Albuquerque empregou todos os meios a seu alcance para soccorrer o Marechal, porém apertado em hum profundo desfiladeiro por grande numero d'inimigos nada poude conseguir. Tres settas o ferirão e huma grande pedra o fez cahir sem sentidos; e se Gonçalo Queimado, seu Porta-estandarte, não se batesse até expirar junto a seu lado, se Fernando de Béja não o fizesse conduzir aos bateis, elle teria a sorte do imprudente Marechal.

A derrota dos Portuguezes foi então geral, todos fugião e lançavão por terra as suas armas para melhor correrem. Os naires que ião em seu alcance, matarão grande numero delles, até que chegando de huma parte Diogo Mendes de Vasconcellos e Simão d'Andrade, e de outra D. Antonio de Noronha e Rodrigo Rebello, que vinhão em auxilio dos fugitivos, os naires forão obrigados a parar, sem embargo era tão grande o terror que se apoderara de todos

que a maior parte ainda largavão as armas, para se salvarem nas lanchas, posto que ninguem já os perseguisse.

Os Portuguezes tiverão 80 mortos, (entrando neste numero o Marechal, e varios officiaes de distinção,) e 300 feridos, entre estes muitos officiaes e o bravo Affonso d'Albuquerque cuja existencia esteve duvidosa por algum tempo.

A esquadra levantou ferro e retirou para Cochim indo todos na maior consternação.

O inimigo apezar da victoria não tinha motivos para se alegrar, porque morrerão neste dia em Calicut pelo ferro ou pelo incendio perto de duas mil pessoas, em cujo numero se contarão o Governador da cidade e dois Caimáes. Arderão muitas cazas, alguns templos, o palacio do Rei, e forão incendiados os navios que existião no porto.

O Çamorim recebeo a noticia destes successos quando fazia a guerra em paiz inimigo. Ao primeiro aviso levantou o campo sem toque algum de trombeta, e durante a noite, a fim de não fazer perceber ao inimigo a sua retirada; e chegou a Calicut no quarto dia depois da partida d'Affonso d'Albuquerque. O primeiro aspecto que a cidade offerecia depois do fogo que a desfigurára, o poz fóra de si, mas logo que se lhe contou o detalhe da acção, e que houvera tão pequeno numero de Portuguezes mortos, possuio-se de tal indignação contra a cobardia de seus naires, e principalmente contra os Mouros estabelecidos na cidade, que havendo-os reunido chegou a ameaçá-los de os expulsar de seus estados. Com effeito deve confessar-se que Calicut se defendera mal, e que á excepção dos naires que perseguirão os Portuguezes em sua retirada, todos os outros havião até áquelle ponto cumprido muito mal os seus deveres. Affonso d'Albuquerque foi o unico que lucrou muito nesta desgraçada expedição. O favor que

o Marechal gosava na Côrte, lhe dava no futuro hum inimigo perigoso, alem de que o Governador Geral não teria ousado para a execução de seus vastissimos projectos dispôr da esquadra commandada pelo seu amigo, quando pela morte deste a reunio com a do seu immediato commando, ficando assim habilitado para levar a effeito os seos vastos planos.

ElRei D. Manoel nomeando Affonso d'Albuquerque Governador Geral da India, não lhe conferira os amplos poderes de que se achava revestido D. Francisco d'Almeida, porque reflectindo que hum homem só não podia vigair como lhe cumpria sobre a immensa extensão de paiz entre o Cabo da Boa-Esperança e as extremidades das Indias, tinha resolvido reparti-lo em differentes governos parciaes e independentes. O objecto que mais reclamava a sua sollicitude era anniquilar o commercio dos Mouros pelo Mar Roxo; quiz para alli applicar as principaes forças, e para esse fim creou hum governo particular que se estendia desde Sofala até Cambaia, para o qual nomeou Jorge d'Aguiar, que para alli enviou com huma esquadra; e persuadido que o Governador das Indias teria pouco que fazer principalmente depois da destruição de Calicut, lhe ordenou que enviasse a Jorge d'Aguiar as galeras e bergantins que se havião construido em Anchediva, e que se destinavão a cruzar na costa do Malabar; ElRei enviou tambem outra esquadra para Malaca, sob o commando de Diogo Lopes de Sequeira, a fim de alli estabelecer hum governo distincto. Desta forma o Governador da India ficava limitado somente ao Indostão.

Affonso d'Albuquerque porém que sabia aproveitar-se do tempo, servio-se muito a proposito de sua fortuna, e de sua politica, para fazer abortar estes projectos. Elle começou por Pedro Affonso d'Aguiar, Lugar Tenente do Marechal D. Fernando Coutinho, fazendo-lhe insinuar que na situação em que os negocios portuguezes se achavão nas In-

dias não convinha que sahisse toda a frota para Portugal; que depois do desastre acontecido em Calicut, havia o perigo de que o Çamorim, reduzido á desesperação, procurasse sublevar os Principes da India tanto amigos como inimigos dos Portuguezes, não deixando de se aproveitar desta occasião para os perder. Como Aguiar não annuisse aos desejos do Governador Geral, este enfadado mudou de tom, e lhe disse claramente, já que se obstinava em querer prejudicar o serviço d'ElRei, elle officiaria para a Corte, e faria que se lhe pedisse contas das duas peças de campanha que o Marechal lhe confiara, e que elle tão cobardemente abandonára em Calicut. Aguiar compromettido por aquella falta, ficou aterrado quando ouvio tal ameaça, e logo annuio a tudo que d'elle exigio o Governador Geral, que em poucos dias o mandou sahir só com 3 navios para Portugal, deixando 12 nas Indias.

Affonso d'Albuquerque teria maior defficuldade em transtornar as disposiçõens d'ElRei acerca do governo do Mar Roxo, se hum acaso o não tivesse coadjuvado. A esquadra de doze velas que D. Manoel para alli mandava, tendo sido dispersada por huma furiosa tempestade, Jorge de Aguiar que a commandava, foi perecer nas Ilhas de Tristão da Cunha. Os navios seguirão diversos rumos, e se apresentarão pela maior parte nas Indias. Duarte de Lemos sobrinho de Aguiar, a quem succedia no commando, tendo debalde esperado em Moçambique a fim de os reunir, não poude recolher mais do que hum pequeno numero delles, com os quaes passou a invernar em Melinde, donde sahio depois para Socotorá, em cuja Ilha não poude tocar, o que o obrigou a continuar sua derrota para Ormuz. Alli arranjou tão bem todos os seus negocios, que obrigou Coge-Atar a pagar-lhe o tributo annual que se havia estipulado com Affonso d'Albuquerque, porém não poude obter que este Ministro lhe restituisse a cidadella, nem que lhe permittisse estabelecer huma feitoria.

Duarte de Lemos estando perto de dous mezes nas aguas d'Ormuz, vivendo em boa harmonia, e com bastante segurança com os Mouros, partio daqui para tornar a Socotorá, e de Mascate despachou Nuno Vaz da Silveira para o Governador Geral da India, para reclamar as galéras que ElRei pozera á sua disposição. Chegou Vaz da Silveira justamente quando o Marechal e o Governador Geral se dispunhão para a empresa de Calicut, e não houve difficuldade alguma em o persuadir que era necessario esperar as consequencias desta expedição, na qual elle desejava ter parte, e onde soube sustentar a alta idéa que de sua coragem se fazia, pois que morreo no campo da honra, quando voava a soccorrer o Marechal tendo morto ás lançadas tres naires.

Depois da morte de Vaz da Silveira, o Governador Geral fez partir no navio que aquelle commandava a Antonio Nogueira, com provisões para Socotorá, e huma carta para Duarte de Lemos em que Affonso d'Albuquerque dizia: « que a situação dos negocios não permittia enviar-lhe maior « soccorro; mas promettia logo que a sua esquadra se achasse « em estado de navegar que elle proprio iria reunir-se a elle, e « então lhe entregaria as galéras e os bergantins, na confor- « midade das instrucções que recebêra da Côrte; entretanto « lhe rogava, quizesse enviar-lhe D. Affonso de Noronha « seu sobrinho, que ElRei nomeára governador da fortale- « za de Cananor. »

Passado algum tempo, Affonso d'Albuquerque enviou-lhe ainda outro navio carregado de provisões, sob o commando de Francisco Pantoja com huma carta mui affavel, mas cheia de iguaes desculpas para justificar sua demora. Duarte de Lemos, a quem nenhuma destas cousas satisfazia, tendo perdido quasi toda a sua gente por doenças, e vendo-se obrigado a ír para Melinde para restabelecer a sua saude, decidio-se por ultimo a partir para as Indias, afim de

pessoalmente sollicitar o que se lhe não podia recusar, sem a contravenção das ordens da Côrte. Affonso d'Albuquerque que desejava dar-lhe alguma satisfação, recebeo-o cordealmente, e lhe fez os maiores obsequios; como estava proxima a expedição contra Gôa, de que nos vamos occupar, o Governador Geral propoz a Diogo de Lemos acompanhá-lo, acrescentando que depois irião ambos ao Mar Roxo debellar os inimigos: neste estado ficárão as cousas, conseguindo o Governador Geral o seu fim, que era entreter na India os navios para ficarem á sua disposição, até que Duarte de Lemos tendo novas instrucções da Côrte partio para Portugal.

Diogo Lopes de Sequeira sahira de Lisboa com quatro embarcações para ir estabelecer huma fortalesa em Malaca levando instrucções para de passagem reconhecer a Ilha de Madagascar ou de São Lourenço. Chegou a esta Ilha a 4 de Agosto de 1508. A 10 avistou na parte oriental hum Cabo a que pôz o nome de *S. Lourenço*. Tocou algumas Ilhas aonde achou Portuguezes que ali tinhão naufragado. Entrou no porto de *Turumbaia*, aonde fallou com o Senhor da terra, e achou outro Portuguez. D'aqui navegou a outras Ilhas que denominou de *Santa Clara*, e nellas fez provisões. Passou ao Reino de *Matatana*; aonde sahio a terra, e chegando ao rio que tem o mesmo nome, tambem ahi achou Portuguezes. Correo ainda ao longo da Costa, por onde vio muitas povoações, até chegar a huma grande bahía que denominou de *S. Sebastião*, pela ter descoberto a 20 de Janeiro de 1509. D'aqui partio para a India, e chegou a *Cochim* a 21 de Abril de 1509, depois de ter empregado mais de hum anno nesta navegação.

O Vice-Rei D. Francisco d'Almeida o recebeo muito bem, e vindo no conhecimento da natureza da sua commissão, lhe deo hum navio de reforço com sessenta homens. Com estas cinco vellas partio Diogo Lopes Sequeira de Cochim

em 19 de Agosto de 1509, e tendo reconhecido a Ilha de Ceilão no terceiro dia de sua viagem, atravessou o golfo de Bengala, tomando rumo para a Ilha de Çamatra, costeou de passagem as Ilhas de Nicoár, e aportou em Pedir, depois de alguns dias de bom tempo.

A Ilha de Çamatra, (*) a maior das de Sonda, estava distribuida em diversos Reinos, cujos habitantes erão tão barbaros que se sustentavão de carne dos seus inimigos. Era rica em especiarias, pedras preciosas, minas de ouro, de cobre, de estanho, e de ferro, e em mercadorias de toda a especie. O centro da Ilha é occupado por altas montanhas, huma das quaes tem hum volcão celebre, que lança fogo como o Etna, e o Vesuvio na Italia, mas nas suas encostas havia bellos campos mui ferteis, e cobertos d'arvoredos de toda a sórte. Entre estas arvores observava-se huma que era notavel, chamavão-lhe os Portuguezes a *triste arvore do dia*, porque durante este apparecia despida de flôr, e apenas se punha o sol os tenros botões começavão a abrir, espalhando hum agradavel aroma, que se dissipava apenas rompia a aurora. A Ilha é quasi cortada pelo meio pelo Equador, e d'aqui vem ser sujeita a grandes calores, e segundo affirmão o clima é doentio para os Estrangeiros. E' objecto de contraversia saber-se se esta Ilha he a que os antigos chamavão a Taprobana ou se era a de Ceilão.

Diogo Lopes de Sequeira como fosse o primeiro portuguez que aportára a esta Ilha, e julgasse que podia considerar-se como huma nova descoberta dos Portuguezes, obteve dos Reis de Pedir e Pacem a permissão de levantar hum padrão com as armas de Portugal, como havião praticado os primeiros descobridores portuguezes, mas como não tivesse intenção de alli ficar, sahiu poucos dias depois

(*) Hoje conhecida pelo nome de Sumatra.

desta Ilha para Malaca, onde chegou em 11 de Setembro de 1509.

Era então Malaca huma das mais ricas e aprasiveis cidades do Oriente, situada além do golfo de Bengala sobre a ponta da celebre Peninsula tida pela aurea Chorsoneso dos antigos, e na borda do estreito que a separa da Ilha de Çamatra ella parecia ter sido alli collocada para ser o centro do commercio da Arabia e do Indostão da China do Japão das Philippinas e das outras Ilhas do Sonda. Não continha mais de trinta mil fogos. O rio em cuja fóz ella estava situada dividia-se pelo meio, formando como duas mui longas e estreitas cidades unidas por huma unica ponte de madeira. Os habitantes erão quasi todos mahometanos tanto na origem como na religião, vivos, espirituosos, amantes dos prazeres, e ahi passavão huma vida mui conforme ás idéas de sua seita. A abundancia dos paizes circumvisinhos, subministrando-lhes todas as delicias, contribuia para a sua vida voluptuosa, tanto como para a sua grande opulencia. Esta Ilha havia anteriormente sido da dependencia do Reino de Siam; mas Mahamud, que então alli reinava, havia sacudido o jugo, e de tal sorte dirigia a sua politica para com os Principes visinhos, e os proprios ministros de seu legitimo soberano, que este poderoso Monarcha não ousava tratar de o reduzir á sua obediencia.

Mahamud informado dos motivos da vinda de Diogo Lopes de Sequeira lhe deo audiencia com a pompa usada pelos Reis do Oriente. Celebrou-se de parte a parte hum tratado de commercio, e prestou-se o juramento sobre a Lei de Moisés, e os Santos Evangelhos. Depois o Rei mandou subministrar a Diogo Lopes de Sequeira huma habitação na cidade, commoda e conveniente para servir de Feitoria, da qual tomou posse Ruy d'Araujo como seu Feitor, e desde esse momento os Portuguezes se confiárão tanto nos agrados e

civilidades do Principe e do *Bandára* seu tio, que divagávão pela cidade sem cautella alguma. Entretanto os Mouros do Indostão estabelecidos em Malaca, inimigos jurados dos Portuguezes, e naturalmente ciosos d'um tratado que devia prejudicar seus interesses, poserão em prática todas aquellas manobras por seus correligionarios empregados n'outros lugares, a fim de desacreditarem os novos hospedes e para os tornarem odiosos; elles não deixárão de suscitar tudo o que havião praticado em Quilôa, em Ormuz, e no Malabar Os factos erão representados com tal calor, e expostos com tão vivas côres que produsirão desde logo o desejado effeito; os Mouros encontrárão maior facilidade para seus perniciosos projectos, quanto soubérão pôr á sua frente dous homens os mais acreditados, era o primeiro hum certo Vtemutis de nação Java, a que davão o titulo de rajá, de que usão todos os pequenos regulos do Malabar, o qual era tão poderoso em Malaca, que se lhe contavão seis mil escravos, o segundo era hum Mouro Guzarate, que exercia as funções de Sabamdar ou de consul de sua nação; estes tendo intrigado os Portuguezes com o Rei, decidiu-se n'um concelho secreto do Principe, que se procurasse attrahir estes estrangeiros a hum laço, a fim de se livrarem de todos elles ao mesmo tempo. Tomou-se esta resolução contra o parecer do Almirante e o do Thesoureiro geral das finanças, que não podérão approvar semilhanse traição, entre tanto não se omittia cousa alguma, que podeste trazer descuidados os Portuguezes, e ao mesmo tempo occultar os atrozes projectos que se havião concebido contra elles, porém como desejassem apoderar-se da pessoa do General, e dos principaes Officiaes, e fosse difficil attrahilos a terra, o Rei para melhor os illudir fez publicamente todos os preparativos para hum magnifico banquete, que dizia querer dar-lhes, e para o qual fez construir huma barraca de madeira pegada com a ponte que communicava com a cidade.

Havia neste porto, quando Diogo Lopes de Sequeira alli entrou, quatro juncos chinezes, cujos capitães forão immediatamente comprimentar o General, o qual lhes pagou a visita, e de tal sorte manteve com elles amisade, que continuou sempre huma mutua correspondencia com os mesmos, estes capitães tendo percebido a confiança céga que Diogo Lopes de Sequeira depositava no Rei, e a liberdade que elle dava á sua gente para andar pela cidade, resolvêrão adverti-lo, como amigos, que se não fiasse n'uma nação, naturalmente pérfida, e o avisárão da traição que se lhe preparava. Diogo Lopes de Sequeira não fez caso destas advertencias.

Huma mulher Persa, que tinha na cidade casa de hospedaria em que alojava hum Portuguez que sabia a lingua persa, vindo no conhecimento da conspiração, fez por via deste dizer ao General que lhe desejava fallar em particular, e que para esse fim iria a bordo de noute, para que sua visita não fosse percebida. Diogo Lopes de Sequeira mofou de similhante intrevista, e por tres vezes rejeitou tal proposição, porém a mulher apesar da obstinação do General, tendo ido a bordo da capitania, e communicando todo o segredo, sómente poude conseguir que elle pretextasse qualquer incommodo para não concorrer ao banquete que se lhe destinava, e desta fórma fez abortar as medidas tomadas para o surprehenderem no dito banquete. Tendo falhado este golpe recorreo Mahamud a outro artificio, fez dizer a Diogo Lopes de Sequeira que em consequencia de se achar já muito adiantada a monção desejava preferi-lo aos outros estrangeiros que se achavão naqelle porto, a fim de prosseguir em sua viagem, que para esse fim enviasse elle para terra todas as suas lanchas, no dia para isso designado, no qual lhe forneceria a sua carregação. Ao mesmo tempo Bandára fez preparar huma grande quantidade de fustas, conservando-as occultas até ao momento em qne devião a certo signal descarregar o golpe, e começar o assacinio geral dos Portuguezes.

Diogo Lopes de Sequeira, apesar dos avisos, nada suspeitou, e no dia aprasado, mandou para terra todas as suas lanchas e canoas, á excepção d'uma unica que se estava calafetando, e que podia ser necessaria para entreter a communicação com as outras. No mesmo instante Bandára fez partir as fustas que estavão cheias d'armas, e soldados vestidos á paisana, parecendo não pertenderem mais do que levar provisões e refrescos á esquadra Portugueza.

Para melhor descuidar o General, o filho do Rajá Vtemutis, que se encarregara de o assassinar, e o Sabandar acompanhados unicamente d'umas sete ou oito pessoas, vierão a bordo da capitania como para lhe fazer visita. Jogava então Diogo Lopes de Sequeira o xadrez, e entretanto os navios ião-se enchendo daquelles fementidos negociantes. Garcia de Sousa, Capitão d'um dos cinco navios que alli se achavão, foi o primeiro que notou o perigo a que se expunhão, e tendo gritado á sua guarnição que fizesse sahir toda aquella gente, mandou por Fernando de Magalhães tão conhecido por esse famoso estreito a que elle poz o seu nome, advirtir Diogo Lopes de Sequeira para tomar medidas de precaução. Nesta mesma occasião o Contra-Mestre da capitania que subira ao cêsto da gavea, percebeo estar por de traz de Diogo Lopes de Sequeira o filho d'Vtemutis, que esperando com impaciencia o signal, levava de quando em quando a mão a hum punhal que tirava até ao meio, e com o qual o devia trespassar. Horrisado com tal descoberta dá hum grande grito que espanta tudo, e com elle adverte o general, que avisado por este bulicio, e ignorando ainda o que fora, levanta-se com precipitação, pede as suas armas, e manda jogar a artilharia. O filho do Rajá e os demais que com elle se achavão, não tiverão coragem de effectuarem seu designio, e se lançárão ao mar, para ganharem os seus pequenos botes e o mesmo fizerão todos os que se achavão nos outros navios, que este subito terror salvou, porem como então se fizesse o signal, começou

na cidade o masacre dos Portuguezes da qual somente huns vinte podérão escapar; fugindo para a Feitoria onde immediatamente se puserão em defensa. Diogo Lopes de Sequeira reunio seus Capitães em conselho, alguns forão de parecer que se devia tomar vingança desta traição, queimando todos os navios que se achavão no porto, á excepção daquelles dos Chinezes de quem recebera sempre bons conselhos, mas como não tivessem lanchas, Diogo Lopes de Sequeira tornando-se mais circumspecto pelo perigo, que vinha de correr, julgou conveniente fazer algumas tentativas para haver os Portuguezes que se achavão em terra, e retirar-se.

O Rei, vendo o máo exito da sua traição, correo á Feitoria, em que os vinte Portuguezes se deffendião, e tendo feito retirar os sitiadores desculpou-se o melhor que pôde, dizendo que não tivera parte alguma naquella desordem, e restabellecida a tranquilidade mandou tambem desculpar-se para com o General, exhortando-o a confiar-se delle, podendo andar livremente pela cidade, e prometendo entregar os Portuguezes, e todos os seus effeitos, mas o General, passando do excesso de confiança ao extremo opposto, não querendo mais fiar-se em sua palavra, e julgando, por mais rasoavel arriscar a vida de alguns individuos, do que a segurança da esquadra, lhe mandou dizer, que conservasse « cuidadosamente os penhores que tinha em seu poder; que « não tardaria que elle pessoalmente viesse busca-los com « força armada, e fazer-lhe pagar bem cara a violação do « direito da gentes. » Em seguida sahio de Malaca, queimou na derrota dous de seus navios, por não haver gente sufficiente para os manobrar. Chegando a Tavancor, e sabendo ahi que Affonso d'Albuquerque estava Governador Geral das Indias. lembrando-se do desprazer que elle lhe motivara declarando-se abertamente, por comprazer ao Vice-Rei, hum de seus adversarios, e receando ver-se exposto ao seu ressentimento, contentou-se em o avisar dos acontecimen-

tos de Malaca, e enviar-lhe outros dous navios de sua esquadra, que elle não podia levar comsigo por fazerem agua; depois do que partio para Portugal, levando a mesma derrota que trouxera para as Indias. Affonso d'Albuquerque não deixou de sentir o máo resultado da expedição de Diogo Lopes de Sequeira, e a parcialidade que abraçára; porque além de terem sido amigos, penalisava-o ter perdido em sua pessoa hum optimo official, com o qual teria podido renovar a sua antiga amisade.

CAPITULO II.

ANNO DE 1510.

Affonso d'Albuquerque, restabellecido das feridas que recebera em Calicut, projecta ir atacar Goa: sendo coadjuvado nesta empresa pelo Rei de Onor, e Timoja, Ministro deste Soberano. Descreve-se Goa e as circunstancias do seu Chefe o Sabaio ou Hidalcão. Sae a esquadra de Cochim, espalhando-se o boato que ella se destinava ao Mar Roxo, e depois á conquista d'Ormuz. Affonso d'Albuquerque acomette Goa, força, e ganha as fortificações exteriores da cidade. Faz a seus habitantes propostas vantajosas, do que por fim resulta elles entregarem-se aos Portuguezes. Artilheria, munições de guerra de bocca, e navios que ahi se encontrão. Affonso d'Albuquerque contrahe alliança offensiva e defensiva com os Reis de Narsinga e de Vengapor, inimigos do Hidalcão. Propõem ao Rei de Ormuz e ao Sophi da Persia, a

unirem-se-lhe contra o Califa. Conspira o Hidalcão com outros Principes, inimigos dos Poruguezes, a fim de recuperar Goa. Maquinações de Timoja contra alguns officiaes Portuguezes. O Hidalcão ataca Goa; Affonso d'Albuquerque defende-se corajosamente, athe que afinal retira-se, e embarca com as suas forças. Os Portuguezes tornão a ganhar as fortificações exteriores da cidade cuja artilheria e viveres são transportados para bordo. Intenta o Hidalcão incendiar a frota Portugueza; por que meios se evita este projecto: Affonso d'Albuquerque, ve-se obrigado a desistir da nova conquista de Goa; parte para Cananor, e em seguida vai para Cochim, aonde acontecimentos graves reclamavão a sua presença.

Affonso d'Albuquerque conheceo a necessidade que tinha a Metropole de hum ponto de facil defeza, mas que ao mesmo tempo fosse abundante em viveres, que tivesse hum porto de facil accesso e salubre, onde emfim os Portuguezes cheios de fadiga pelas viagens da Europa ás Indias, podessem repousar: nenhum local lhe pareceo mais asado do que Gôa, collocada no meio do Malabar (dezaseis gráos de latitude ao norte) assente n'huma circumferencia, formada pela confluencia de dous rios, que nascendo do Gate, vão desembocar ao mar, tres legoas destante da cidade. De tempo immemorial esta grande povoação tinha feito parte do Reino de Decan. O Rei d'este paiz a quem os principaes senhores de seus estados não havião permittido mais do que huma sombra de authoridade, tinha-a confiado ao poder de hum de seus Officiaes, Mouro de origem e de religião, por nome Adil-Can, e por corrupção Hidalcão a quem os Por-

tuguezes continuárão a chamar Sabaio, o qual aproveitando-se da fraqueza do séu governo, não tardou em usurpar Gôa ao seu legitimo Soberano, assumindo o titulo e as regalias de Principe independente.

A importancia da praça forçosamente havia de dar na vista ao seu antigo Senhor, bem como podia excitar a ambição dos Principes visinhos. O usurpador julgou-se ao abrigo de todos os riscos cercando-a de hum muro espesso, de torres judiciosamente collocadas, de obras então conhecidas nesta parte da Asia, e fortificando com o mesmo cuidado, e com a mesma intelligencia as passagens pelas quaes se poderia entrar naquella Ilha. Erão precauções necessarias, mas insufficientes sem defensores capazes; e os fracos Indianos, os perfidos Arabes, que formavão a população do Estado, não o erão. Mamelucos, Persas, Turcos forão convocados. Esta tropa inspirou confiança aos povos circunvisinhos, que se apressárão a collocar a sua industria e capitaes debaixo de huma protecção de que não havião gosado em sua patria. As esperanças que lhes facilitava o novo Soberano, a bellesa do paiz que provia largamente ás necessidades, e mesmo ás delicias da existencia, erão ainda motivos que attrahião ali os estrangeiros.

Tal era o estado das cousas, quando Affonso d'Albuquerque sem declarar o seu verdadeiro projecto, sahio de Cochim com vinte embarcações, em que íão perto de dous mil Portuguezes e alguns Malabares, fazendo circular o boato de que esta espedição se destinava ao Mar Roxo, apparelhando-se para a conquista de Ormuz Em Cananor recolheo o resto das equipagens de dous navios naufragados, reforçando-se com quatorze fustas commandadas por Timoja, que pertencião ao Rei d'Onor, alliado dos Portuguezes. Affonso d'Albuquerque chegadas as cousas a este ponto, rasgou o véo do mysterio, e declarou abertamente que as suas

intenções erão ir sobre Gôa, fazendo assignar aos seus officiaes hum acto pelo qual se morresse se obrigavão a reconhecer por Governador D. Antonio de Noronha, seu sobrinho.

No dia 28 de Fevereiro de 1510 mandou Affonso de Albuquerque a seu sobrinho D. Antonio de Noronha e a Timoja que fossem sondar a barra (*) e ordenou que o primeiro logo em continente atacasse o forte de Pangim, que existe na Ilha, em quanto Timoja deveria appresentar-se em frente d'outro forte chamado de Bardés. Estes dous portos tinhão sido estabelecidos pelo Sabaio para defeza da barra. D. Antonio de Noronha seria sustentado nesta manobra pela náo de Simão d'Andrade, pelo bergantin de Simão Martins, e as lanchas de Jorge Fugaça, Jeronimo Teixeira, Jorge da Silveira, João Nunes, e Garcia de Sousa, sendo tudo seguido pelas fustas de Timoja.

Melique Çufergugi Governador de Gôa, sahio a este tempo com grande força, afim de deffender os pontos atacados, e combateo com todas as forças para obstar ao desembarque dos Portuguezes; mas tendo huma mão trespassada por huma frecha, tão dolorosa se lhe tornou a ferida, que o obrigou a retirar para o forte de Pangim, d'onde pouco depois voltou para a cidade. Suas tropas vendo-se sem chefe, entrárão apressadamente no forte; mas Noronha tendo feito jogar contra elles as primeiras bandas de artilheria, as quaes lhe não causárão damno algum, os perseguio tão vivamente, que os Portuguezes entrárão no mesmo forte (*) d'envolta com os fugitivos. Timoja não tendo encontrado mais resistencia da outra parte, os dous fortes forão tomados sem difficuldade, e os inimigos fugírão de toda a

(*) Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

(*) Em 29 de Fevereiro de 1510 — Vide Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

parte. Affonso d'Albuquerque vendo a consternação de que este primeiro acontecimento feria os habitantes, lhes fez constar que não vinha alli attentar contra a sua liberdade, mas sim livra-los de hum jugo barbaro; que assegurava a cada hum o exercicio da sua Religião, e diminuia a terça parte dos tributos que elles pagavão até alli a seu Senhor. Foi ouvido favoravelmente, e Melique Çufergugi teve o desgosto de ser obrigado a ir com hum pequeno numero de soldados annunciar a seu amo a entrega daquella praça. Affonso d'Albuquerque admirado ainda de tão facil triunfo, e mal o podendo acreditar, fez a sua entrada publica em Gôa: montado em hum magnifico cavallo da Persia, ía precedido do estandarte da Cruz, e da grande bandeira de Portugal. As suas tropas o seguião em muito boa ordem; a multidão do povo applaudia o vencedor, que se dirigio ao palacio do Hidalcão, e deo graças a Deos vertendo lagrimas de praser.

O vencedor mandou deitar hum bando em que prohibia com as mais severas penas que se maltratassem os habitantes, ou se lhes tirasse sua fazenda. Os Indios que ficárão forão bem tratados, e os Mouros fugirão para a terra firme pelos váos, e como a maré se achava alta muitos morrerão afogados. Encontraram-se na cidade quarenta peças d'artilheria de grosso calibre, cincoenta e cinco falcões, muita polvora, grande quantidadade de balas, granadas, e toda a sorte d'armas e de munições de guerra. Nos estaleiros contarão-se até quarenta vasos de differentes grandezas, entre os quaes havião dezesete fustas tendo os competentes apparelhos nos armazens. As cavalhariças do Hidalcão tinhão cento e setenta cavallos da Persia.

Affonso d'Albuquerque projectando fazer de Gôa a Metropole das possessões Portuguezas nas Indias, começou por declarar a seus Officiaes a resolução em que estava de pas-

sar alli o inverno, e empregou todos ao seus cuidados nos meios de se manter.

Nomeou seu sobrinho D. Antonio de Noronha, Governador da cidade, Gaspar de Paiva Castellão, Major da Praça, e Francisco Corvinel, Feitor de Gôa. Tendo depois tomado informações ácerca dos rendimentos das alfandegas, tanto da cidade como das Ilhas circunvisinhas, estabeleceo rendeiros particulares, que fez dependentes d'um rendeiro geral, para cujo cargo nomeou Timoja, conferindo-lhe igualmente o posto de Sargento-Mór do estado de Gôa. Reparou os fortes de Pangim e Bardez, que estavão arruinados; addicionou novas obras de fortificação á cidadella afim de poder retirar-se para ella, se fosse necessario, e providenciou igualmente sobre as passagens da Ilha, collocando em cada huma dellas Officiaes subordinados a D. Antonio de Noronha, que devia vigiar tudo, fazendo o giro da Ilha, e acudir com os soccorros onde estes se fizessem necessarios.

Dada esta primeira forma ao governo interior, Affonso d'Albuquerque convocou os enviados dos Principes estrangeiros, que estavão em Goa, e depois de se ter informado do objecto da legação de cada hum delles, expedio logo os dos Reis de Narsinga, e de Vengapor, fazendo-os acompanhar por Gaspar Chanoco, e Frei Luiz, franciscano, como embaixadores, encarregados de negociarem huma liga offensiva e defensiva com estes Principes, inimigos do Hidalcão, e de obterem do primeiro a permissão de se construir huma fortaleza em Baticála. Ouvindo depois os Enviados d'Ormuz, e do Sophi da Persia, elle os despachou da mesma forma, juntando-lhes, na qualidade de embaixador, Ruy Gomes.

Ismael, Schah ou Sophi da Persia, era então hum dos mais poderosos Monarchas do Oriente, e adquirira gran-

de fama por duas assignalladas victorias alcançadas sobre os exercitos do Grão-Senhor. Não ha nada mais bello do que a carta que Affonso d'Albuquerque lhe escreveo, e as instrucções dadas a Ruy Gomes. (*) O projecto d'alliança que elle propunha a este Principe, para destruir o Califa, mostra bem a extenção de seu genio, a nobreza de seus sentimentos, a grandeza de sua coragem, e a solidez de suas vistas. Esta embaixada porém não teve effeito. Coge-Atar, sempre inimigo dos Portuguezes, depois ter feito os maiores obsequios a Ruy Gomes, mandou-o envenenar em Ormuz.

O Hidalcão não se deixou abater pelo infortunio intentou retomar Gôa, e começou de prevenção propondo a paz a muitos Reis seus inimigos. Elles pensárão ser-lhes mais vantajoso existir Goa em seu poder, que na mão dos Portuguezes, e determinarão por isso o auxilia-lo. Os habitantes tiverão vergonha de tão mal se haverem defendido, e obrigarão-se em segredo a caadjuvar a empreza do seu preterito Senhor.

Alguns Officiaes de Affonso d'Albuquerque erão com tudo os seus mais perigosos inimigos, elles obstavão á rapidez dos seus planos. Timoja não se achava satisfeito: esperava que se lhe desse a possessão de Gôa debaixo da Soberania d' ElRei de Portugal, cumprindo-lhe defende-la com as suas proprias tropas. Affonso d'Albuquerque tratou com despreso semelhantes pertenções; mas forão protegidas por differentes chefes. Bem depressa se soube que o Hidalcão, em paz com os seus inimigos, avançava á testa de quarenta mil homens de infantaria, e cinco mil de cavallo. Recomeçárão os murmurios, e pertendia-se que se deixasse a Timoja o cuidado

(*) A intrega destes documentos pode ser lida pelos curiosos nos Commentarios d'Affonso d'Albuquerque.

da defesa de Gôa e que se marchasse a outras expedições muito mais proveitosas aos Officiaes de terra e mar; em fim, a pesar da prudencia de Affonso d'Albuquerque, rebellou-se contra elle hum partido poderoso. As traições urdião-se com actividade, e o Governador Geral não ousava castiga-las. Tomou para defender as entradas da Ilha todas as disposições que se podião esperar de hum tão habil General; mas foi trahido pelo Commissario da Marinha, que enviou todos os bateis aos inimigos. Affonso d'Albuquerque mandou-o logo justiçar.

Camalcão' não podendo illudir a vigilancia das tropas Portuguezas, resolveo-se escolher huma noite escura, e chuvosa para conseguir entrar na Ilha. Foi esta a de 17 de Maio de 1510. O inverno começava então neste paiz, e o seu projecto teve o desejado effeito. Forças numerosas havião já desembarcado antes que os Portuguezes tivessem dado por tal, e estes virão-se obrigados a acolher-se á cidade.

A vanguarda do exercito inimigo, commandada por Camalcão, avançou sobre a cidade e ao mesmo tempo este Chefe mandou dizer a Affonso d'Albuquerque que se não podia sustentar com tão diminutas tropas, pela maior parte descontentes da sua authoridade, em huma consideravel cidade prompta a sublevar-se, e contra hum exercito de forças tão superiores, e lhe fez constar mais, que se elle não capitulava, mal se poderia retirar na aproximação do inverno.

Affonso d'Albuquerque não desanimou. Desconfiava dos principaes habitantes, e de Timoja. Fingio carecer dos conselhos deste contra os projectos daquelles. «Obrigai-os, lhe diz este chefe Indiano, de vos entregar na fortaleza, em penhor, suas mulheres e seus filhos.» Muito bem! lhe respondeo Affonso d'Albuquerque desse-lhe pois hum exem-

plo; ninguem o pode fazer como vos. Timoja foi obrigado a consentir em tal proposição, e de contribuir a que os outros executassem o que elle proprio havia aconselhado.

Affonso d'Albuquerque, soube que as tropas de Timoja se havião reunido aos inimigos, fez comtudo partir a encontra-los o que lhe restava de soldados Indianos, bem certo que era melhor considera-los inimigos declarados, que ter de os vigiar no interior de Gôa. Mandou desde logo executar em segredo alguns traidores; mas o maior numero dos habitantes não se mostrou por isso com menos disposição para sublevar-se O inimigo ataca, estes o auxilião, e os Portuguezes forão abrigados a irem-se refugiar na fortaleza. Timoja não tinha imitado a deserção da sua gente.

Affonso d'Albuquerque mandou pedir soccorros a Cochim, mas Teixeira e Silveira não executárão á risca as suas determinações. D'outro lado Camalcão nada poupava a fim de occasionar a divisão entre as tropas Portuguezas. Hidalcão veio reunir-se-lhe, e entrou na cidade com o resto das suas tropas. O seu primeiro objecto foi de meter a pique duas embarcações no rio para impedir que a esquadra Portugueza podesse sahir, e dar-lhe fogo por meio de jangadas cheias de materias inflammaveis, Para salvar os seus navios não restava algum outro partido a Affonso d'Albuquerque senão abandonar a fortaleza.

As immensas e repentinas chuvas remediárão hum pouco a sua preplexidade, consentindo que a esquadra passasse ao lado dos navios encalhados. O Governador Geral mandou matar cento e cincoenta refens, e para se acautelar da fome, ordenou que os cavallos do Hidalcão, que estavão em seu poder, fossem mortos e salgados. Fez depois disto a sua retirada, abandonando a fortaleza em huma noite escura; porém Noronha tendo imprudentemente incendiado hum ar-

mazem aos inimigos, estes o atacárão, e Affonso d'Albuquerque esteve a ponto de succumbir.

O Hidalcão entrando na cidadella teve de ver espectaculo de tantas cabeças cortadas, e de presencear os gritos e lamentos dos parentes dos mortos, que sendo todos dos principaes da cidade, pertencião a numerosas familias, que se encherão de luto. Durante este tempo Affonso d'Albuquerque navegava a todo o panno, e foi fundear n'huma espaçosa caldeira, entre a lingua de terra de Rebandar, a barra, e os fortes de Pangim, e de Bardez. O Hidalcão que o fez seguir por hum bergantim, lhe enviou Machado, afim de o entreter fazendo-lhe proposições de paz. Os Capitães Portuguezes querião absolutamente obrigar Affonso de Albuquerque a sair da barra, e posto que tal pretenção fosse contraria ao parecer de todos os pilotos, elles não cederão, senão quando virão naufragar o navio S. João, commandado por Fernando Peres d'Andrade, aquem o Governador Geral deo licença para tentar a sahida. A tripulação deste navio salvou-se a custo nas lanchas qne forão em seu auxilio.

O Hidalcão, vendo que o Governador Geral não aceitava as propostas de paz, mandou romper o fogo d'artilheria dos fortes de Pangim e Bardez. Os navios da esquadra soffrerão bastante damno. e a muito custo conseguirão achar abrigo. As desgraças ainda não tinhão chegado ao seu termo; bem depressa as provisões forão faltando; e os Portuguezes virão-se redusidos ao desespero da miseria e da fome. Tres dos Capitães Portuguezes renderão-se ao Hidalcão, e participarão-lhe a falta de viveres em que se achava a Esquadra. O Principe Indiano tomou hum partido que parecerá extraordinario; enviou huma embarcação cheia de mantimentos ao General Portuguez; mandando-lhe dizer que pertendia vencer os seus inimigos pelas armas, e nunca pela

fome. Este rasgo de generosidade podia occultar o desejo de saber exactamente se Affonso d'Albuquerque estava em huma privação absoluta Este o pensou pelo menos, e tendo feito pôr na tolda do navio o pouco vinho e biscoito que conservava para os doentes, como se cada hum dos seus guerreiros tivesse em abundancia destas provisões, reenviou o presente: « Dizei a vosso amo, respondeu elle ao Official do « Hidalcão, que muito lhe agradeço; mas que não recebe« rei dadivas suas em quanto não formos amigos. »

Como a esquadra continuasse a soffrer muito da artilheria dos fórtes de Pangim, e de Bardêz, Affonso d'Albuquerque resolveo tirar-se deste incomodo, tentando tomar de viva força os mencionados fórtes. A empreza era não só temeraria, mas ainda atrevida. Pela indisposição de animo em que se achavão os Officiaes, vio Affonso d'Albuquerque que não conseguiria resolve-los a consintir n'ella, quando elle a proposesse em concelho: por este motivo tendo-os reunido lhes manifestou, que estava resolvido a atacar o inimigo; que não pertendia obrigar ninguem a segui-lo, mas que se poria á tésta dos que de bom grado lhe obedecêssem. Esta maneira de propôr o negocio produsio o desejado effeito. Não houve hum só que se recusasse á empresa, e todos conviérão nella.

O Hidalcão que fôra avisado deste projecto por hum desertor Portuguez, havia reforçado a guarnição dos fortes, apezar d'isso o ataque foi dirigido não só contra os fortes, mas contra o campo do mesmo Camalcão; e sendo feito de noite, os Indianos surprendidos tiverão huma perda assás consideravel. Affonso d'Albuquerque fez transportar com toda a pressa á sua esquadra a artilharia que lhe havia sido tão funesta, e os viveres de que tinha tão grande necessidade.

O Hidalcão perdeo trez de seus capitães, cento e cin-

coenta Rumes, e cem Indios mortos. Elle ficou tão atterrado, que temendo que os vencedores viessem sitia-lo na cidade, saío della e fez ainda novas propostas de paz, vendo frustrados seus planos intentou incendiar a esquadra Portugueza, e para conseguir esse fim mandou appromptar grande quantidade de jangadas carregadas de materias inflamaveis, que devião ser seguidas e sustentadas por oitenta botes guarnecidos de tropa, cujo destino era destruir os Portuguezes, que se lançassem ao mar, quando os navios estivessem em chammas.

Não ignorava Affonso d'Albuquerque este projecto, e reflectindo julgou mais acertado prevenir o golpe, e ir incendiar as jangadas, antes que o inimigo fisesse uso dellas. Encarregou desta commissão a D. Antonio de Noronha, seu sobrinho, a quem deo tresentos homens escolhidos repartidos pelas lanchas, as quaes devião ser precedidas d'huma fusta, d'hum parão; e das caravellas de Fernando de Béja, e de Antonio d'Almada. Ordenou a estes ultimos que pozessem alguma gente em terra, para apprehenderem alguem que os podesse informar da situação dos inimigos; mas não tendo visto pessoa alguma de que podessem saber o que desejavão, e enfastiados de esperarem de balde, forão fundear na distancia de tiro de canhão da cidade; e nesta occasião Gonçalo de Castello Branco teve a intrepidez de ir com huma só lancha (apesar do fogo violento que lhe era dirigido) reconhecer o inimigo.

No momento do ataque, Noronha vio avançar para elle, do lado de huma pequena Ilha, trinta embarcações Indianas que o ião metter entre dous fogos, dividio então suas forças em duas esquadrilhas. A sua bravura, e a da sua gente forão coroadas pela victoria, sendo queimadas as jangadas, porém Noronha e alguns outros guerreiros correrão os mais imminentes perigos. Elle hia saltar em huma em-

barcação, aonde já tinhão entrado cinco Portuguezes, quando foi gravemente ferido, e cahio na sua lancha. Esforços heroicos salvarão estes intrepidos guerreiros e somente hum sucumbio no meio dos Indios.

Já se tem visto que o Hidalcão tinha hum caracter dotado d'essa generosidade cavalheiresca, de que os Mouros frequentemente se queixavão. Testemunha do valor dos cinco bravos Portuguezes entre os quaes mais se distinguirão os dous irmãos Andrades; elle mandou cumprimentar estes ultimos, e dizer-lhes que se fosse auxiliado por elles, tinha a certeza de subjugar bem depressa toda a India. Concebeo mesmo o projecto de lhes enviar hum presente; mas absteve-se persuadido que o não aceitarião.

A satisfação que Affonso d'Albuquerque teve por esta victoria foi cruelmente alterada pela morte de D. Antonio de Noronha. Elle derramava lagrimas pela perda deste sobrinho, quando soube que hum outro, D. Affonso de Noronha, acabava de naufragar sobre a costa de Cambaya, morrendo e muitos Portuguezes, e ficando captivos os poucos que poderão salvar-se na costa. Esta nova desgraça redobrou o seu desgosto.

Por sua firmeza, que algumas vezes chegou a severidade, o Governador Geral apasiguou novos tumultos; e como D. Antonio de Noronha, cujo espirito conciliador muitas vezes o tinha modificado, já não podia diminuir a sua cólera, elle a exerceo mandando até enforcar hum moço voluntario. Os dous Andrades, que intentárão deffende-lo, forão privados dos commandos das suas embarcações.

Fatigado dos obstaculos que os Officiaes oppunhão aos seus projectos, Affonso d'Albuquerque determinou-se emfim a deixar Gôa, deo á véla em 15 de Agosto de 1510, e

no mesmo dia teve a satisfação de avistar quatro navios chegados de Portugal debaixo do commando de Diogo Mendes de Vasconcellos. Dirigio-se a Cananor, aonde o Rei se havia de novo declarado pelos Portuguezes; e foi depois a Cochim, aonde por causa d'algumas desordens a sua presença se tornava indispensavel.

CAPITULO III.

ANNO DE 1510.

Affonso d'Albuquerque, tendo o maior empenho em reconquistar Goa, e vendo-se reforçado com duas frotas chegadas de Portugal, resolve levar a effeito esta empreza. Chega a esquadra a Goa; os inimigos são atacados, e Affonso d'Albuquerpue tem o prazer de ver cahir em seu poder os fortes de Bardez, e Pangim. Os Portuguezes accomettem a cidade, aonde penetrão; os habitantes lhe oppoem de todos os lados a maior resistencia. A entrada do palacio do Hidalcão he disputada com vigor, e ultimamente forçada. Os inimigos abandonão a cidade. Soffrem huma perda horrorosa. A cidade he saqueada e seus arrebaldes incendiados. Medidas adoptadas por Affonso d'Albuquerque afim de conservar Góa.

Quasi todos os soberanos da India lhe envião embaixadores para felicita-lo pela sua nova conquista, e sollicitar a sua alliança.

ElRei D. Manoel fez partir no principio do anno de 1510 trez esquadras com os seguintes destinos: huma de quatro embarcações, commandada por Diogo Mendes de Vasconcellos, devia dirigir-se a Maláca; a segunda de sete navios, sob o commando de Gonçalo de Sequeira, era destinada para a India; a terceira de trez velas, ás ordens de João Serrão, destinava-se a fazer o reconhecimento exacto de Madagascar, e das vantagens que podião colher-se desta Ilha. Serrão perdendo muito tempo em percorrer de porto em porto esta Ilha, sem que fosse mais feliz que os outros exploradores que o precederão, continuou a sua derrota para as Indias.

A vinda de todas estas forças maritimas causou excessivo prazer a Affonso d'Albuquerque, que desde logo resolveo ir reconquistar Goa; porem desconfiando com rasão dos seos officiaes, submetteo-lhes o projecto de renovar aquella expedição, e teve o jubilo de ver que elles o approvavão. Para mais os ligar, fez que assignassem por escrito o seu consentimento. Alguns, com tudo, lhe suscitárão duvidas; mas a final em o principio de Novembro de 1510 sahio a esquadra de Cananor, e foi surgir em Onor, que então festejava o casamento de Timoja, que esposava a filha da Rainha de Gozampa.

Affonso d'Albuquerque quiz honrar estas nupcias com a sua presença, e terminadas as festas sahio d'Onor com uma armada de 23 velas (além de mais tres que Timoja lhe ajuntou) e 2000 Portuguezes, e alguns Malabares. (*) Timoja deixando alli sua esposa, reunio tres mil homens de suas tropas para se apresentar em frente de Goa.

Nesta cidade foi tão grande o terror pela chegada da armada portugueza, que os fortes de Pangim e de Bardez forão logo abandonados pelas suas respectivas guarnições. Affonso d'Albuquerque os mandou occupar e guarnecer, enviando algumas lanchas ás ordens dos dous irmãos D. João, e D. Jeronymo de Lima, para fazerem o reconhecimento das fortificações da cidade. Estes dous Capitães desempenharão tão satisfactoriamente esta commissão, que apesar do continuo fogo da artilheria, e da grande quantidade de frechas que se lhes disparava, chegarão quasi junto da cidadela.

O Hidalcão, tendo guerra nas fronteiras dos seus estados, partira para o exercito, deixando em Goa huma guarnição de nove mil homens, entre os quaes se contavão dois mil Rumes, achando-se a cidade bem fortificada e abastecida de viveres e muniçõens de guerra. Affonso d'Albuquerque tendo regulado seu plano de operações, effectuou o desembarque duas horas antes do romper do dia 25 de Novembro de 1510 (**).

Os dous Limas, Vasconcellos, e outros, atacárão impetuosamente huma fortificação avançada, e perseguírão os inimigos até á porta da cidade, que recebeo depois a denominação de Santa Catherina: não a pudérão fechar os Indios porque Diniz Fernandes de Mello metteo entre os dous

(*) (**) Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

batentes o ferro da sua lança. Os Portuguezes então, a pesar das settas e das pedras que lhes arrojavão das casas, avançárão até ao palacio do Hidalcão, em quanto Affonso de Albuquerque entrava por outro lado. Os inimigos com tudo se defenderão com valor, e D. Jeronymo de Lima foi mortalmente ferido. D. João, seu irmão, queria demorar-se em soccorre-lo; mas o heroe Portuguez não consentio, e lhe ordenou acabasse de derrotar os inimigos. Entre aquelles que mais, se destinguirão contarão-se tambem Vasconcelos e Manoel de Lacerda. Este ultimo tendo no rosto o ferro de huma frecha, continuou a combater com a mesma valentia, e montado no cavallo de hum inimigo que matára, conseguio ainda afugentar oito, e persegui-los.

Quando Affonso d'Albuquerque ajudado por semelhantes guereiros se vio seguro do triunfo, mandou fechar as portas para conservar as suas tropas reunidas, e foi dar as devidas graças a Deos por huma tão grande victoria. Usando depois do privilegio que tinha como representante do Monarca fez cavalleiros a Frederico Fernandes, que fora o primeiro que entrára na cidade, Manoel da Cunha, e alguns outros que mais se havião avantajado.

Houve nesta acção, da parte dos Portuguezes, de quarenta a cincoenta homens mortos(*), e mais de trezentos feridos, no numero dos quaes se contárão os dous irmãos Andrades, que erão sempre os primeiros a combater; da parte dos inimigos foi a perda mui consideravel tanto dos que morrerão ao ferro do vencedor, como dos que se precipitárão do alto das muralhas, e dos terrados das casas, e dos que se affogaram, precipitando-se no mar. Affonso d'Albuquerque

(*) As pessoas principaes mortas nesta acção forão D. Jeronymo de Lima, Antonio Vogado, Antonio Garcez, e Vasco da Fonseca, os quaes deixárão todos bem vingadas as suas mortes,

mandou lançar fogo aos arrabaldes da cidade, para se vingar dos Canarins e Malabares, que havião auxiliado a volta do Hidalcão, e para punir os habitantes entregou a cidade ao saque, e desta vez não diminuio os tributos que elles pagavão ao seu antigo Senhor.

Os Mouros que se encontrarão na Ilha forão passados á espada. Durante muitos dias fizerão-se montarias a estes miseraveis como se fossem féras, sendo os naturaes do paiz os que mais damno lhes causarão. Soube-se com certeza (*) que forão mortos mais de seis mil d'ambos os sexos. Alguns ainda conseguirão fugir pelos váos para o continente. A raça moura ficou extincta na Ilha

Acharão-se em Goa cem bombardas, 200 cavallos, muitos mantimentos, e grande quantidade de munições de guerra (**).

Tal foi a rapidez desta empreza, que Timoja e seus tres mil homens chegárão já quando o seu auxilio era inutil.

Affonso d'Albuquerque resolvido a fazer de Gôa huma cidade Portugueza, tratou mui favoravelmente aquelles dos seus compatriotas que alli quiserão ficar; repartio por elles os bens da maior parte dos vencidos, e os cazou com as filhas dos Indios; manifestou mesmo grande satisfação de presidir a estas nupcias. A' vista destes arranjos sustentados por huma grande força, todos os pequenos Principes já submettidos se tornárão mais exactos em cumprir as obrigações que havião contractado Outros mais consideraveis pedirão sem demora as leis do vencedor. Cumprimentado emfim por Embaixadores da maior parte dos Soberanos da India, e cercado por huma brilhante côrte, Affonso d'Albuquerque pareceo então hum digno Representante d'ElRei D. Manoel.

(*) (**) Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

CAPITULO IV.

ANNO DE 1511.

Affonso d'Albuquerque, depois de ter ouvido o parecer dos seus Capitães, intenta conquistar Malaca: sahe a esquadra de Goa, fazendo escalla na sua derrota por diversos portos. Descreve-se o estado das fortificações de Malaca: Affonso d'Albuquerque intima Mahamud para que lhe entregue Rui d'Araujo, e todos Portuguezes que tinha em seu poder; em consequencia do Rei não annuir a semelhante exigencia rompem-se as hostilidades, e os Portuguezes lanção fogo a alguns dos arrabaldes da cidade. Atterrado o Rei consente na entrega dos Portuguezes; Affonso d'Albuquerqne faz novas exigencias, reclamando que se lhe pague o valor dos objectos roubados ou des-

truidos aos Portuguezes, e as despezas feitas com a esquadra bem como que se lhe indique o local para a construcção d'huma nova fortaleza. Mahamud finge assentir a estas proposições, porem conhecida a sua má fé Affonso d'Albuquerque ataca a cidade. Os Portuguezes assenhoreião-se da ponte que communica com as duas partes da cidade. Grandes gentilezas que praticão os Portuguezes. Os inimigos deixão a cidade, que os Portuguezes occupão, não dando quartel senão aos Estrangeiros. Os Mouros que não são passados á espada ficão escravos. Riquezas immensas que se encontrão na cidade. Para estabelecer-se solidamente em Malaca Affonso d'Albuquerque adopta os mesmos meios que em Gôa. Suas disposições conciliadoras chamão os habitantes para a cidade; trata de construir a cidadella. Mahamud fortifica-se na margem do rio Muar. Os dous Andrades á testa de mil e tresentos homens Portuguezes, Jávas, Malaios e Pegus o desalojão, e lhes tomam parte da equipagem. Affonso d'Albuquerque estabelece em Malaca huma nova moeda corrente; esta medida lhe grangea a affeição do povo.

Affonso d'Albuquerque tinha muito a peito consolidar em Goa o dominio Portuguez; e por isso todos os seus esforços tendião para que os inimigos não podessem retomar esta Cidade. Desde o fim de Novembro de 1510 até Março de 1511, todo o seu cuidado foi em tornar solidas as fortificações, e ao mesmo tempo estabelecer hum Governo sobre bases firmes e duraveis, de sorte que tanto interna como externamente pudesse offerecer ao inimigo huma barreira inexpugnavel.

Por outro lado ElRei D. Manoel não cessava de mandar reforços para a India. Em Março de 1511 chegaram a Goa as embarcações que tinhão partido no anno antecedente, e por esta occasião ElRei escreveo a Affonso de Albuquerque, dizendo-lhe que recebera noticias do Levante; pelas quaes lhe constava que o Soldão do Egypto, annuindo ás exigencias do Çamorim, e dos Reis d'Ormuz, Adem, e Cambaia, preparava em Suez huma nova armada contra os Portuguezes; pelo que ordenava ElRei ao Governador Geral da India adoptasse as medidas que julgasse necessarias para obstar ás hostilidades do Califa, e por ultimo recommendava que obrigasse o Rei d'Adem a dar o seu consentimento para que se edificasse huma fortaleza na sua Capital, e no caso de não poder conseguir esta permissão amigavelmente, ou por meio das armas, então seria conveniente levantar huma cidadella na Ilha de Camarão, posição superior a de Socotará, pois que ahi podião os navios invernar.

Affonso d'Albuquerque despachou a Fernando de Beja para destruir a fortaleza da Ilha de Saeotará, porque á sua inutilidade accrescião as despezas da sua conservação.

Combinadas assim as cousas o Governador Geral deixou ficar em Goa de guarnição quatrocentos Portuguezes, e alguns batalhões d'Indios; e sahio com a esquadra em que ião oitocentos Portuguezes e quatrocentos Malabares ao nosso serviço: de passagem tocou em Cananor e Cochim, e tendo nesta ultima cidade acabado de regular os negocios do seu governo proseguio em sua derrota, atravessando o Golfo de Bengala; aprisionou alguns navios de Cambaia que navegavão sem passaportes seus, e surgio em Pedir, na Ilha de Çamatra. O Rei de Pedir, intimidado com a chegada do Governador Geral lhe enviou dez Portuguezes da gente de Rui d'Araujo que havião fugido de Malaca. Estes o informá-

rão da revolução que tivera logar na cidade, em que o Rei tendo corrido risco de ser destronado pelo Bandará, seu tio, havia prevenido seus designios, mandando-o decapitar. A mesma sorte esperava o Sabandar dos Guzoratas, que evitára o golpe, fugindo para a côrte do Rei de Pacem onde então se achava. Como o Bandará e o Sabandar havião sido os principaes authores da traição feita a Diogo Lopes de Sequeira, esta noticia encheo de jubilo o General, tirando d'ella hum feliz agouro.

A esquadra tocou em Pacem, onde pouco se demorou, e seguindo sua derrota foi fundear em frente de Malaca. Mahamud surprehendido pela repentina chegada dos Portuguezes, mandou comprimentar Affonso d'Albuquerque, desculpando-se o melhor que podia pelo máo tractamento que havia sido dado a Diogo Lopes de Sequeira, lançando todo o odioso sobre o Bandará, o qual pelo seu iniquo proceder já tinha sido castigado com a pena ultima. Affonso d'Albuquerque fingio attender a semelhantes desculpas, e contentou-se com exigir que se lhe entregasse Rui de Araujo, e os demais Portuguezes, bem como tudo que pertencia a ElRei de Portugal.

A Mahamud sobrava-lhe a vontade de dar a Affonso d'Albuquerque alguma satisfacção pelo medo que lhe inspirava a sua presença, e mesmo pela incerteza em que estava se deveria optar pela paz ou pela guerra, porém nada decidiá por satisfazer os partidistas da guerra entre os quaes se contavão Aladin, seu filho, Principe hereditario de Malaca, hum filho do Rei de Pam ou Pahang, que tinha vindo a esta cidade para esposar a filha de Mahamud, e o novo Sabandar dos Guzaratas, que não era menos inimigo dos Portuguezes, que seu antecessor.

Passados alguns dias o Rei, instigado pelas intrigas

das pessoas acima referidas, não satisfez á reclamação pedida; todavia como não lhe convinha declarar-se decedidamente hostil, tractou d'entreter Affonso d'Albuquerque com boas promessas para dar tempo ao seu Almirante que chegasse com a esquadra, e se aproximassem os bateis de remos que estavão promptos, afim d'incendiar a armada Portugueza.

Com tudo, tão groseiro era o modo, por que elle entretinha o general que podia olhar-se como hum insulto. Não deixou Affonso d'Albuquerque de o conhecer, e foi-lhe preciso todo o seu sangue frio, para não perder a paciencia; porem julgava que devia soffrer tudo, por causa de Rui de Araujo, a quem devia grandes obrigações, e o qual se achava em Malaca em risco de vida, alem do que persuadia-se que devia ter esta contemplação para com as ordens de ElRei, que não queria que qualquer negocio importante se tratasse por meio da força em quanto houvesse esperanças de o effeituar pelos meios da moderação.

Affonso d'Albuquerque, sabendo que Rui d'Araujo, e os demais Portuguezes prisioneiros em Malaca tinhão sido ameaçados de que serião mortos logo que começasse o ataque contra a cidade, achava-se proplexo sobre o que deveria fazer, quando recebeo este bilhete do bravo Rui d'Araujo: « Não penseis mais do que a gloria, e vantagens de Portu-« gal; se eu não posso ser hum instrumento do vosso triun-« fo, não seja pelo menos hum estorvo. » O Governador Geral rompeo immediatamente as hostilidades, mandando as lanchas para lançarem fogo aos arrebaldes da cidade, e alguns navios. Esta medida sortio tão bom effeito, que Mahamud immediatamente mandou entregar Rui d'Araujo, e todos os mais Portuguezes, que tinha em seu poder, rogando por favor ao general que não estorvasse os trabalhos necessarios para extinguir o fogo.

O prazer de que se possuio o general de tornar a ver Rui d'Araujo e seus companheiros augmentou sua coragem; mandou dizer ao Rei: Que exigia o pagamento dos objectos roubados e destruidos na Feitoria, bem como as despezas daquella expedição, e que lhe desse permissão para construir huma fortaleza na cidade; «porquanto depois da traição «que se fizera a Diogo Lopes Sequeira, não convinha que «os subditos d'ElRei ficassem expostos a iguaes perfidias.» Mahamud desimulou aceitar estas propostas, e até permittio que o general escolhesse o local que lhe conviesse para a construcção da cidadella. Os pretextos porem de que se servio, e os avisos secretos d'alguns Indios amigos dos Portuguezes, derão claramente a conhecer a sua má fé, e Affonso d'Albuquerque decedio-se alfim a empregar a força, e dar hum assalto. Rui d'Araujo fez-lhe saber que logo que a ocupação da ponte que dividia em duas partes a cidade, podia decidir da victoria, ou pelo menos as forças do inimigo se enfraquecerião, visto que metade da força ficaria impossibilitada de communicar com a outra. A ponte estava bem fortificada; tinha-se levantado n'ella huma especie de castello de madeira commandado por hum dos principaes officiaes do Rei. A cidade tambem tinha fortificações, sendo a sua guarnição bastante numerosa.

No dia do Apostollo S. Tiago (1511) teve lugar o primeiro ataque contra Malaca (*) Quando os Portuguezes desembarcaram ainda não tinha amanhecido; porem soffreram ainda assim hum vivissimo fogo d'artilheria e mosquetaria.

D. João de Lima commandava o corpo que desembarcou á direita da ponte; Affonso d'Albuquerque poz pé em terra da esquerda, e os dous chefes concertaram o plano de

(*) Commentarios d'Affonso d'Albuquerque.

atacar os inimigos pelos flancos, fazendo depois juncção na ponte.

Rompeo o combate de todos os lados com bastante coragem. Logo no começo Affonso d'Albuquerque forçou os entrincheiramentos, sendo o primeiro a entrar Simão d'Andrade. Apóz longo e mal ferido combate o general conseguio penetrar até á ponte e tomar posse de metade d'ella. Admiravam-se porem todos que D. João de Lima, tendo desembarcado no extremo opposto, não tivesse feito outro tanto, e por isso Affonso d'Albuquerque estava summamente perplexo sobre as posições que havia tomar. A falta de D. João de Lima tinha huma explicação facil: atacado antes de chegar á ponte por Aladim e o filho do Rei de Pam, seu cunhado, á testa de hum numeroso corpo de tropas, apenas começara a peleja, elle se vira obrigado a dividir a sua força para ao mesmo tempo arrostar com o Rei que vinha de lhe tomar a retaguarda. Ia este Principe montado n'um elephante, precedido d'outros dous, e seguido d'um maior numero d'elles, escoltados por mais de quinhentos homens. Cada elephante levava sobre si huma torre guarnecida de homens armados de fouces, e de sabres. O primeiro aspecto d'estes animaes não deixou de intimidar os Portuguezes; porem D. João de Lima os mandou atacar de flanco. Fernando Gomes de Lemos, e Vaz Fernandes Coutinho, trespassarão com suas lanças o elephante em que montava o Rei, o qual sentindo-se ferido, deo grandes urros, tomou com a tromba o seu conductor, espesinhou-o, e voltando a traz, lançou por terra os que o seguião, pondo tudo em desordem. Mahamud, que conheceo o perigo que corria, estando já ferido na mão, desceo como pôde, e fugio. A tropa de Aladim não tendo feito mais resistencia desde que cessou a do Rei, D. João de Lima se apoderou da mesquita, e do outro extremo da ponte.

O Governador Geral não havia tido pouco que fazer:

porque ao tempo que o Rei se apresentou para atacar D. João de Lima tres dos principaes officiaes d'este Principe se separárão delle, e correrão á ponte seguidos d'huns setecentos homens para se opporem ao General, que desta sorte se achou entre dous fogos, obrigado ao mesmo tempo a arrostar estes, e os que vinhão do lado opposto, que correspondia á rua principal da cidade, donde sem cessar destacavão novas tropas sobre elle, alem disso achava-se extremamente incommodado pelas frechas, e materias inflammadas que lhe arremeçavão do cimo dos terrados das casas mais proximas á ponte, sem que podesse por-se a coberto dellas. Logo que D. João de Lima chegou á ponte, os inimigos metidos entre dous fogos forão obrigados a precipitar-se no rio para se poderem salvar nas margens oppostas. Affonso d'Albuquerque tractou de se fortificar sobre a ponte com os mesmos materiaes que os inimigos ahi tinhão, e fez collocar dous canhões á entrada do entrincheiramento que enfiava a rua principal e para se livrar da importunação dos terrados, destacou Gaspar de Paiva, e Simão Martins, cada hum com cem homens para irem lançar fogo ás casas. Este pegou com tanta facilidade, que muitas dellas forão consumidas juntamente com huma parte do palacio real, e outro pequeno palacio ambulante que se movia sobre rodas, o qual o Rei mandara construir para divertimento, nas nupcias da Princeza sua filha.

Affonso d'Albuquerque não poude conseguir fortificar-se sobre a ponte, pois tinha de combater sempre novos inimigos; sua gente achava-se já extremamente fatigada; havia passado toda a noite em armas; combatido durante todo o dia, e soffrido bastante pela fome, sêde, pelo intenso calor do dia. Apenas podião ter-se em pé. Temia alem disso o general a volta da força naval inimiga, ou as maquinas que os inimigos podião soltar contra seus navios para os incendiar, de sorte que tomou o partido de se retirar, re-

solvido a voltar outra vez á carga, e satisfeito do que praticára neste dia.

Tendo o Governador Geral o maior empenho em conquistar Malaca mandou armar hum grande junco (*) para bater a ponte, e encheo-o de ferramentas proprias para remover a terra, para della se servir quando lhe fosse necessario abrir trincheiras. Este junco, que bem parecia huma fortaleza fluctuante, devia postar-se de maneira que dominasse a ponte; como porem as marés não fornecessem sufficiente agua, foi necessario empregar muitos dias para o rebocar e fazer avançar pouco a pouco, á medida que as aguas augmentavão pela approximação da Lua nova. Os inimigos fizerão quanto poderão para o queimarem, e em cada preamar largavão duas ou trez maquinas cheias de materias inflamaveis, as quaes erão sempre afastadas pelas lanchas guarnecidas de longas varas, e de arpéos. As baterias da margem não cessavão de o crivar em diversos logares. O fogo de mosqueteria e as frechas, que de todos os lados se lhe dirigião igualmente produzia grande effeito, e Antonio d'Abreu que o commandava teve ambas as faces feridas o que não embaraçou este bravo de continuar a combater com o maior valor.

Affonso d'Albuquerque observando dia de S. Lourenço que o junco podia ser levado até á ponte, renovou o ataque. Os inimigos que tiverão tempo para se prepararem, fazião hum fogo terrivel, não obstante effeituou-se o desembarque. Diniz Fernandes, Jorge Nunes de Leão, Nuno Vaz de Castello-Branco, e Thiago Teixeira, sendo os primeiros que forçarão as trincheiras, á testa de suas respectivas companhias, forão atacar a mesquita. Por outra parte Affonso d'Albuquerque evitando pelos avisos que se lhe fez, as mi-

(*) Navio Indiano.

nas, e os estrepes envenenados que Mahamud havia mandado dispor nos sitios por onde suppunha que elle passaria, conseguio impellir os inimigos adiante de si, até ao meio da rua principal, onde empregou os maiores esforços, para se apoderar d'hum entrincheiramento que os Mouros ahi havião estabelecido, e em que combatião com extremo denodo; apoderando-se delle deixou aqui huma parte de suas tropas, e voltou com a outra, para auxiliar os que atacavão a mesquita e teve o praser d'achar a ponte livre pelo valor de Antonio d'Abreu. Os que combatião na mesquista, tendo obtido o mesmo resultado, havião-na ganhado á força de armas, antes de ter chegado Mahamud á testa de tres mil homens para a defender, de sorte que vendo este Principe por esta parte o negocio concluido, fugio precipitadamente.

O Governador Geral querendo fortificar-se sobre a ponte, mandou collocar quatro barcas em cada huma das extremidades da mesma, bem guarnecidas de artilheria, para defender as margens do rio. Fez depois tirar do junco as barricas que para alli se havião levado, ordenou que as enchessem de terra, e com ellas construio duas baterias, huma do lado da mesquita, e outra do da rua principal. Tendo desta sorte fortificado as avenidas, fez cobrir tanto a ponte como o junco com grandes velas, para que ahi se podesse estar a coberto das frechas, os Portuguezes fizerão então os ultimos esforços, e avançando pela cidade derrotarão os inimigos.

Persuadia-se o general ter ainda muito que fazer no dia seguinte no ataque do palacio, porem o Rei o tinha abandonado, retirando-se durante a noite para a côrte do Rei de Pam, donde escreveo aos Principes visinhos, empenhando-os no restabelecimento de seu poder.

A cidade, abandonada pelos habitantes, foi entregue ao saque. Acharão-se thesouros immensos, armazens cheios de ricas mercadorias, e tres mil peças de artilheria, das quaes duas mil erão de bronze. (*)

Esta conquista feita por oitocentos Portuguezes e quatrocentos Malabares auxiliares, não custou mais do que oitenta homens, parte dos quaes só morrerão, por serem as frechas que os ferirão envenenados, e cujo antidoto ainda se ignorava. Os inimigos soffrerão grande mortandade. Não se pode negar-, que elles se defenderão com o maior denodo; mas observou-se então quanto pode a bravura, e de que são capazes os homens corajosos, sendo conduzidos ao combate por hum grande Capitão.

Como os Portuguezes se limitárão só á posse da cidade, aquelles dos habitantes, que seguião hum Mahometismo corrompido, retirarão-se para o interior das terras Os partidarios do Rei fortificarão-se na margem do rio Muar oito legoas de Malaca, cujo leito fecharão para obstar á passagem dos bateis que poderião fazer correrias sobre o seu campo.

Os Estrangeiros, residentes em Malaca, não forão encommodados, mas pelo que toca aos Mouros, tanto Guzaratas, como naturaes de Malaca os que escaparão á matança geral forão feitos escravos.

Deccoridos alguns dias, o Utemuta-Rajá mandou pedir ao Governador Geral licença para regressar á cidade com os Jávas do seu commando, o que foi concedido. Ruy d'Araujo intercedeo por Ninachetú, Indio notavel por sua probidade, e por suas riquezas, que por espirito de reli-

(*) Commentarios d'Affonso d'Albuquerque

gião, havia soccorridos os Portuguezes durante o seu captiveiro, e continuára ainda a avisá-los do que contra elles se tramava.

O vencedor, adoptou depois dos tres dias de saque, as medidas que havia estabellecido na pacificação de Goa, e para consilidar o governo conferio a intendencia dos estrasgeiros a Utimuta-Rajá, e a dos idólatras a Ninachetu; porque aquelle tinha bastante credito e authoridade sobre os individuos de sua seita; este muita probidade. Não tardou que estes dous homens fizessem recolher para a cidade os habitantes que o terror dispersara; de sorte que Mahamud e o Principe Aladim que havião acampado na margem do rio Muar, não poderão obstar á deserção d'uma parte dos que o havião accompanhado em sua desgraça, mais pelo receio do dominio estrangeiro do que por affeição á sua pessoa. Desta sorte começou a cidade a povoar-se, e a tornar-se outravez commercial.

Ruy d'Araujo informou o Governador Geral que não havia pedra em Malaca; porem os Indios denunciárão o sitió em que se podia encontrar, e tendo-se escavado a terra junto a huma montanha não só se encontrarão muitas sepulturas dos antigos Reis, todas de cantaria, mas descobrio-se huma especie de pedra propria para fazer cal. Satisfeito por esta descoberta, elle não abandonou o seu primeiro projecto, de construir provisoriamente hum forte de madeira que devia necessariamente ser concluido o mais breve possivel. No mesmo dia em que se deo principio a estes trabalhos elle lançou tãobem os fundamentos da cidadella ao pé daquella montanha; e para que esta a não dominasse, fez levantar huma torre no seu cume. Igualmente mandou edificar huma Igreja, sob o nome de N. S. da Annunciação, e hum hospital para infermos.

A edificação de todas estas obras progredia com a maior diligencia, porque o General, vendo que os seus, por si sos, não erão bastantes para estes trabalhos, empregou tãobem os *Ambaragas*, classe infima do povo, a que chamavão *Escravos do Rei*, e que erão mantidos á custa do Estado.

O Rei de Malaca persuadiu-se que os Portuguezes se limitarião a saquear a cidade, levando comsigo todas as riquezas que n'ella encontrassem para o Indostão. Quando porem observou as medidas por elle adoptadas para alli se fixar, quiz persuadir-se que poderia ainda expulsal-os com os soccorros que esperava; tanto mais que acabava de receber a noticia de que Laczamana, Almirante da sua armada, e o Principe da Ilha de Linda seu subdito estavão a caminho para Malaca, e já não estavão longe. Vendo porem o Principe de Linda que a cidade estava occupada pelos inimigos retrocedeo, e Laczamana fez propostas de paz a Affonso d'Albuquerque, que não aceitou; no entanto nada d'isto surtio o dezejado effeito pelo ciume dos Indios, a que o General tinha prestado o seu apoio. Em consequencia do que elles temendo que Laczamana, homem de bastante merito, obtivesse mór credito e consideração junto do General occultamente o avisaram de que o pertendião assassinar, o que fez com que a negociação fosse interrompida.

Entre tanto Affonso d'Albuquerque a quem a proximidade de Mahamud e de Aladim importunava muito, resolveo desalojá-los daquelle porto, antes que tivessem tempo de se fortificar, de forma que fosse depois impossivel consegui-lo. Encarregou desta commissão os dous Andrades, que á testa de quatrocentos Portuguezes, seiscentos Javas, e trezentos Malaios do Reino de Pegú, os surprenderão tão repentinamente que não tiverão tempo senão para fugir, abandonando quasi todas as suas bagagens, e sete elephantes ricamente ajaezados.

As leis promulgadas em Malaca, fundadas na equidade, e justiça forão recebidas pelos habitantes com agrado; e em verdade ellas fazião sentir o contraste do precedente Governo que tão violento e tyrannico fora. Mas o que acabou de atrahir a affeição do povo para com Affonso d'Albuquerque foi o estabellecimento d'huma nova moeda. Ao passo que a sua politica o obrigava a fazer huma lei que prohibia o uso de outra que não fosse a nova sob pena de morte, promoveo que a publicação deste edicto se fizesse com huma pompa e huma liberalidade excessiva.

Nada faltava para que o espectaculo fosse grandioso. Adiante ia o Governador da cidade em cima d'hum elephante com o seu castello guarnecido de seda, levando nas mãos a bandeira Real de Portugal; após caminhavão os principaes habitantes da cidade formados em allas de dous e dous. Seguia-se hum outro elephante igualmente com um castello em cima, onde ia hum Indio deitando os pregões; huma alla de trombetas ia na retaguarda d'este segundo elephante, e finalmente fechava o cortejo hum terceiro ricamente ornado, e com hum castello de madeira, onde se vião Antonio de Souza, filho de João de Souza Santarem, e o filho de Ninachatu, lançando ás mãos cheias a nova moeda d'ouro, prata, e estenho, ao povo todas as vezes que terminava cada pregão do Indio. A multidão mal cabia pelas ruas; trangia varios instrumentos a seu uso, e quando cahião as moedas lançavão-se huns sobre os outros avidos de colher huma riqueza para elles desconhecida: e nessa occasião em altos clamores saudavão o grande Affonso d'Albuquerque.

CAPITULO V.

ANNO DE 1511 E 1512.

A noticia da tomada de Malaca pelas armas portuguezas produzio grande agitação nas Cortes dos Principes visinhos. Elles mandão seus embaixadores a comprimentar Affonso d'Albuquerque por esta conquista, e a solicitar a sua alliança. Reconhecimento das Malucas. Affonso d'Albuquerque nomea as Authoridades para o Governo de Malaca, e parte para o Indostão. Infructuosas tentativas de Polatecão, official do Hidalcão, para recuperar Goa. Vigorosa defensa desta. Rodrigo Rebello seu Governador é morto. Succedelhe ao Governo da praça Diogo Mendes Vasconcellos, então ainda considerado preso d'Estado. Polatecão faz-se suspeita aò Hidalcão, e é rendido por Roçalcão. Disposições

hostis deste chefe contra a praça. Assalta-a por differentes vezes, e é sempre repellido. Apuro a que se vê redusida a cidade, e deserção de muitos portuguezes para o inimigo. Esta vem a cessar, e porque causas. Circumstancias que melhorão o estado da cidade. Affonso d'Albuquerque naufraga na costa de Çamatra e é salvo por hum dos navios da armada, e depois de varios incidentes entra em Cochim, aonde pela noticia que correra do naufragio era já reputado morto.

A noticia da tomada de Malaca, causou grande agitação em todas as cortes dos Principes visinhos, todos elles por diversos motivos politicos, mandarão seus embaixadores comprimentar Affonso d'Albuquerque pela sua victoria, e obterem a sua alliança, o mesmo Rei de Sião o mandou saudar por ter castigado hum de seus subditos rebeldes, e testemunhou o prazer que tinha em viver em boa intelligencia com a coroa de Portugal. Affonso d'Albuquerque recebeu todos estes embaixadores com apparato e grandes demonstrações de distincção, e depois de os ter despedido, enviou tambem os seus ás differentes cortes.

Duarte Fernandes foi para Sião e como o Rey deste paiz mandasse presentes e huma carta para ElRei de Portugal, Affonso d'Albuquerque lhe correspondeo, enviando a *Hodiá*, corte de Sião, por embaixadores Antonio de Miranda de Azevedo, e Duarte Coelho.

Ao *Pegú* foi mandado Ruy da Cunha (que outros chamão Gomes da Cunha) o qual assentou ajustes de paz com o Rei, &c.

Pelo mesmo tempo recebia Affonso d'Albuquerque em Malaca embaixadores de hum Rei da *Jahua*, do Rei de *Campar*, de hum dos Reis da Ilha de *Çamatra*, e de outros Reis, e senhores do sertão, e das Ilhas visinhas, parte dos quaes se fizerão vassallos, e parte amigos e confederados d'ElRei de Portugal. (*)

Para assentar o trato de *Maluco* mandou Affonso d'Albuquerque trez náos, e hum junco. Nas náos ião Antonio d'Abreu, Capitão-mór da armada, e Francisco Serrão, e Simão Affonso: no junco ia por Capitão hum mouro, que costumava navegar para *Maluco*, e era vassallo de Portugal. Huma das náos se perdeo através de *Jáo*. As mais forão ter á Ilha de *Banda* onde estiverão quatro mezes, voltando a *Malaca*, sem irem ao seu destino, tanto pela demora da monção, como porque alli mesmo receberão de *Maluco cravo*, com que se carregarão as náos, Abreu porém enviou ao Rei de Maluco as cartas Affonso d'Albuquerque.

Nesta viagem, e já no anno de 1512 descobrio Antonio de Abreu a Ilha de *Amboino*, e Francisco Serrão passou a *Ternate*, huma das *Malucas*.

O Archipelago das Ilhas Malucas parece obra de algum fogo subterraneo. Montes orgulhosos, cujos cumes se perdem em as nuvens; rochedos enormes collocados huns sobre outros; cavernas hediondas, e profundas torrentes que se precipitão com huma violencia extrema; vulcões annunciando sem cessar huma destruição proxima: hum igual cahos faz nascer aquella idéa, ou a fortifica pelo menos. Ignora-se como estas Ilhas forão ao principio povoadas: mas

(*) (*Castanh.* liv. 3 da *Hist. da India*, e Goes na *Chron. de ElRei D. Manoel.*)

parece provavel que os de Java, e os Malaios lhes dessem as leis. No começo do seculo 15.° os seus habitantes erão huma especie de selvagens. Os Chinas tendo por acaso tocado naquellas Ilhas, descobrirão o cravo, e a noz moscada. O gosto foi bem depressa espalhado em as Indias, donde passou á Persia, e Europa. Os Arabes que tinhão então em seu poder quasi todo o commercio do Universo, não despresárão huma tão rica possessão, e se arrojarão em multidão nestas Ilhas tornadas celebres, e se havião apoderado já das producções, quando os Portuguezes, que por toda a parte os perseguião, lhes vierão disputar este grande manancial da sua prosperidade.

Affonso d'Albuquerque nomeou Ruy de Brito Patalim Governador Civil e militar de Malaca, Ruy d'Araujo Feitor, e Fernando Peres d'Andrade a quem deo dez velas, Capitão mór daquelles mares. Fez outras muitas nomeações, depois do que deo á vela para voltar ao Indostão, com grande sentimento do povo de Malaca, que fez as mais vivas instancias para o determinar a ficar ainda por algum tempo.

Goa não deixou de resentir-se da ausencia do Governador Geral e pouco faltou que não recahisse no poder de seus primeiros dominadores. O Hidalcão desejava recuperar esta praça que fora sempre a sua melhor prenda. Elle espreitava o momento da partida de Affonso d'Albuquerque, porem achando-se occupado com a guerra que lhe movião seus visinhos no interior das terras, não pode tentar a empresa em pessoa, e foi obrigado a comettel-a a Pulatecão, a quem deo tres mil homens d'infanteria, e alguma cavalaria. Timoja e os seus Indios foi appresentar-lhe batalha; ao principio teve vantagem, porem tendo a imprudencia de perseguir com poucas forças o inimigo, este tomando animo bateo os Indios, e alcançou huma completa victoria. Timoja envergonhando-se de voltar a Goa foi para o Reino de

Narsinga, porem o Rei deste paiz violando os direitos de hospitalidade o fez assassinar.

Pulatecão avançou então athe Benastarim, e tentou inutilmente sublevar os Indios da Ilha que se conservarão fieis e avizarão de tudo Rodrigo Rebello, Governador de Goa, para que provesse na segurança da Ilha, fazendo guardar as passagens. Com effeito elle deo boas ordens, e com muita promptidão. O General inimigo não se desanimou, e tendo feito preparar quantidade de bateis ligeiros cobertos de couro, e escolhido huma noite escura, e chuvosa, enganou os Portuguezes divertindo-lhes a attenção e não só atraveçou a Ilha sem ser percebido, mas tomou ainda duas caravellas, e passou á espada os que as guardavão.

Pulatecão para se aproveitar da primeira perturbação, que a sua passagem devia causar em Goa subornou hum Indio, a quem ordenou, que fosse á cidade e dissesse confidencialmente ao Governador que 200 mouros tinhão entrado na Ilha, e estavão postados na antiga Goa, onde seria facil surprendelos. O Governador corajoso mas pouco prudente, cahio no engano contra o parecer do Coje-Qui, a quem o avizo pareceu suspeito. Enviou primeiro Fernando de Faria para descobrir: porém seguindo logo a impetuosidade dos seus poucos annos, sahio na frente de quarenta cavallos, e quinhentos Indios. Tanto que elle se adiantou, o traidor que tinha dado o falso aviso descobrio a sua velhacaria aos Indios, que o seguião, disse-lhes o verdadeiro numero dos inimigos, e salvou-se. Estes pararão vendo a desigualdade do partido.

Rodrigo Rebello descobrindo de cima de hum outeiro os inimigos, que passavão de quinhentos, e vendo-se abandonado dos seus Indios, ficou surprehendido, porem tendo demasiado valor grita aos Portuguezes que o sigão, e avan-

ça sobre os Mouros que forão logo derrotados e obrigados a precipitarem-se no mar para se salvarem nos bateis, morrendo pelo ferro e afogados mais de dusentos.

Dos quinhentos Indios que seguirão Rodrigo Rebello, trezentos Canarins voltarão para traz; os dusentos que erão Malabares tinhão-no seguido de longe, e chegarão muito a tempo de perseguir os fugitivos, no fim deste combate vierão dizer a Rodrigo Rebello, que havia alguns inimigos retirados n'um outeiro entre ruinas. Era Pulatécão, e oitenta homens dos mais valentes dos que o seguião. O Tanador Coje-Qui o conheceo pelas suas insignias, e fez quanto pode para conter a impetuosidade do Governador, prometendo-lhe, que elle os faria cercar pelos seus, de modo que nem hum escaparia. O conselho era muito prudente para hum moço a quem a sua primeira felicidade tinha cegado. Elle correo precepitado a busca-los com quatorze cavalos e saltou n'uma cerca. Os inimigos o meterão no flanco por ambas as partes, e picarão-lhe o cavallo, que empinando-se voltou sobre elle, e logo o matarão ás lançadas. Manoel da Cunha, que o tinha seguido teve a mesma sorte: os outros forão rechassados com o mesmo vigor, e tomarão o partido de se retirar para a cidade, sem que os inimigos tomassem o trabalho de os seguir, contentes com a morte destes dois Portuguezes cujo valor imprudente tinha arrebatado aos seus o fructo de huma tão bella victoria.

Francisco Pantoja devia por direito succeder a Rodrigo Rebello no seu posto, e o concelho a isso o obrigou, porem elle o recusou, e fez acto de resistencia. Na sua falta ninguem o merecia melhor que Diogo Mendes de Vasconcellos. E' verdade que sendo preso d'estado havia motivo para que não o escolhessem, porem a necessidade fez passar por tudo, offerecerão-lhe o Governo e elle o acceitou. Francisco Pantoja quiz depois entrar, e fez seus protestos, porem não foi attendido.

Diogo Mendes Vasconcellos como homem experimentado logo se applicou a sustentar hum cerco, de que temia os riscos, porque estava na entrada do inverno, e toda a sua guarnição constava apenas de seiscentos Malabares, ou Canarins que tinha sido obrigado a receber na cidade, e duzentos Portuguezes, aos quaes se ajuntarão depois mais trinta que conduzia Francisco Pereira de Barredo, que por este pequeno reforço foi recebido como huma divindade.

Pulatecão que tivera tempo para se reparar das ultimas perdas que soffrera fortificava-se em Benastarim onde fez hum forte, e achando-se senhor do campo corria livremente athé ás portas da cidade de Goa, sendo tal sua soberba que nem se occupava já de participar o estado de suas operações ao seu Princepe.

O Hidalcão a quem este proceder se fez suspeito, resolveo de o fazer render, e enviou para este fim Roçalcão Arabe, ou Turco de origem, e de Religião, cujo merecimento pessoal o tinha obrigado a dar-lhe sua irmã em casamento. Roçalcão condusia seis mil homens, e trazia huma ordem a Pulatecão para este lhe entregar o mando das tropas. O Hidalcão persuadia-se que o respeito á pessoa que enviava adoçaria Pulatecão do desgosto da sua remoção; enganou-se, este chefe recusou obedecer-lhe.

Roçalcão tomou o partido de dessimular, porem enviou occultamente hum prisioneiro Portuguez que tinha a Diogo Mendes Vasconcellos, para lhe dizer da sua parte: « Que tudo o que Pulatecão tinha feito, havia sido sem ordem,
« e contra a vontade do Hidalcão que não appetecia mais do
« que viver em boa amizade com a coroa de Portugal, de
« que se queria fazer tributario, que se quizesse unir as suas
« tropas ás delle para o ajudar a submetter este vassallo re-
« bellado, elle lhe ficaria obrigado, e o deixaria depois na

« pacifica possessão de Goa » Diogo Mendes Vasconcellos foi enganado por huma proposição tão lisongeira, os dois generaes unirão suas forças. Pulatecão vencido retirou-se, sendo pouco depois envenenado d'ordem do Hidalcão.

Roçalcão conseguindo o fim de seus intentos, não cumprio a palavra que déra a Diogo Mendes Vasconcellos, pelo contrario o mandou notificar com muita soberba para despejar a praça, e como a reposta foi negativa começou a combater a cidade com mais denodo do que o que havia feito o seu predecessor; porém tendo-se afastado do campo onde tinha o grosso das suas tropas, soffreo nas diversas correrias que fazia, já pelo numero diminuto de suas forças, já pelas ciladas que lhe armava o Governador. A perda que experimentava era consideravel, ao passo que a dos sitiados não se tornava sensivel senão pela perda de Tanador Coje-Qui, cuja perda sentirão vivamente todos por cauza da affeição, que tivera sempre aos Portuguezes a quem fizera grandes serviços, sendo alem disso esforçado e prompto sempre a acometter contra os Mouros inimigos. N'uma das sortidas recebeo hum tiro, de que morreo poucos dias depois, sentindo não poder alcançar morte gloriosa no campo de batalha.

As continuas chuvas derrubarão depois grande pedaço de muros da cidade, de modo que o muro ficou da altura de hum homem, felizmente o desastre foi de noute, tiverão tempo de trabalhar para reparar a brecha, Roçalcão que o soube pelos seus descobridores, veio dar-lhe assalto porem foi repelido, quatro noites sucessivas fez o mesmo, e foi sempre rebatido; de sorte que se poz em mais cautella, e recorreo a hum estratagema para enfraquecer os sitiados, e dessipallos com fadigas, sem lhe custarem a elle nada. Assentou hum corpo de tropas muito perto da cidade com ordem de fazerem tocar as trombetas toda a noite. Os si-

tiados acordados por este estrondo estavão sempre á lerta, e padecião muito com a vigilia, pezo das armas, e os rigores da estação. Comtudo livrarão-se deste incommodo, e desbaratárão o destacamento.

Até então os sitiados tinhão soffrido muito pouco dos inimigos; porém Roçalcão tendo-se apoderado de hum alto que dominava a cidade, e montando alli huma grossa colubrina, com o seu fogo varejava tudo. Tendo os habitantes consummido os mantimentos, não restavão mais do que os dos armazens, cuja distribuição se fazia com muita cautella, e só aos que trazião armas, os outros vivião unicamente de algum marisco que apanhavão, o que logo causou huma molestia geral que foi maior flagello que a fome.

Estas miserias multiplicadas revoltarão o animo de alguns soldados, que comparando o seu estado presente com o de João Machado e outros fugitivos, que os Principes da India, para quem se retirarão, encherão de bens e honras; passarão para o campo inimigo, e abjurarão a sua religião João Machado era o chefe deste renegados e tendo-se arrependido formou o projecto de ser ainda util á sua Patria. Achando occasião opportuna conduzio os Portuguezes na direcção da cidade, e quando lhe pareceo conveniente lhe fez hum discurso pathetico acompanhado de copiosas lagrimas, e os exhortou a seguirem-o para a cidade, a corregirem suas culpas passadas por hum arrependimento, cujo perdão elle lhe affiançava. Quasi todos o seguirão. Os habitantes de Goa vierão recebe-los em procissão, e com todas as demonstrações de huma alegria completa. Pareceo que a cidade recebera nelles a sua salvação. E' certo que esta retirada, que penetrou o coração de todos, acabando com a desercção, impedio tambem a entrega da praça.

Roçalcão irritado pela retirada de João Machado, com mais ardor apertou o cerco, e por algum tempo não deixou respirar os sitiados, nem de dia, nem de noite. Em huma destas escaramussas, sahio o Governador na frente de oitenta cavallos, e desbaratou duzentos cavallos Mouros, e setecentos soldados infantes, que estavão n'uma emboscada, não obstante esta vantagem a cidade estava redusida a capitular por causa da fome e Francisco Pereira de Berreda, emprehendeo, apezar da estação, de hir a Baticála buscar mantimentos em huma fusta. E ainda que o posto de Cintacora por onde devia passar, estivesse guardado por fustas inimigas, fez huma viagem tão feliz, que voltou acompanhado de vinte paráos carregados de provisões. Algum tempo depois Sebastião Rodrigues fazendo a mesma viagem com igual fortuna, teve Goa de que se sustentar até quasi ao fim do inverno. Fernando de Beja, que Affonso d'Albuquerque tinha enviado para demolir o forte de Socotorá, chegou depois que entrou a estação benigna. Pouco depois delle chegarão ainda João Serrão, e Paio de Sá, que vinhão da Ilha de Madagascar. Forão seguidos por Manoel de Lacerda, que conduzio os seis navios, que Affonso d'Albuquerque lhe tinha deixado para andar pela costa de Malabar, e por Christovão de Brito, que tinha partido neste anno de mil quinhentos e onze na esquadra do D. Garcia de Noronha. Tambem Melique-As sempre politico, querendo-se distinguir por lhe dar soccorro, enviou dois navios, que acabarão de abastecer a praça.

Roçalcão não descorçoou com a chegada destes soccorros: porem ficando derrotado em diversos encontros, não pensou mais do que em conservar-se no posto de Benastarim, de que fez a melhor praça que teve o Hidalcão.

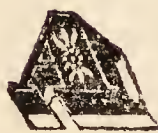
Affonso d'Albuqnerque que nós deixamos no már partindo de Malaca somente com 5 navios, e hum junco che-

gando perto da costa de Çamatra foi assaltado de huma das mais violentas tempestades, que jámais se tinha sentido em aquelles mares. Vio-se obrigado em alta noute, a procurar hum ancoradouro, a risco de se despedaçar contra os rochedos. A embarcação em que se achava tinha nome de Flôr do Mar, havia feito grande numero de viagens, e se achava meia podre. Partio-se, e a parte da prôa foi repentinamente para o fundo. A popa ficou enterrada na arêa, victima do furor das vagas, que envolvião parte daquelles que restavão da equipagem. Affonso d'Albuquerque lutava contra as ondas quando descobrio perto de si o filho de huma escrava. A compaixão lhe inspirou o desejo de o salvar, e depois concebeo tambem a esperança de que Deus attenderia ao que elle praticava por esta innocente creatura. Com effeito Pedro de Alpoem, Commandante da náo Trindade, conheceo o perigo em que Affonso d'Albuquerque se achava, e apesar da violencia da tormenta, elle deitou as lanchas ao mar afim de o soccorrer. Ditosamente o conseguio, e os restantes companheiros do navio de Affonso d'Albuquerque forão de igual maneira salvos do imminente perigo, logo que despontou o dia, mas nada se poude conservar das immensas riquezas que trazia aquella embarcação. Vinhão alli os Reaes Quintos, e todos os effeitos preciosos do Governador Geral incluindo dous leões de bronze com que elle queria ornar a sua sepultura.

Este não foi o unico desastre. Os Indios da Ilha de Java que guarnecião o junco, logo que se virão separados pela tempestade do navio de Jorge Nunes que os vigiava, matárão o Capitão Simão Martins, e todos os Portuguezes que estavão debaixo das suas ordens, á excepção de quatro, que se achavão em hum batel, e forão ter aos Estados do Rei de Pacem. Este Principe Indiano lhes fez hum acolhimento muito favoravel.

Escapando, como por milagre á tempestade, Affonso d'Albuquerque soffreo calmas que o arriscárão, e a toda a sua gente, a morrer de fome e sede. Achou com tudo alguns viveres em dois navios aprizionados; porem delles hum lhe deo novas inquietações. Tinha confiado o commando d'um navio a Simão de Andrade, o qual se achava com poucos Portuguezes. Desprovido dos meios de tomar altura, Simão d'Andrade foi obrigado a confiar-se em hum piloto Indiano, que seguio a derrota das Maldivas; então os prizioneiros se revoltárão, dérão saque a Simão d'Andrade, e á sua gente, fazendo-os suportar fataes calamidades. Com tudo não attentárão contra as suas vidas, receando que Affonso d'Albuquerque mandasse matar o Capitão que tinha ficado em refens a bordo do seu navio. Por ultimo os Portuguezes tomados forão remettidos a Cochim, aonde Affonso d'Albuquerque tambem chegou quando pela noticia do seu naufragio era alli já reputado morto.

CAPITULO VI.

ANNO DE 1512.

Affonso d'Albuquerque apenas chega a Cochim manda reforços para Goa e Malaca. Chegão á India mais embarcações enviadas por ElRei D. Manoel; Entrão em Cochim os Portuguezes, que, tendo naufragado na costa de Cambaia, forão feitos captivos pelo Rei deste paiz. Conspiração tramada por Patequitir em Malaca para arrancar a cidade do dominio portuguez. Disposições que Ruy de Brito Governador desta adopta para a defender. Um forte entrincheiramento de Patequitir é forçado, e incendiado. Patequitir fortifica-se n' outro ponto, e este é igualmente levado pelas armas. Vantagens que aos Portuguezes se seguirão desta acção. Os ini-

migos procurão reunir consideraveis forças maritimas. — Meios porque os Portuguezes obstão a esta juncção. Extremo a que se reduz Malaca por causa da fome, e doenças, porque modo cessa o apuro. Os Portuguezes atacão novamente Patequitir em suas trincheiras, e sendo derrotado completamente, retira-se para a Ilha de Java sendo inuteis todas as medidas adoptadas para elle não escapar.

O Governador Geral, sabendo em Cochim do que se havia passado em Gôa, enviou logo provisões de guerra e de boca para esta cidade. Substituio Diogo Mendes de Vasconcellos no Governo de Goa por Manoel de Lacerda, indo para o commando da esquadra Fernando de Beja. Tambem por este tempo fez partir para Malaca Francisco de Mello, Martim Guedes, e Jorge de Brito, com hum reforço de cento e quarenta homens, bastante quantidade de munições de guerra e de boca, calafates e tudo o que era necessario para pôr no mar seis galeras, que destinava para guardar os estreitos de Sabão e de Sincapour. Bons desejos teve elle de se transportar a Goa, onde a sua presença era necessaria: porem os seus officiaes lembrando-lhe as poucas forças que então tinha, rogárão-lhe que suspendesse sua viagem até á chegada do soccorro que vinha de Portugal, de que havia já noticia. Parecendo-lhe esta proposição justa suspendeo com effeito por algum tempo a sua viagem.

Em 26 d'Agosto de 1512 chegou a Cochim (*) D.

(*) Commentarios d'Affonso d'Albuquerque.

Garcia de Noronha, sobrinho de Affonso d'AlLuquerque, que ElRei mandára sahir de Lisboa com huma esquadra de seis náos, dando-lhe a patente de Capitão-Mor do Mar da India. A viagem foi infeliz; encostando-se demais ás terras do Brazil, e subindo muito sobre o Cabo da Boa Esperança para o Polo Austral, experimentou frios tão fortes como os que se sentem nas viagens do Norte. Gastou sete mezes para chegar a Moçambique, onde invernou.

ElRei D. Manoel que temia os preparos do Califa, fez partir mais doze navios em duas esquadras commandadas por Jorge de Mello Pereira, e Garcia de Sousa, que tinhão ás suas ordens muito bons officiaes, entre os quaes ião Jorge d'Albuquerque, Pedro seu filho, e Vicente, todos tres proximos parentes do General. Estas frotas, que chegarão a Cochim em Agosto de 1512 (*) forão recebidos com muita alegria por trazerem hum reforço de dois mil homens de peleja.

Por este tempo chegárão tambem a Cochim os Portuguezes, que tinhão sido prisioneiros no navio que naufragára sobre a costa de Cambaiá, e que se havião libertado de huma maneira singular.

O Rei de Cambaia, ainda que ligado occultamente com o Califa, e inimigo dos Portuguezes, no fundo do seu coração, tinha sempre tratado estes prisioneiros com grande distincção, por conselho de Melique-Az, e de Melique Gupin. O Padre Francisco Loureiro, franciscano, projectou tratar do resgate e para isso pedio ao Rei que o deixasse ir a Cochim, para alli tratar deste negocio. O Rei perguntando-lhe que seguro lhe dava de voltar, elle desatou o seu cordão, e lho entregou como penhor da sua palavra. Ob-

(*) Commentarios d'Affonso d'Albuquerque.

tendo o consentimento deste Principe para aquelle negocio foi a Cochim. Affonso d'Albuquerque tinha partido para Malaca, e os que governavão na sua ausencia não tratarão como devião objecto de tanta consideração. O Padre vendo que nada conseguia, regressou a Cambaia, onde deo suas desculpas. O Rei ficou penetrado desta fidelidade, e concebeo huma tão grande idéa de huma nação, que produzia homens capazes destes actos de virtude, que os enviou sem resgate para Cochim; ahi forão recebidos com geral contentamento.

Malaca não sentio menos a ausencia do General, do que Gôa, Mahumud, e Aladim, postados na Ilha de Bintan, Laezamana seu almirante, que guardava o rio Muar e Patequitir ajustarão-se para lhe fazerem huma viva guerra com a esperança de se assenhorearem da praça. Os Indios e os mesmos Portuguezes, esmorecendo do seu pequeno numero, temião tudo da união destes inimigos, que cada hum de per si não era para desprezar. Patequitir não tinha sahido da sua povoação de Ulpi, onde residia com os seus Javas. Havia-se alli fortificado com intrincheiramentos e tinha navios, que mandava a corso, e inquietavão muito a cidade.

O Governador Ruy de Brito Patalim mandou construir huma trincheira desde a cidade ate á porta da fortaleza; no angulo da qual collocou o casco d'um grande navio. Patequitir, escolhendo huma noite escura, tomou o navio pela negligencia do capitão, que foi morto com todos os seus defensores.

Era perciso não deixar gozar muito tempo a Patequitir de hum acontecimento, que ensoberbecendo-lhe o animo abatia em extremo o dos Indios alliados, que já tinhão dado muitos signaes da sua desconfiança, enlutando-se na

partida de Affonso d'Albuquerque. Assim resolverão ir attaca-lo no seu forte. Affonso Pessoa condusiu por terra ao longo da praia os Malabares, e os Malayos sustentados por alguns arcabuzeiros Portuguezes, e Fernando Peres de Andrade, commandava a partida, e estava á testa do resto dos bateis. Affonso Pessoa chegou hum pouco tarde, por ser demorado por causa d'um váo. Jorge Botelho d'uma parte com alguns Portuguezes, e Fernando Peres de Andrade d'outra atacavão o forte, e forçarão as trincheiras. O maior perigo foi dentro da praça, onde acharão quatrocentos homens em armas, e tres elefantes, sobre cada hum dos quaes havia huma torre, e muitos besteiros. Jorge Botelho, mais exposto do que os outros, sustentou o primeiro esforço com a sua pequena tropa. Não se perturbou, disse aos seus que fizessem pontaria para matar o mestre do primeiro elefante, que era femea, e muito mais pequena que os outros.

Caindo o mestre trespassado dos tiros, o elephante voltou de lado, e no campo recebeo hum tiro de arcabuz no coração; e não dando mais do que hum grito, caío morto. Fernando Peres d'Andrade chegou neste momento pelo lado opposto: os inimigos perturbados, não cuidarão mais do que em se acolherem para os mattos, aonde não forão seguidos. Acharão-se no forte tantas riquezas, e sobre tudo tantas especiarias, que não podendo os vencedores carrega-las, forão obrigados a convidar a gente de Malaca para vir tomar parte na preza; depois do quê lançarão fogo ao que ficou. Jorge Botelho destinguio-se muito nesta acção, porém quem teve maior honra foi sem dúvida o artilheiro, que Patequitir tinha captivado no navio que tomára, porque preferindo antes a morte do que servir á peça de artilharia contra os seus, Patequitir lhe mandou cortar a cabeça sobre a culatra da mesma peça, a qual acharão ainda tinta de seu sangue esparsido de fresco quando a tomarão.

A suprestição impedio Patequitir de tornar á hum lugar, onde a sorte das armas lhe tinha sido tão contraria, transportou-se huma legua mais longe, e ahi se fortificou ainda melhor do que no primeiro ponto. Os Portuguezes não tardaram em o atacar. As trincheiras forão tomadas d'assalto, e sendo perseguidos os Indios por algum tempo, afinal os Portuguezes retirarão-se aos seus bateis.

Mahumud, obrigado por Patequitir, enviou ordem ao seu Almirante para se unir ás frotas do Rei de Arguim, e de outro Principe, seus aliados, e de se apresentar nos estreitos de Sabão, e Sincapour, junto da foz do rio de Muar. Fernão Peres d'Andrade sabendo pelos seus que elle estava neste ultimo estreito, foi logo buscallo para lhe dar batalha. Laezamana percebeo primeiro a frota Portugueza, quando o navio de Botelho, que fazia a vanguarda, começou a dobrar hum cabo, que cobria toda a sua. Bem longe de correr sobre elles, encostou-se muito á bahia que fazia o cabo, para o deixar passar, e dar-lhe pela poupa. Jorge Botelho conhecendo o seu designio, não deixou de passar alem, na esperança de lhe fechar o caminho. Com offeito quando se descobrio a frota Portugueza, Laezamana pensou sómente por-se em seguro; e para que os navios inimigos não fossem ter com elle, fez diante de si huma trincheira de navios e de embarcações de remos que fez furar pelo fundo, para que enchendo-se de agoa estivessem fixos. Depois começou a artilharia d'uma e outra parte promptamente, com a costumada differença, que a dos inimigos era mais numerosa, e a dos Portuguezes mais efficaz; porém os primeiros suprirão a sua falta, pela multidão de flexas que a tiravão da praia, com que os Portuguezes forão muito incommodados; não obstante ganharão os bateis á medida que Jusante os descobrio, saltando de hum a outro. Houve alli hum cruento combate. Os Javas avançarão até a combater a golpe de alfange.

Apartando a noite o combate, Fernão Peres d'Andrade esteve attentamente vigiando o inimigo, para que lhe não escapasse de noite. Porém Laezamana pondo as suas embarcações em secco, fez-lhe por diante huma trincheira de terra, sobre a qual estabeleceo huma boa bateria, de madrugada, quando Fernão Peres d'Andrade vio esta trincheira, pasmou, e não tendo gente para se arriscar a hum desembarque, retirou-se.

A guerra affugentou os estransgeiros de Malaca, a penuria causou ahi fome, e depois as molestias fazião cahir as armas das mãos d'ambas as partes, e os obrigarão a fazer huma especie de tregoa. O mal durava, e crescia. Fernão Peres d'Andrade foi constrangido a andar a corso para obter mantimentos.

A cidade recebeo alguns viveres. Pate Onus veio unir-se a Laezamana no rio de Muar, na esperanca de que fechando as passagens, se farião senhores da praça, evitando-lhe os soccorros e os viveres.

Os Portuguezes tiverão auxilios não só com as presas, que Fernão Peres d'Andrade continuou a fazer, mas tambem pela chegada dos soccorros que Affonso d'Albuquerque enviou. Gomes da Cunha tendo feito alliança com o Rei de Pegú, conduzio alguns juncos para Malaca cheios de mantimentos, e obteve licença de poder ir carregar aos seus estados. Antonio de Abreu voltou então das Malucas, e Antonio de Miranda de Siam, aonde fora muito bem recebido.

Contentes os Portuguezes com estes novos soccorros de homens, e munições, resolverão ir visitar de novo Patequitir ás suas trincheiras, persuadidos de melhor fortuna, por causa do estado a que a fome o tinha reduzido. Com

effeito desta vez foi inteiramente destruido, entrados seus entrincheiramentos, parte dos seus elefantes mortos ou tomados; de sorte que elle desesperado pelo infeliz exito de seus negocios embarcou com sua familia para a Ilha de Java.

CAPITULO VII.

ANNO DE 1512.

Affonso d'Albuquerque sahe de Cochim com desasseis embarcações, e vai para Goa, onde é recebido o melhor possivel. Cêrco e tomada de Benastarim, seguindo-se desta victoria ficarem os Portuguezes senhores da Ilha de Goa.

A noticia que circulava de que huma frota do Califa, que dizião ter sahido do Mar Roxo, e entrado no golfo Arabico para vir recuperar Goa pelas reiteradas instancias do

Hidalcão, causou estorvo a Affonso d'Albuquerque, que, obrigado pelas ordens da Corte a embargar-lhe o passo, mal podia curar d'outros negocios, e assim ganhavão terreno os seus inimigos. Provêo pois de prompto ao que era mais urgente, e recolhendo os reforços que se lhe poderão ministrar, fez-se de vélla a 10 de Setembro de 1512 (*) com 16 navios, a que se devião juntar outros 4 que elle havia de tomar em Goa. Sabedor porém que o Califa, não tendo ainda apparelhada a frota, pertendia assenhorear-se de Adem, para depois tomar as embocaduras do Mar Roxo, mudou de plano e seguio direito a Goa, resolvido a não sahir d'ahi sem que primeiro tivesse expulso Roçalcão do porto de Benastarim.

Affonso d'Albuquerque foi recebido com as demonstrações de ternura, e reconhecimento que a cidade lhe devia, como seu fundador, e libertador. Os Mouros havião construido em Benastarim huma praça de guerra das melhores d'aquelles tempos cercada de baluartes, e fortes muralhas terraplanadas na parte interior até ás ameias, exceptuando hum só lugar, onde o muro, forte por si mesmo não tinha precisão deste soccorro, por causa de huma lagoa que o preservava, e no qual tinha muitos bateis armados. Na praça, guarnecida com nove mil homens, não faltavão munições de guerra, e de bocca, e corria fama que o Hidalcão lhe enviava ainda hum exercito de vinte mil homens.

Tendo o Governador Geral tomado conhecimento do estado das cousas, emprehendeo sitial-a por mar e terra, e começou logo pela parte do mar. Os inimigos tinhão entupido as passagens em duas partes com fortes estacadas, que occupavão todo o leito do rio; além disso estas passagens erão estreitas, e estavão expostas a todo o fogo das mura-

(*) Commentarios d'Affonso d'Albuquerque.

lhas. A difficuldade não o deteve. Fez armar seis embarcações e construir em cima pontes e telheiros, para ahi ter cubertos os obreiros: Enviou duas destas embarcações para Passo Secco, e quatro para Goa Velha.

Apenas os navios chegarão ao seu posto forão arrancadas as estacas. Os inimigos fazião hum fogo continuo, e que causava os maiores estragos. Huma bateria, que estava á flôr d'agoa, quasi que não errava tiro; e huma grossa colubrina augmentava ainda mais o destroço dos Portuguezes.

Affonso d'Albuquerque prometteo cem cruzados a quem desmontasse a columbrina. Hum artilheiro o conseguio: metteo huma balla direita pela boca do canhão, e os artilheiros mataram o mestre da peça, que era hum renegado, bem como dous ajudantes que elle tinha. O fogo do inimigo recresceo a tal ponto e com tanta vehemencia, que se tornou impraticavel executar ulteriores operações, ficando o mais reservado para o outro dia. As flechas do inimigo erão tão bastas, que cobrião os navios, e os Portuguezes succumbião n'este combate desigual.

Não durou por muito tempo a desvantagem: a artilheria das embarcações, tendo arruinado muito as baterias inimigas, o fogo começou a ser muito mais brando. Então se apoderaram das pasagens, importantes, e tirarão os viveres, e soccoros aos sitiados da parte do continente.

O Governador Geral não tinha ainda emprehendido coisa alguma da parte da terra, quando huma aventura pareceo querer fazer os Portuguezes senhores da praça. Roçalcão sahio á frente de duzentos e cincoenta cavallos, e ainda maior numero d'infantes, avançou até meio caminho de Goa. Affonso d'Albuquerque tinha ido reconhecer hum posto, e descubrindo esta gente, ficou duvidoso, se haveria alli algum

laço, ou se os inimigos terião intenção de fazer alguma valentia, para mostrarem que pouco temião os Portuguezes. As guardas avançadas, tendo dado rebate á cidade, tocárão os sinos e os officiaes, sem esperar ordens do Governador Geral fizerão sahir as tropas até ao numero de dois mil homens, sem contar Malabares, e Canarins. Roçalcão vendo-se perseguido mandou tocar a retirar e voltou para a praça: porém os seus tendo fechado as portas, os que ficarão de fora forão obrigados a dividirem-se em roda dos muros, donde lhe deitárão cordas para os ajudarem a salvar, outros se afogarão, ou forão mortos.

Chegados os Portuguezes ao pé da muralha e animados pelo ardor de seguirem o inimigo, emprehenderão de a tomar por assalto pelos mesmos lugares, ajudando-se das suas lanças. Como os que primeiro chegarão erão pessoas distinctas, e officiaes, a emulação os estimulou ainda mais. D. Pedro Mascaranhas, e Lopo Vaz de Sampaio, fiserão prodigios de valor. A vigorosa resistencia dos inimigos, que concorrião á defensa dos seus muros, não esfriou os animos, nem menos a morte de Diogo Correa, Jorge Nunes Leão, e Martim de Mello, nem o numero dos seus feridos. Affonso d'Albuquerque chegou a tempo de ver a desigualdade do partido, e mandou tocar á retirada, e transportado d'alegria foi abraçar D. Pedro de Mascaranhas e seus bravos companheiros.

O Governador Geral estabeleceo então um cêrco regular a Benestarim. O exercito constava de tres mil Portuguezes de bellissima tropa, e os auxiliares Indios. Os inimigos defendião-se com valor, no emtanto as baterias dos sitiantes, tendo começado a fazer brecha, Roçalcão que temeo ser tomado por assalto, arvorou bandeira branca.

Os artigos da capitulação forão assignados contra von-

tade dos officiaes, que queriam tomar a praça por assalto. As condições forão que o inimigo sahiria com seus bens, e suas pessoas salvas, deixando ao vencedor a artilheria, as munições de guerra, cavallos, e os navios que tinhão na Ilha, Roçalcão por escrupulo de religião sahio antecipadamente da praça, para que se não dissesse que elle a tinha entregado. Despejada a praça, entrou nella o vencedor. Então é que appareceo o exercito mandado pelo Hidalcão, já era tarde. Estas tropas retirarão-se appressadamente, e forão levar ao seu senhor a triste nova da brilhante vitoria alcançada pelos Portuguezes.

CAPITULO VIII.

ANNO DE 1513.

Affonso d'Albuquerque recebe em Goa os Embaixadores de diversos Reis da India, e estando apparelhada a esquadra sahe com vinte embarcações, mil setecentos Portuguezes e oitocentos Malabares na direcção d'Adem; descripção d'esta Cidade. O grande Capitão pertendendo conquistar Adem, acommette a praça. Trava-se rija peleja, mas os Portuguezes são repellidos, e veem-se obrigados a retirar. Entrão os Portuguezes no Mar Roxo; salva a esquadra com toda a artilheria por ser a primeira frota d'Europeos que entrava n'este Mar. Affonso d'Albuquerque he obrigado a invernar na Ilha de Camarão, onde deixa as armas de Portugal como padrão in-

delevel da gloria Portugueza, e depois de muitas calamidades, sahe do Mar Roxo e navega para o Indostão.

A cidade de Gôa de dia para dia augmentava em riqueza e prosperidade concorrendo não pouco para o estado da sua florescencia as leis sabias que havia promulgado Affonso d'Albuquerque e que tendião a diminuir os direitos das fazendas, o que poderosamente concorria para attrahir os commerciantes de todas as partes.

Os Reis de Narsinga, Vengapor e o proprio Hidalcão enviaram Embaixadores por este tempo, afim de concertarem tractados d'alliança com os Portuguezes, bem como affluiram os da Persia, Cambaia, do Imperador dos Abexins, e do Rei d'Ormuz, tambem hum Rei das Maldivas se sujeitou ao dominio de Portugal, tornando-se tributario á corôa.

A politica de Affonso d'Albuquerque foi maravilhosa, porque ao passo que tractava os seus Enviados com affabilidade e magnificencia, estreitava ligações sem todavia se comprometter, pois simulando projectar huma expedicção distante deferia a conclusão dos tractados para quando regressasse. Fazião-se grandes preparativos, e assim cada hum receando a tempestade, e não sabendo onde ella iria cahir, apressava-se em fazer propostas vantajosas com o fim d'evitar a guerra.

De todos estes Embaixadores, o que lhe deo mais praser foi o de Preste-João, ou Imperador dos Abexins, Prin-

cipe conhecido até então de huma maneira tão confusa, e que os Reis de Portugal D. João II, e D. Manoel tinhão grande desejo de conhecer. Affonso d'Albuquerque lisongeava-se de que as primeiras noticias seguras chegassem á Côrte por sua intervenção; ao primeiro aviso que teve de que este Embaixador estava em Dubul, onde o retinha prisioneiro o Tanador, ou rendeiro da alfandega do Hidalcão, ordenou a Garcia de Sousa que o reclamasse e o fizesse conduzir a Goa. Garcia de Sousa cumprio bem a sua commissão. E porque este Embaixador estava encarregado de hum precioso Santo Lenho, que o Imperador Preste-João e a Imperatriz Helena enviavão a ElRei de Portugal, o Governador Geral o fez receber em procissão na frente do clero e das tropas; e depois de conferenciar com elle, o fez partir para Cochim afim de alli embarcar para Portugal no melhor navio de transporte.

Estando prompta a esquadra composta de vinte embarcações conduzindo mil setecentos Portuguezes, e oitocentos Malabares, sahio de Goa no dia 7 de Fevereiro 1513. (*) Affonso d'Albuquerque, estando fóra da barra, chamou os seus officiaes a conselho, e communicou-lhes as ordens que recebera d'ElRei para se emprehender a conquista d'Adem, e a entrada do Mar Roxo para proseguir a armada do Califa, e apesar das ordens d'ElRei serem positivas a este respeito elle propunha ao conselho, se seria ou não conveniente fazer-se esta expedição; discutida a materia foi approvado o plano do Governador Geral por unanimidade de votos.

As calmas detiverão a esquadra muito tempo, sendo obrigada a ir a Secotorá; afinal, refrescando o tempo, seguio para Adem, praça então de bastante consideração.

A cidade de Adem, situada na foz do Mar Roxo em

(*) Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

doze graos e quinze minutos de latitude do Norte sobre a costa da Arabia, faz huma bella vista pela situação, e pela bellesa dos seus edificios; huma pequena lingua de terra, sobre que ella se acha; avançando-se para o mar, fórma ahi dois portos, que fazem huma especie de Peninsula ao pé de huma montanha, a qual elevando-se em muitas pontas escarpadas, apresenta hum bello expectaculo de horror. O sollo desta montanha he tão ingrato que nunca cresce a menor herva, e em lugar de ter algumas fontes, embebe logo toda a agua que cahe do Ceo. Um só aqueducto conduz á cidade da distancia de quatro milhas toda a que se ahi bebe. Os habitantes erão obrigados a trazer por mar, ou do interior das terras todo o necessario para a vida. Com tudo a cidade não deixava de ser povoada, rica, e abundante. Devia ella esta obrigação em particular aos Portuguezes, porque se tinha augmentado por todos os modos, depois do estabelecimento delles nas Indias. Anteriormente como os navios que entravão, ou sahião do Mar Roxo não tinhão nada que temer, fazião sua derrota em direitura sem pensar em Adem; porém o perigo dos navios Portuguezes, que cruzavão, obrigou os mercadores a acolherem-se a ella como para hum azilo. A mesma razão fez que fortificassem a cidade com boas muralhas, e fortes torres da parte do mar, e da parte da montanha adiantárão as fortificações até ao mais alto do monte, edificando torres sobre todos os seus cumes, e bons reductos que cortavão todos os seus desfiladeiros.

O Rei d'Adem não assistia ahi de ordinario: morava no sertão para estar mais prompto para se defender dos seus visinhos, e tinha em Adem hum Emir que era o Governador. Mira Merjão, que desempenhava este lugar, quando alli aportou a esquadra Portugueza, era politico e valoroso. Deo provas d'ambas as cousas, porque o entreteve Affonso d'Albuquerque com promessas, para ter tempo de fazer entrar tropas na praça, e se defendeo depois com muito

valor e resolução. O Governador Geral, perdidas as esperanças de se assenhorear d'Adem, por meio de hum tractado de paz, resolveo começar as hostilidades, e ordenou o assalto da praça.

Os Portuguezes desembarcárão no anno de 1513, em Sabbado d'Alleluia (*), e avançárão incontinente debaixo de hum vivissimo fogo. A precipitação com que cada hum se esforçava, para ser o primeiro em subir á muralha, para ali arvorar o estandarte, os fazia correr como loucos. Muitos exasperados arremeçárão-se á agua pela impaciencia de quererem ser os primeiros que chegassem proximos das muralhas a todo o custo. Aquelles que primeiro o conseguião encostavão logo as escadas, e no meio de tanto perigo augmentado por huma tenaz resistencia, subião a correr e arvoravão no tópe dos muros as bandeiras; mas era tal o enthusiasmo, que apenas se poude distinguir hum Clerigo que arvorou huma cruz em vez d'estandarte. O pesò da gente quebrou as escadas, quando já para cima de cento e trinta homens tinhão entrado na praça.

O Governador Geral, chorava a desordem e confusão que não podia impedir, procurava fazer reparar as escadas. Garcia de Sousa tinha-se adiantado com sessenta homens, e Affonso d'Albuquerque vendo quanto elle carecia de forças mandou-o reforçar com mais quarenta homens, indo elle proprio ao lugar da peleja, e ordenando a João Fidalgo que fosse com a sua companhia d'ordenanças para impedir que entrassem da parte da montanha, o que não poude conseguir por o terreno ser muito escarpado.

Os inimigos, que se deffendião valorosamente, cobrárão animo á vista da desordem. Os Portuguezes, que esta-

(*) Commentarios d'Affonso d'Albuquerque.

vão sobre os muros, combatião com vantagem, e Garcia de Sousa mais animado que todos os outros, tinha-se apoderado de hum pequeno entrincheiramento; porém Mira Merjão na frente de hum corpo de cavallaria deo sobre elles com tanto vigor, que limpou os muros, e obrigou os Portuguezes a sair pelas mesmas canhoeiras, por onde tinhão entrado. Garcia de Sousa ficou cercado com alguns que estavão com elle. Affonso d'Albuquerque lhe fez dar cordas para descerem, porém a maior parte destes valorosos, crendo que isto não seria honroso, preferiram antes morrer, do que retirarem-se.

Affonso d'Albuquerque descorçoado por hum tão infeliz successo, retirou-se para os seus navios, tendo aprendido á sua custa, que a victoria não está sempre atada ao carro dos conquistadores, e que ella abandona algumas vezes os seus maiores validos. Comtudo, antes de partir, quiz assenhorear-se de hum baluarte que estava sobre huma reponta, d'onde a artilheria incommodava muito a frota. Em quanto deliberou, o mestre do navio de Manoel de Lacerda, que ahi padecia mais que os outros, desceo a terra com parte da sua equipagem, tomou-o, e passou á espada os que o defendião. Altivo com este successo, queria que atacassem de novo a cidade, de que este baluarte fazia a principal força. Estando os Capitães neste pensamento, Affonso d'Albuquerque contentou-se de fazer tirar a artilheria do baluarte, e queimar os navios que estavão no porto, depois do que se fez á vella para entrar no Mar Roxo.

Este mar, sobre cujo nome os sabios se tem cançado muito, tem a figura de hum lagarto ou corcodilo, cuja cabeça é comprehendida entre os cabos de Fartaque, e de Gardafu, até ao estreito de Meca, ou de Babelmandel, que fórma o pescoço. Dilatando-se o corpo entre as costas da Arabia de huma parte, e as da Ethiopia alta e do Egypto

da outra, vai terminar-se em ponta, que faz a cauda do Suez, que creem ser Assiongaber, donde partião as frotas de Salomão, e onde começa o Isthmo, que o separa do Mediterraneo, e que une as terras de Africa ás da Asia. O Mar Roxo não recebe outras aguas que as do Oceano Indiatico. He pouco sujeito a tempestades, e quasi que não conhece outros ventos que os do Norte e Sul. O seu cumprimento he quasi de trezentas e cincoenta leguas, sobre quarenta de largo, contando de Suez até ao estreito. Os Arabes o repartem em trez partes, a do meio, que faz como o espinhaço do crocodilo, he clara e navegavel de dia e noite, ancorando ahi sempre entre vinte e cinco e sessenta braças. As outras duas que estão nos flancos, e bordão as costas, são pelo contrario retalhadas de ilhotas, rochedos, baixos, e bancos de areia com tudo como ahi só se navega em embarcações mui pequenas, os pilotos não deitão ao largo, senão quando temem alguma borrasca. Elles preferem sempre a visinhança das terras; porém temendo accidentes, ancorão de ordinario antes de se pôr o sol. Achão-se duas Ilhas neste mesmo estreito, que formão dois canaes. O da parte da Arabia he o mais frequentado. N'huma destas Ilhas he que se tomão os pilotos de que se servem para entrar no Mar Roxo. As Ilhas que se encontrão neste Mar, são quasi desertas, aridas, e tem falta de agua, e d'outras cousas necessarias á vida.

O Governador Geral entrou no Mar Roxo contra o parecer de todos os seus pilotos, e mandou dar huma salva de toda a sua artilheria, como por huma especie de triunfo, porque era o primeiro dos européos que alli entrava com huma frota desde o principio do mundo. Comtudo o que se lhe havia augurado succedeo. Pensou morrer sobre os baixos. Foi obrigado a invernar na Ilha de Camarão, d'onde sahio em 15 de Julho de 1513 (*) deixando alli hum padrão com as armas de Portugal.

(*) Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

Não poude chegar nem a Suez, nem a Gidda, nem ter noticias da frota do Soldão. Padeceo muita sêde e fome, e murmurações dos subalternos. Não poude executar o projecto que havia formado de fundar huma fortaleza na Ilha de Camarão, e finalmente depois de ter experimentado toda a sorte de desgraças, fez dar huma grande crena aos seus navios, sahio do Mar Roxo, e no principio d'Agosto chegou novamente a Adem.

Parecia que o esperavão. Tudo ahi estava bem fortificado, e apparecia mais gente, e mais resolução que d'antes. O Governador Geral, reconhecendo forças que se achavão na praça, contentou-se om a bombardear, e no dia 4 d'Agosto de 1513 (*) seguio viagem para o Indostão.

(*) Commentarios d'Affonso d'Albuquerque.

CAPITULO IX.

ANNO DE 1513.

Os Portuguezes descobrem a Ilha de Mascaranhas, a que hoje os Francezes chamão de Bourbon; situada a Este de Madagascar: Affonso d'Albuquerque consegue estabelecer huma Fortaleza em Calicut concluindo hum tractado de paz vantajoso para Portugal. Combate naval entre os Portuguezes e os Javas, que cobrio de gloria os heroicos defensores de Malaca.

este anno de 1513 reduzimos o descobrimento da

Ilha *de Mascaranhas*; á E'ste de Madagascar: porque constando que ella fôra descoberta por Pedro de Mascaranhas; de cujo appellido tomou o nome, não sabemos que este fidalgo passasse á India senão em 1511; chegando a Moçambique em 1512, pelo que; ou nesse mesmo anno, ou no de 1513 a descobriria, segundo nossa conjectura. Comtudo alguns geografos estrangeiros a suppõem descoberta em 1505, e Malte Brun assigna ao descobrimento o anno de 1545, no que parece haver manifesto engano.

Esta Ilha he a mesma que os Francezes chamárão de *Bourbon*, quando della se apossárão: mudança de nome, que sómente póde servir para escurecer a memoria do descobridor.

Por esta epocha conseguirão os Portuguezes estabellecer huma Fortaleza em Calicut. Morrendo o velho Çamorim, ficou herdeiro do throno seu sobrinho Naubeadarim, o qual affeiçoado sempre aos Portuguezes não duvidou por esta epocha firmar hum tractado de paz, cujas bases principaes erão as seguintes:

1.º Que se edificaria huma Fortaleza em Calicut.

2.º Que o Çamorim pagaria todo o prejuiso causado por occasião da morte do Feitor Ayres Correia em Calicut.

3.º Que em cada anno se darião mil *bahares* de pimenta, dando em troca mercadorias e generos de Portugal.

4.º Que a Fortaleza perceberia metade dos direitos pela entrada dos navios, e que a outra metade iria para o Rei de Calicut.

Concluido este tractado o *novo Çamorim* deitou fóra de seus estados os Mouros que se oppunhão á paz, e não se contentando que o tractado fosse assignado pelo Governador Geral, enviou hum Embaixador a ElRei de Portugal com ricos presentes, afim que ratificasse esta paz que merecia, dizia elle; porque sendo só Principe de Calicut, o havia sempre favorecido, e que nesta consideração vinha renunciar a amizade do Califa, fechar a entrada de seus portos aos vassallos deste Principe, e a todas as vantagens que disso poderia tirar.

Assim conseguio o grande Affonso d'Albuquerque subjugar o poderoso Rei de Calicut, que desde a entrada dos Portuguezes na India se mostrára sempre cioso da nossa gloria, oppondo-se constante á fortuna de nossas armas.

Neste mesmo anno de 1513, teve tambem lugar o grande combate naval entre os Portuguezes e os Javas, de que passâmos a dar huma breve noticia.

Pate-Unuz, hum dos Chefes da Ilha de Java, formou o projecto de arruinar a esquadra Portugueza, que se achava no porto de Malaca, e apoderar-se desta cidade. Assegura-se que o numero dos seus navios era extraordinario, pois (segundo a fama) trazião doze mil homens. Entre as suas embarcações contavão-se algumas de huma extraordinaria grandeza. Aquella em que vinha Pate-Unuz, tinha o tombadilho tão alto como os cestos de gávea dos navios Portuguezes. O seu costado era de pranchões sete vezes sobrepostos, aonde as ballas não podião penetrar. Pate-Unuz só partio do porto de Japára em 1513. Passou o Estreito de Sabão; e desde logo os navios Portuguezes, que se achavão cruzando, vierão participar a Ruy de Brito, Governador de Malaca, a aproximação de huma tão formidavel esquadra. Apesar da sua grande coragem, os Portuguezes soffrerão

alguma inquietação. Elles conhecião a intrepidez dos Javas; sabião que ameaçados de abordagem, tinhão por costume defender-se com huma especie de fogo artificial. Comtudo Ruy de Brito fez sahir do porto Fernão Peres d'Andrade para combater os inimigos. Este os não descobrio logo, porque elles passárão por hum estreito differente daquelle que seguira; mas na volta, deu vista delles, que já manobravão defronte da cidade.

Huma generosa emulação, porém intempestiva, fez que Ruy de Brito, á aproximação do perigo, quizesse retirar Fernão Peres d'Andrade do commando da esquadra, e atacar elle em pessoa. Mandou mesmo prender este Official; mas logo o soltou, e Fernão Peres d'Andrade foi tão generoso, que sacrificou o seu ressentimento ao serviço do Estado. Elle não tinha mais do que dezassete embarcações, auxiliadas por mil e quinhentos Malaios embarcados em alguns navios do paiz.

Foi com forças tão inferiores ás dos Javas, que se avançou contra elles. O combate se empenhou ao nascer o sol. Jorge Botelho, achando-se em hum navio muito bom de vela, dirigio-se sobre aquelle em que estava Pate-Unuz, e foi imitado por Pedro de Faria. Ambos intentárão abordar; mas depois de hum exame circunspecto sobre aquella massa enorme, afastárão-se para a combater com a sua artilheria, o que não produzio effeito algum. O dia se passou em escaramuças; e sobre a noite os Javas conseguírão, apesar de toda a opposição dos Portuguezes, o penetrar no porto. Elles esperavão occasionar na cidade algum levantamento.

Durante a noite, novas dissenções se promovêrão entre Ruy de Brito, e Fernão Peres d'Andrade. O Governador desejava que se evitasse o combate, e se mandasse ao Indostão buscar auxilios. Fernão Peres d'Andrade era de voto

contrario, e os Officiaes tendo-o adoptado, mandárão supplicar a Ruy de Brito, de se recolher á Fortaleza, afim de pôr a sua pessoa em segurança, sobre a qual estava fundamentada a conservação da praça. Depois d'algumas irresoluções, Pate-Unuz tomou o partido de ir em o rio Muar unir-se a Lacsamana, Almirante do Rei de Malaca. Ambos encorporados deverião tornar-se temiveis aos Portuguezes. Elle se prepara, mas Fernão Peres d'Andrade o persegue com hum ardor incalculavel. A artilheria, as granadas, as panellas de fogo artificial dos Portuguezes, produzírão estragos consideraveis. Bem depressa o mar se cobrio de navios Javas abrasados, e de homens que lançando-se a nado achavão a morte na mão dos Portuguezes, que para esse mesmo fim andavão nos bateis. Fernão Peres d'Andrade mandou buscar novas provisões de guerra a Ruy de Brito, que de prompto as enviou, e fez celebrar por descargas de artilheria este principio de victoria.

Ao meio dia Pate-Unuz, sobre o navio do qual apesar d sua construcção a artilheria Portugueza tinha causado desordem, fez aproximar de si quatro dos seus mais fortes juncos. Este partido lhe foi muito fatal; porque sobre estas embarcações assim unidas, os tiros da artilheria contraria produzião maior destroço do que d'antes.

Ainda que Fernão Peres d'Andrade tinha prohibido a abordagem, o Capitão Martim Guedes vio huma occasião favoravel de se apossar desta maneira de hum junco dos inimigos, o tomou, e o queimou. Elle foi imitado por João Lopes de Alvim. Fernão Peres d'Andrade em pessoa, tendo-se reforçado com certo numero de homens, tirados das outras embarcações, abordou o Vice-Almirante da esquadra inimiga pelo flanco, em quanto Francisco de Mello o atacava pela prôa. O sobrinho do Vice-Almirante assignalou-se pelo mais bello rasgo de valor. Passou do seu navio para o

de Fernão Peres d'Andrade, do qual se servio como de ponte para chegar ao de seu tio. Este só facto prova com que inimigos os Portuguezes tinhão a combater. Animados pela presença deste corajoso joven, os Javas do Vice-Almirante, pelejárão com vantagem. Fernão Peres d'Andrade e muitos dos seus Officiaes forão feridos, e se achavão em huma crítica situação, quando Jorge Botelho, que tambem abordára o referido navio, fez em auxilio delles a mais util diversão. O combate foi tão longo como sanguinario entre as cinco embaroações. Afinal os Portuguezes obtiverão o triunfo; mas foi quando sobre os dous navios Javas não restava huma unica pessoa para defende-los. Os vencedores lhes poserão fogo. Os outros Capitães Portuguezes não desenvolvião huma inferior coragem, e erão muito bem soccorridos pelos Malaios, que tinhão vindo auxilia-los.

Fernão Peres d'Andrade só cuida então em perseguir o navio de Pate-Unuz, e se não poude damnificar-lhe o casco, pelo menos o destroçou muito no aparelho e mastreação. Quando as duas esquadras offerecião assim o mais horrendo expectaculo, huma terrivel tempestade veio augmenta-lo ainda mais. Trevas espessas, que dissipavão por intervallos sómente accellerados relampagos, cobrião todo o mar, que bramia furioso; os trovões rebombavão sem cessar, e cada hum dos combatentes se vio obrigado a só tractar da sua conservação.

Logo que de manhã se dissipou a tormenta, Jorge Botelho, e o Malaio Tuam Mahamud Tamungo se achárão perto de Pate-Unuz. Elles o atacárão com fogo de artilheria até que lhes faltou a polvora. O infatigavel Jorge Botelho foi a Malaca busca-la, e depois tornou a procurar os inimigos. No caminho encontrou Fernão Peres d'Andrade, e alguns Capitães perto das Ilhas denominadas *Ilhas dos Navios*. Elle instou para que se lhe reunissem, mas não podé-

rão ceder aos seus rogos; porque as suas embarcações estavão muito destroçadas. Elles tinhão hum grande numero de feridos, e as equipagens attenuadas de fadiga. Pate-Unuz se havia approveitado da partida de Jorge Botelho, que o perseguio em vão; e se tinha dirigido, não como intentára, para o rio de Muar, mas sim para a mesma Java. Elle chegou ferido, faltando-lhe acima de oito mil homens, quasi todos os seus navios de alto bordo, e a maior parte dos pequenos. Em quanto á sua embarcação, mandou-a conduzir, e conservar em hum arsenal feito expressamente em memoria desta terrivel acção, do valor que tinha patenteado contra os Portuguezes, e da ventura de escapar a tão perigosos inimigos.

Quando Jorge Botelho se reunio á esquadra victoriosa, ella entrou no porto de Malaca, debaixo dos maiores applausos das tropas de terra, e de toda a povoação. Segundo o invariavel costume, Fernão Peres d'Andrade tributou a Deos solemnes acções de graças, depois do que partio para o Indostão com Antonio d'Abreu, Vasco Fernandes Coutinho, e Lopo d'Azevedo; deixando o commando do mar a João Lopes d'Alvim, que tinha tido provisões do Governador Geral da India.

CAPITULO X.

ANNO DE 1513.

Os Portuguezes, commandados pelo Duque de Bragança D. Jaime, conquistão Azamôr, Tite, e Almedina, na Mauritania Tingitana, sobre a costa do Atlantico. O Duque, regressa a Lisboa triunfante onde he recebido entre vivas, e publicas acclamações.

---

lRei D. Manoel procurava sempre tornar preclaro o

nome dos Portuguezes, e por isso não satisfeito em mandar todos os annos novas forças para a India, deliberou que neste mesmo anno partisse huma forte esquadra para a Mauritania Tingitana, na costa do Atlantico.

O Duque de Bragança D. Jaime, foi escolhido para Commandante em Chefe d'esta armada, que se compunha de quatrocentas vélas, entre náos, caravellas, e outras embarcações ligeiras, em que embarcárão, além da gente precisa para a manobra, e serviço do mar, dezoito mil infantes, e dois mil e quinhentos cavallos, levando o Duque a seu soldo quatro mil infantes, e quinhentas lanças, de gente escolhida das suas terras, aos quaes mandou fardar todos á sua custa de uniformes de panno branco, com cruzes vermelhas no peito, e costas; e aos Coroneis, e mais Officiaes até cabos de Esquadra, deu vestidos de seda, conforme a graduação do seu posto. (*) Levou mais o Duque quinhentos e cincoenta cavallos de criados, e vassallos seus. Á ordem do Duque, ião as pessoas de maior grandeza da Côrte, comendo todos á sua mesa com notavel generosidade.

No dia 14 d'Agosto de 1513, foi ElRei D. Manoel e toda a Côrte ouvir missa á Cathedral de Lisboa, e depois d'estar na Igreja, entrou o Duque vestido de branco, uniforme igual ao que déra aos seus Regimentos, com collar rico de pedraria, acompanhado de todos os Officiaes da Armada, e o seu Alferes com o Estandarte Real colhido, o qual benzeo o Arcebispo de Lisboa D. Martinho da Costa,

(*) Diz *Dam. de Goes*, que a armada constava de mais de quatrocentas velas de todos os portes, e que ião nella dezoito mil infantes, e dois mil e quinhentos cavallos, além da gente da manobra e serviço do mar. Esta grande armada aprompiou-se em quatro mezes e meio.

sobre o Altar do Martyr S. Vicente, Padroeiro de Lisboa; e depois desta ceremonia o deu ao Duque, que o poz nas mãos d'ElRei, tornando a entregar-lhe com palavras de amor, e estimação, recommendando-lhe primeiro as materias da Religião, que cumprião ao serviço de Deus, depois as do seu serviço, e as da justiça, e equidade, que com todos devia observar, com notaveis expressões: mostrando a confiança, e estimação que fazia do Duque, acabou-se este acto, entregando o Duque a Bandeira ao seu Alferes. Voltou ElRei da Sé a cavallo, precedido de toda a Nobreza da Côrte, e o Duque montado em hum soberbo cavallo ia diante d'ElRei, entre quem não mediava outra pessoa, porque sempre a do Duque teve o primeiro lugar depois dos Infantes. Na tarde deste mesmo dia 14 de Agosto, anniversario da batalha de Aljubarrota, e da tomada de Ceuta em Africa, por seu terceiro avô ElRei D. João I., foi o Duque ao Paço, acompanhado das pessoas de mais distincção, beijar a mão a ElRei, á Rainha, e Principe, e despedido das Pessoas Reaes, se foi embarcar, para no dia seguinte seguir a sua viagem: o que não succedeo assim, demorando-se ainda até ao dia 17, em que sahio a barra, sendo primeiro visitado por ElRei, e recebendo delle novas honras. Entrou no Algarve a 23, e seguindo a sua derrota, surgio a Armada a 28 no rio de Azamor. Saltárão os nossos em terra, e entrárão na Cidade a 3 de Setembro, abandonada pelos Mouros sem a perda de hum só homem. Arvorárão-se os nossos Estandartes, e Bandeiras das Armas Reaes de Portugal, sobre os muros, e torres da Cidade; e a sua Mesquita sendo purificada, e consagrada a Deus com a invocação do Espirito Santo, ouvio nella o Duque a primeira Missa, com toda a devoção, dando graças a Deus por tamanhos beneficios.

Espalhada a voz da tomada de Azamor, e chegando ás Cidades de Tite, e Almedina, se preoccupárão os seus

moradores tanto do medo das nossas armas, que as abandonárão fugindo pela terra dentro a buscar mais seguro azilo. O Duque vendo a prosperidade da sua conquista, mandou occupar as Cidades e partecipou a El-Rei estes felizes successos, cuja noticia causou a maior alegria em Portugal, e celebrando-se esta victoria com grandes festas, e muitas Procissões em todo o Reino.

Correndo em Africa a fama da felicidade do Duque de Bragança na tomada destas Cidades, corrêrão os Mouros a pedir-lhe a paz, e entre, elles todos os habitantes da Enxovia; e porque depois de concedida elles a quebrárão, se resolveo o Duque em pessoa castigar a sua rebellião. Sahio de Azamor a 26 de Outubro; e correndo toda a Enxovia, não achou mais que hum Aduar de duzentas pessoas; porém parecendo-lhe pequena presa para tão grande pessoa, não o offendeo, nem o quiz, deixando-o na sua liberdade. Causou tanta admiração este procedimento áquella gente, e foi esta acção tão louvada de todos, que ficou sendo problema: Se fôra maior façanha esta do Duque, se a de ganhar a cidade de Azamor?

Precisando voltar ao Reino, deixou o Governo entregue a D. João de Menezes, e Ruy Barreto, experimentados Capitães na guerra d'Africa, e chegou a Portugal entre vivas, e publicas acclamações. Desta insigne victoria, que alcançárão os Portuguezes contra os Mouros d'Africa, dêo El-Rei D. Manoel conta ao Papa Leão X.; o que foi muito celebrado em Roma, com uma solemne acção de graças, em nome de todo o christianismo, dizendo Missa de Pontifical o mesmo Papa, e se recitou huma elegante Oração, em que se engrandecia o zelo, e christandade de El-Rei, e se louvou o valor, e merecimentos do Duque. Fizerão-se repetidos elogios a El-Rei, derão-se louvores aos seus subditos, que povoando os mares com armadas, e a

terra com exercitos, discorrião victoriosos na Azia, e na Africa. Esta felicissima empreza do Duque D. Jaime, fez seu filho D. Theodosio pintar em huma sala principal do Paço de Villa Voçosa: o mesmo Papa Leão X. lhe concedêo muitas graças especiaes, e de grande credito para sua caza.

CAPITULO XI.

ANNO DE 1514.

ElRei D. Manoel manda um rico presente ao Papa Leão X.

O objecto de que vamos tractar parecerá talvez de pequena monta, no entanto não he assim, pois elle claramente indica a florescencia e riqueza d'estes reinos no feliz reinado d'El-Rei D. Manoel. No Monarcha sobresahia a piedade a par das outras virtudes e dotes grandiosos d'alma, e não deslembrava as cousas do Ceo pelas da terra; por is-

so o Pontifice Leão X., Vigario de Christo, não esquecêo ao Soberano, que fez a ventura a estes Reinos.

Descreveremos pois o rico presente qne El-Rei enviou a Sua Santidade, não pela grandesa do objecto, mas para fazer sobresahir mais a magnidade do Rei e mostrar a opulencia do Reino de Portugal.

Tinha o dia 12 de Março de 1514 sido escolhido para Tristão da Cunha dar Embaixada publica em Roma, e foi ella pelo seguinte modo: A's duas horas da tarde hum lusido cortejo sahia do palacio de sua habitação seguindo o Embaixador extraordinario, e dous Fidalgos, a quem El-Rei déra tambem o caracter d'Embaixadores; grande numero de trombetas, charamellas, pifanos, e atabaldes de El-Rei, acompanhavão o cortejo lusidamente vestidos, e a cavallo: seguião-se muitas azemulas, que homens com varias e ricas librés levavão de redea, as quaes hião cobertas de ricos pannos de seda de varias côres, e insignias: seguia-se o Rei d'Armas de Portugal, vestido de roupa de panno de ouro, com as Armas do Reino coroadas, e cercadas de perolas, e rubins. Logo mais de cincoenta nobres, vestidos de péles, e brocados, com chapéos ornados, e cobertos de perolas, e aljofares, e a tiracolo talabartes de ouro e pedraria, montados em cavallos, com sellas, peitorais, e mais arreios de ouro macisso, ou de lavôr esmaltado de perolas, e pedras preciosas. Cada um destes Cavalleiros levava grande numero de criados com ricas librés. Seguia-se um Elefante Indio, sobre o qual hia um rico cofre com o presente, coberto de um panno tecido de ouro com as Armas de Portugal, que não só cobria o cofre, mas tambem o Elefante até arastar pelo chão; hia tambem sobre elle um Naire que o mandava, vestido de roupa d'ouro e seda; hia mais um cavallo Persico, que El-Rei de Ormuz mandára a El-Rei D. Manoel, e uma Onça, com hum ca-

çador tambem Persico, que a levava nas ancas do mesmo cavallo. Este brilhante trem, a que se juntárão os Embaixadores de todas as Côrtes, que se achavão em Roma, e todas as grandes Personagens daquella Côrte, fazia a mais apparatosa comitiva que jámais se vio em semelhantes acções. Logo que o Elefante avistou o Papa, que no Castello de S. Angelo estava com todos os Cardeaes admirando a magnificencia deste brilhantissimo acompanhamento, ao signal que lhe fez o Naire, se humilhou tres vezes, e tomando na tromba grande quantidade de agoa de cheiro, que estava preparada, rociou com ella ao Papa, e Cardeaes, e depois a todos em circuito. A Onça tambem executou varios movimentos, que admirárão a todos. O presente para o Papa constava de um Pontifical completo bordado d'ouro, guarnecido de riquissima pedraria, em que se vião muitas romãs d'ouro macisso, cujos bagos erão finissimos rubins. Forão tambem Mitra, Bago, Anneis, Cruzes, Calices, e Turibulo, tudo d'ouro batido, coberto de pedraria, e muitas moedas d'ouro de quinhentos crusados cada huma. O Pontifice dirigio aos Embaixadores as mais distinctas expressões em louvor d'El-Rei, e da Nação Portugueza. Este presente não só espantou a Italia, mas tambem a Europa, pois se estimou em mais de um milhão da nossa moeda. (*)

(*) Esta somma era reputada n'esta epocha de grande consideração.

CAPITULO XII.

ANNO DE 1515.

Affonso d'Albuquerque sae de Goa com uma esquadra de vinte e seis embarcações em que hião mil e quinhentos Portuguezes e seiscentos Malabares, e vai sobre Ormuz. Conquista esta importante praça. Hamet, Menistro do Rei, é morto: declarão-se os motivos. Os Principes cegos d'ordem do Rei d'Ormuz são entregues a Affonso d'Albuquerque que os envia para Goa. Pretexto porque os Portuguezes se apoderárão da artilheria d'Ormuz. Affonso d'Albuquerque recebe com grande aparato o Embaixador do Sophi da Persia. O Rei d'Ormuz vizita o Governador Geral: cerimonial seguido nessa entrevista. Morte do grande Affonso d'Albuquerque.

Affonso d'Albuquerque, no meio da sua gloria, recordava-se sempre, que a desobediencia dos seus Capitães o tinha privado da conquista de Ormuz. Tanto se havia affligido, que jurou de jámais cortar a barba em quanto não dominasse aquella praça. Sete annos havião já corrido, e o cabello da sua barba estava prodigiosamente comprido, quando obteve emfim o que tão ardentemente desejava. Sahio de Gôa Quarta feira de Cinza, a 21 de Fevereiro de 1515, com uma esquadra de vinte e seis vellas em que embarcárão mil e quinhentos Portuguezes, e seiscentos Malabares. (*)

Ormuz, depois de muitas vicissitudes, tinha então por Soberano em titulo Torincha, e por verdadeiro Senhor Raez Hamed, seu Ministro. A esquadra de Affonso de Albuquerque salvou ao palacio do Rei com a sua artilheria, e fez exigir delle a fortaleza, e habitações na cidade. Hamed não ousou aconselhar a Torincha que recusasse uma exigencia feita com as armas na mão. Depois de varios incidentes, o Rei mandou dizer a Affonso d'Albuquerque, que podía tomar posse da fortaleza, e o General enviou para esse fim a D. Alvaro de Castro, e Lopo d'Azevedo com alguma tropa. Estes chefes, achando as portas abertas, entrárão na fortaleza Domingo de Ramos, 31 de Março de 1515, (**) e arvorárão logo o Pavilhão Real de Potugal, que foi saudado com huma salva geral d'artilharia da esquadra. Affonso d'Albuquerque desembarcou então entre as mais vivas

(*) (**) Commentarios d'Affonso d'Albuquerque.

acclamações. Hia precedido da Cruz que levava um Frade Franciscano, e do Estandarte Real, acompanhado dos Officiaes da armada. Ao entrar a porta da fortaleza ajoelhou e dêo graças a Deus por lhe conceder a posse de uma tão importante praça sem derramamento de sangue. De todos os lados só se ouvião acclamações, sendo geral o enthusiasmo.

No entanto Affonso d'Albuquerque, e Hamed tinhão um reciproco odio, que ambos tractavão de encobrir. Os historiadores concordão em que o Rei de Ormuz supplicára, em segredo, a Affonso d'Albuquerque de o libertar d'aquelle insolente Ministro, o que em breve teve execução.

Tractou-se de uma conferencia do Monarcha, e do General Portuguez. Hamed exigia que ella tivesse lugar em um pavilhão que mandára levantar em frente do palacio. Affonso d'Albuquerque insistio que havia de ser na fortaleza, e assim se executou.

Tinha-se convencionado não entrar pessoa alguma com armas. Hamed se apresentou sem se conformar a esta condição. Affonso d'Albuquerque o increpou, e Hamed lhe respondêo com audacia; para logo os Officiaes Portuguezes matárão o Ministro. O Rei que chegou neste momento indicou intimidar-se; mas foi reanimado pelo discurso de Affonso d'Albuquerque. Os irmãos, e os partidistas de Hamed tomárão armas; bem depressa elles se vírão obrigados a deixa-las. Forão banidos; e o Rei livre de semelhante Ministro, se ligou aos Portuguezes.

Os Soberanos d'Ormuz por um costume inaudito mandavão cegar seus parentes para assim evitarem questões sobre a successão ao Throno. Estes infelizes tinhão mulher e filhos, e Affonso d'Albuquerque fez que lhe fossem entregues como refens e os mandou para Gôa.

Por esta occasião se espalhou o boato de que vinha sobre Ormuz uma forte esquadra do Califa. Nunca se poude saber quem fôra o author de semelhante boato, no entanto Affonso d'Albuquerque, simulando acreditar uma noticia que não tinha nenhuma probabilidade, enviou D. Garcia de Noronha a pedir da sua parte ao Rei toda a artilheria do palacio e da cidade, sob o pretexto de que tinha precisão d'ella para hir combater a frota inimiga, e não podia deixar a cidadella sem armas. O Rei prometteu tudo a principio; mas tendo-se depois arrependido da sua facilidade, quiz-se retratar. D. Garcia de Noronha, que tinha ordem secreta de a tirar por força, se lha negassem, desvaneceu todo o pretexto de dilações, dizendo que não partiria sem que a artilheria fosse dada, como foi effectivamente, e d'esta maneira se appossou de toda a artilheria d'Ormuz.

Estando Affonso d'Albuquerque de posse da importante praça d'Ormuz, chegou a este paiz um Embaixador de Ismael, Sophi da Persia, com embaixada do seu Soberano. O Governador Geral desejando engrandecer o poder dos Portuguezes quiz receber esta embaixada com o maior aparato.

D. Garcia de Noronha, e alguns fidalgos cavalleiros, forão cumprimentar o Embaixador e o conduziram á presença d'Affonso d'Albuquerque, da maneira que vamos descrever.

Dous Mouros a cavallo, caçadores d'Onças, trazendo cada um d'elles uma d'estas féras nas ancas, servião de batedores. Seguião-se doze Mouros a cavallo ricamente vestidos, os quaes levavão peças d'ouro, e varios brocados e tapeçarias; vinhão em seguida os trombeteiros, e atabaleiros Portuguezes tangendo seus instrumentos belicos, vião-se logo os fidalgos, cavalleiros, e officiaes todos a cavallo; e formando allas, e fechava o cortejo o Embaixador acom-

panhado de D. Garcia de Noronha cercado dos officiaes do Estado Maior, e escoltados pela cavallaria. (*)

O Rei d'Ormuz com sua comitiva estava em uma das janellas do Palacio admirando este acompanhamento que caminhava entre allas da tropa. Logo que o Embaixador entrou na fortaleza salvou a artilheria dos fortes a que correspondeu a da esquadra.

Affonso d'Albuquerque rodeado dos Capitães esperava o Embaixador em um estrado que se levantára na praça, armado de ricas tapeçarias, tendo na frente assento coberto com um rico docel.

O Embaixador subio ao estrado. Affonso d'Albuquerque levantou-se então, e deu tres passos para o receber. O Embaixador depois dos cumprimentos do estilo entregou uma carta do Sophi da Persia para El-Rei de Portugal, e os ricos presentes, e deu sua embaixada. Affonso d'Albuquerque, depois de breve prática, despedio o Embaixador que foi reconduzido ao seu aposento com o mesmo acompanhamento.

Passado algum tempo o Rei d'Ormuz visitou Affonso d'Albuquerque na fortaleza. O Rei veio a cavallo cercado dos Governadores, e Senhores da terra ricamente vestidos. Os trombeteiros, e atabaleiros Portuguezes precedião o cortejo, e as tropas formavão allas.

Affonso d'Albuquerque, cercado de todos os Capitães, estava em uma sala ricamente armada, e veio á porta receber o Rei, que o beijou na testa, honra que os Soberanos da India só fazião aos seus iguaes. O Governador Geral lhe

(*) Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

quiz beijar a mão, o que o Rei não consentio, e entrando na salla se sentaram ambos em duas cadeiras com almofadas de veludo, que se achavão collocadas debaixo d'um riquissimo docél. A conferencia foi longa, e o Rei fez os mais vivos protestos de que seria sempre fiel a El-Rei de Portugal Finda a entrevista o Governador Geral acompanhou até á porta o Rei, que se retirou muito satisfeito com o mesmo cortejo para o seu Palacio.

Affonso d'Albuquerque logo que se concluíram as conferencias com o Embaixador do Sophi da Persia, e este se retirou ao seu paiz, o fez acompanhar por Fernando Gomes de Lemos, encarregado de presentes consideraveis para o Sophi, e de lhe propor uma alliança com El-Rei de Portugal.

Depois de tantos successos gloriosos, Affonso d'Albuquerque adoecendo gravemente, falleceu neste anno, daremos a biographia d'este heróe.

Affonso d'Albuquerque denominado o grande, pelas heroicas façanhas com que encheu d'admiração a Europa, e de pasmo e terror a Asia, nasceu no anno de 1453 na quinta chamada pela amenidade do sitio o Paraiso da Villa de Alhandra, sendo filho segundo de Gonçalo d'Albuquerque, Senhor de Villa Verde, e de D. Leonor de Menezes, filha de D. Alvaro Gonçalves d'Atayde, Conde de Atouguia, e de sua mulher D. Guiomar de Castro. Educado no Palacio d'El-Rei D. Affonso V., sahio um valente soldado. Este Monarcha conhecendo o seu merecimento o fez partir na Esquadra em 1480, que mandou em soccorro d'El-Rei D. Fernando de Napoles, para reprimir o furor dos Turcos, que tinhão occupado a Otranto, em que mostrou seu heroico valor. Não foi inferior a gloria, que conseguio o seu braço na expedição intentada no anno de 1489, para defender

a Graciosa, situada na Ilha, que o Rio Luco forma junto á cidade de Larache, debaixo dos auspicios d'El-Rei D. João II, de quem foi Estribeiro mór; sendo estas duas famosas emprezas succedidas, uma na Europa, outra na Africa, o preludio das victorias de que havia ser theatro a Azia, para onde navegou a 6 de Abril de 1503, e depois de muitas acções dignas de eterna memoria se restituio a Portugal, mais cheio de gloria, que de despojos, em que tem maior parte a cobiça, que o valor. Tendo segunda vez surcado os mares como Capitão em uma Esquadra de quinze vellas, em companhia de Tristão da Cunha, para continuar os triunfos, de que era arbitra sua espada, o elegeu El-Rei D. Manuel para Governador da India, de que tomou posse a 4 de Novembro de 1509. Parece difficil acreditar a continuada torrente de victorias alcançadas pelo braço d'este invencivel heróe, que qual raio fulminante da Esphera não houve parte em todo o Oriente, que não experimentasse o impulso arrebatado de seus estragos, reduzindo a cinzas as cidades de Brama, Orfacão, Calicut, Pangim, e as numerosas armadas de Meca, Adem, e Ormuz. Duas vezes ficou victorioso em Gôa, humilhando na segunda o Hidalcão, como já dissemos. Que frondosas palmas, e louros colheu o seu invencivel braço, no rendimento de Malaca, cuja heroica façanha divulgou admirada a fama por trez mil boccas de fogo, gloriosos despojos de tão celebre expugnação!

Rendeu Lamo, Mascate, Benasterim, Calayate, e as Ilhas de Camarão, Queixome, e Homelião com a morte dos dois sobrinhos do Rei de Larec, etc. O brado das suas espantosas acções, com que tinha assombrado todo o Oriente, obrigou o Rei das Ilhas de Maldiva, Vengapor, e o Hidalcão, a buscarem-no para protector de seus Estados; e em demonstração da sua obediencia se fizerão tributarios á nossa Corôa. Recebeu diversas embaixadas dos Principes da Persia, e da Arabia, e dos Reis de Pegú, Bengala,

Pedor, Sião, Pacem, e outros, sollicitando a sua amisade com generosos donativos que benignamente agradeceu, e generosamente regeitou.

Nos seis annos do seu governo fundou diversas fortalezas, com as quaes firmou o imperio Portuguez no Oriente, que se achava forte, especialmente pela conquista dos trez importantes pontos de *Gôa*, *Malaca* e *Ormuz*, que na sua vasta idéa abrangião todo o commercio do Oriente, o fazião os Portuguezes senhores de seus mares, e de suas ricas e variadas producções.

Malaca era o emporio geral a que concorria o *cravo* das *Molucas*, a *nóz* de *Banda*, o *sandalo* de *Timor*, a *canfora* de *Borneo*, o *ouro* de *Çamatra*, e do *Lequio*, e as gommas, aromas, e mais mercadorias preciosas da *China*, do *Japão*, de *Siam*, de *Pegú*, *&c.*

Gôa reunia ao que lhe vinha de *Malaca* os estofos de *Bengala*, as perolas de *Kalckar*, os diamantes de *Narsinga*, a canella e rubins de *Ceilão*, a pimenta, gengibre, e outras especiarias de *Malabar*, que até então enriquecião *Calicut*, *Cambaya*, e *Ormuz*.

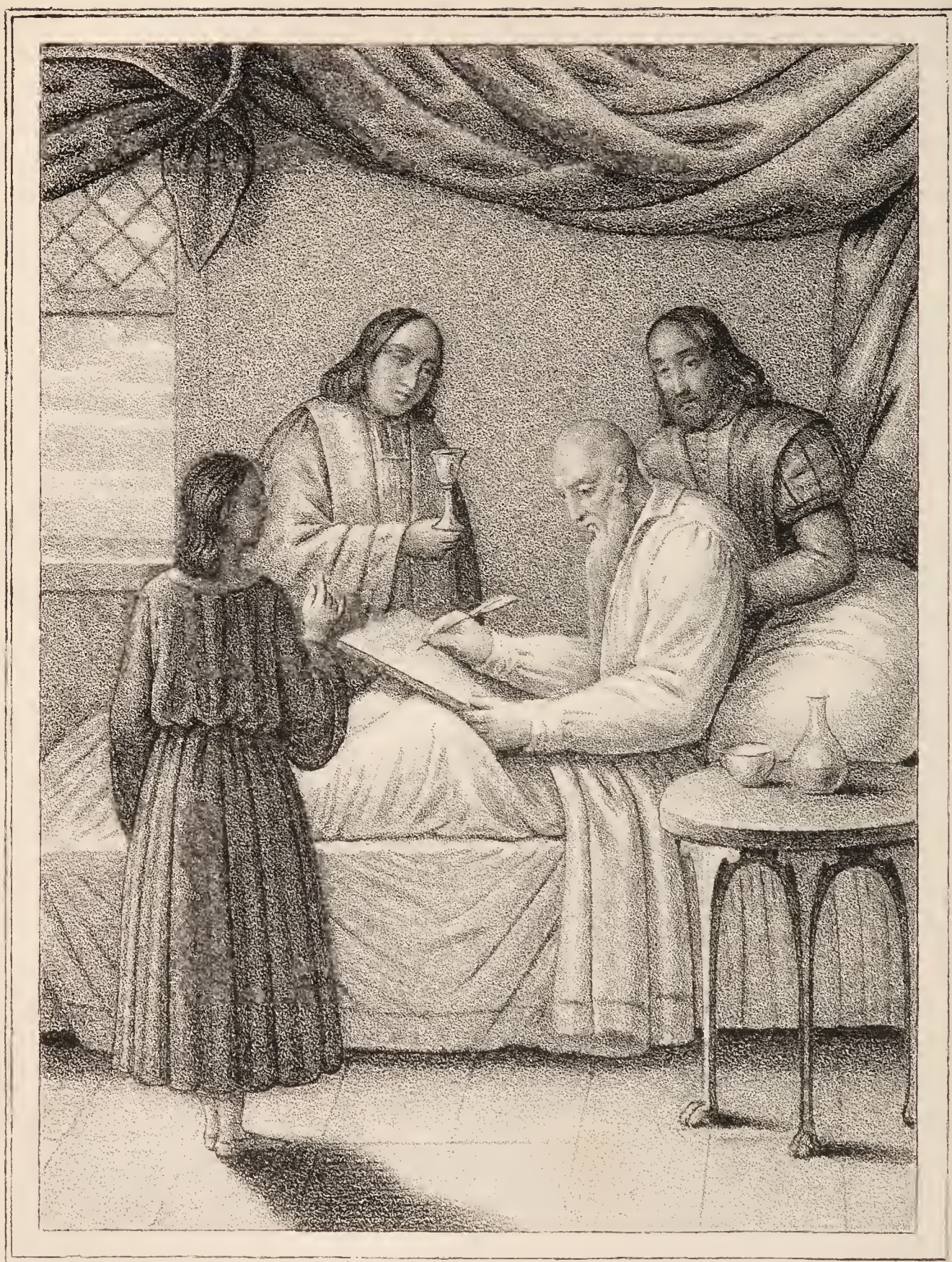
Ormuz finalmente era como entreposto, aonde se depositavão todas as produções da India, e mais paizes Orientaes para d'ahi passarem pelo golfo persico a *Bassora*, e logo em caravanas á *Armenia*, *Trebisonda*, *Alepo*, *Damasco*, *&c.*

Já dissemos muito em summa, como este grande homem estendeu, e ampliou em todo o Oriente o nome Portuguez, mandando Embaixadores, e descobridores aos paizes mais remotos, ajustando pazes, e commercio com muitos Principes, e recebendo de todos elles testemunhos de

respeito. Muitos d'elles derão mostras de grande sentimento pela sua morte, e alguns tomaram lucto por ella... Nunca a inveja e a ingratidão sacrificaram mais illustre victima!

Affonso d'Albuquerque era mui douto nos estudos astronomicos, cosmograficos, e nauticos, como educado que fôra na Escóla Portugueza d'aquelles felices, e saudosos tempos: e frequentes vezes propunha difficeis problemas nestas sciencias ao grande geometra Portuguez Pedro Nunes.

Alguns escriptores estrangeiros lhe attribuem o pensamento e projecto de derivar o *Nilo* para o golfo arabico, com o fim de dar um grande golpe no poder do Soldão do Egypto.

Depois de celebrados os tratados de paz com os Reinos de Cambaia, Dabul, Onor, Baticála até ao Cabo de Çamorim, e com os Principes da China, Java, e Molucas, se sentio, estando ainda em Ormuz, accommettido de uma grande desenteria. Bem depressa o mal fez taes progressos, que Affonso d'Albuquerque dictou a sua ultima vontade, e recebeu os Sacramentos da Igreja. Algum alivio que sentio lhe fez tomar a resolução de se retirar a Gôa: mas apenas estava fóra do golfo de Ormuz, uma pequena embarcação Mourisca, sahida de Diu, lhe veio entregar cartas, que ajuntaram aos seus males physicos os mais profundos desgostos. Um Mouro, chamado Cide-Alle, participava-lhe que Lopo Soares d'Albergaria vinha com treze navios succeder-lhe em o Governo da India; que Diogo Mendes de Vasconcellos estava nomeado Governador de Cochim, e Diogo Pereira, Secretario. A outra carta era do Embaixador do Sophi, que lhe confirmava estas noticias, e que insistindo sobre a ingratidão com que eram pagos seus relevantes serviços, lhe offerecia, em nome de seu Senhor, um muito honroso domicilio.

L. Maurin lith. Lith. Fz. Cª

ULTIMOS INSTANTES

d'Affonso d'Albuquerque.

Affonso d'Albuquerque não poude conter o seu resentimento. Lopo Soares d'Albergaria era seu inimigo pessoal, Diogo Mendes Vasconcellos, e Diogo Pereira tinhão sido por elle enviados prezos a Portugal para serem julgados como réos, o primeiro dos trez vinha succeder-lhe no governo, e os outros regressavão á India revestidos dos mais importantes cargos! «É pelo serviço do Rei, diz elle em «sua dôr amarga, que fiquei mal com os homens, e é «pelos homens que supporto a inimisade d'El-Rei! Desce «ao tumulo, velho desgraçado!» Estas ultimas palavras sahiram da sua bocca muitas vezes; emfim elle cedeu ás instancias d'aquelles que lhe aconselhavão escrevesse a El-Rei D. Manuel. A sua carta tem sido conservada, e ella o merecia; é nobre, e significativa.

«SENHOR — Quando esta escrevo a Vossa Alteza estou «com um soluço que é o signal da morte. Nesses Reinos «tenho um filho, peço a Vossa Alteza que o faça grande «como meus serviços merecem, que lhe tenho feito com «minha serviçal condição, porque a elle mando, sob pena «da minha benção, que vol-os requeira. Em quanto ás cou-«sas da India nada vos digo, porque ella falará por si, e «por mim.» (*)

Avistando Gôa em 15 de Dezembro, mandou buscar um Medico, de que forão inuteis os auxilios, e o Vigario Geral, que lhe deu os soccorros consoladores da Religião Christã. Elle patenteou grandes sentimentos de piedade, e morreu antes de romper o dia de Domingo 16 de Dezembro de 1515. Contava então sessenta e tres annos de idade, havendo mais de dez que persistia nas Indias. Seu corpo foi amortalhado no Manto Militar da Ordem de Santiago, de que era Commendador; e tanto que o cadaver chegou ao

(*) Commentarios de Affonso d'Albuquerque.

Caes de Gôa, se levantou tal alarido funebre em todo o povo, que até os Sacerdotes interropião o canto Ecclesiastico com lagrimas e suspiros. Os Gentios admirados de o ver com a barba tão extensa, e com os olhos quasi abertos, affirmão com supersticiosa credulidade, que não morrera, mas que Dêos o chamára para General de seus exercitos. Levado debaixo do Palio aos hombros das principaes pessoas de Gôa, o sepultaram na Igreja de Nossa Senhora da Serra, que elle edificára em agradecimento do feliz successo da conquista de Malaca. A este deposito de suas triunfantes cinzas concorria a gente obzequiosa com varios donativos, esperando que fosse propicio ás suas supplicas. Passados cincoenta e um annos, foi trasladado, como disposera no seu Testamento, para o Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, (*) com pompa digna de tão grande heróe.

Estes sentimentos geraes erão sinceros; porque, se Affonso d'Albuquerque era algumas vezes severo em demasia, não esqueceu jámais reconhecer os bons serviços tributados ao Estado; de maneira, que se elle se fazia temer, tambem se fazia amar. De resto, factos incontestaveis provão qual era o seu amor pela justiça. Mais de uma vez, depois da sua morte, os Mouros, e os Indios levaram offerendas á sua sepultura, e pediram justiça á sua sombra dos vexames, e tyrannias que soffrião.

Ainda que nem sempre o triunfo coroou as emprezas de Affonso d'Albuquerque, comtudo é elle, sem contradição, o que levou mais longe nas Indias a gloria, e o poder dos Portuguezes. Foi reconhecido por um dos mais habeis Generaes que tem existido, e debaixo d'este ponto

(*) Os restos mortaes do heroe chegaram a Lisboa em 6 de Abril de 1566, estando em deposito na Casa da Mesericordia, forão trasladados para a Graça em 19 de Maio do mesmo anno.

de vista, não se lhe póde notar outro defeito, senão aquelle de se expôr muitas vezes como hum simples soldado. Em tantas batalhas terrestres e naváes sahio muitas vezes ferido, testemunhando com o seu sangue, que sempre buscava o lugar de maior perigo. Foi tão generoso, que dando ás suas tropas os despojos alcançados em tantas conquistas, morreo pobre. Seu nome, sendo até agora applaudido pelas vozes da fama, chegará com a mesma gloria á ultima posteridade.

Causa admiração o procedimento d'ElRei D. Manoel para com o grande Affonso d'Albuquerque, mas é necessario declarar os motivos. Os emulos do heroe fizerão-lhe menos mal do que elle proprio, logo que pedio ao Soberano possuir Goa debaixo do titulo de Ducado. Não foi então difficil fazer persuadir a ElRei que Affonso d'Albuquerque buscava tornar-se independente: com tudo as suas emprezas, e acções o patenteárão sempre como subdito fiel.

ElRei D. Manoel patenteou grande pesar de não ter feito justiça aos relevantissimos serviços de Affonso d'Albuquerque, e querendo eternisar a memoria de tão grande heroe, ordenou a seu filho que mudasse o nome de Braz, que lhe fôra imposto no baptismo, no de Affonso d'Albuquerque, e o encheo de beneficios. Este herdeiro das virtudes, e das acções heroicas de tão grande pai, a quem a Villa d'Alhandra deu o berço em 1500 junto ás margens do Téjo, o foi igualmente dos seus merecimentos: além de outras honras, e mercês foi nomeado pelo Soberano Capitão de hum navio da Armada, que conduzio a Infanta D. Brites, quando se foi despozar com o Duque de Saboia. O mesmo Monarcha o fez casar com huma Dama das mais illustres, que então venerava Portugal, D. Maria de Noronha, filha de D. Antonio de Noronha, primeiro Conde de Linhares, Escrivão da Puridade d'ElRei D. Manoel, e

de D. Joanna da Silva, filha de D. Diogo da Silva, primeiro Conde de Portalegre; e lhe fez mercê de hum juro de trezentos mil réis. ElRei D. João III. o nomeou Védor da sua Fazenda. Foi Presidente do Senado de Lisboa em 1569, em que mostrou seu grande zelo nas sabias providencias, que deu para se remediarem os estragos da peste, que havia reduzido á morte a tantos milhares de pessoas. Acabou seus dias cheio d'annos e d'acções virtuosas em Lisboa no anno de 1580, e jaz sepultado na Parochial Igreja de S. Simão da Villa d'Azeitão.

Affonso d'Albuquerque desejou que alguem podesse escrever sua historia, elle o podia fazer, como Cezar escreveo a sua. Seus trabalhos o impedirão; porém seu filho executou huma vontade que seu pai lhe manifestára muitas vezes, escrevendo os COMMENTARIOS D'AFFONSO DE ALBUQUERQUE que se imprimirão em Lisboa em 1576.

Nesta obra ha hum grande amor da verdade, grande moderação, e muita prudencia para com os inimigos de seu pai; e tanta modestia na relação das acções deste heroe, que se póde dizer que o que faz bem longe de o exceder, he em tudo muito inferior ao seu original.

CAPITULO XIII.

ANNOS DE 1515 A 1517.

Lopo Soares d'Albergaria toma conta do governo da India, e transtorna tudo que havia feito seu antecessor. Vai com huma nova expedição ao Mar Roxo a qual he completamente destruida pela fome, sede, peste, temporaes e outras calamidades. Desordens occorridas em Gôa e Malaca, que estiverão a ponto de sahir do dominio dos Portuguezes.

A 7 d'Abril de 1515 sahio de Lisboa Lopo Soare d'Albergaria, levando treze nâos, em que ião mil e qui-

nhentos homens de peleja, e vindo dar fundo em Goa a 8 de Setembro do mesmo anno: (*) tomou posse do governo da India, estando ainda Affonso d'Albuquerque em Ormuz. Visitou as praças, guarnecendo-as de Officiaes de sua confiança, despedindo os affeiçoados d'Affonso d'Albuquerque; desprezando as suas idéas, e finalmente seguio hum systhema inteiramente contrario ao do seu antecessor.

D. Garcia de Noronha, a quem seu tio havia feito partir primeiro para Cochim, foi-lhe concedido voltar para Portugal. Os inimigos dos Portuguezes cobrárão alento, e os amigos descoroçoárão; os Reis de Cananor, Calicut e Cochim perderão toda a confiança que tinhão em Affonso d'Albuquerque, a quem não sabião recusar cousa alguma. No entanto he força confessar que a Lopo Soares d'Albergaria não faltava o merecimento; porém as repetidas infelicidades que huma após outra tiverão lugar, fizerão sobressahir o paralello entre elle e o antigo Governador Geral.

Havia já alguns annos que ameaçavão os Portuguezes com huma armada do Califa mas ou fosse porque este Principe tivesse outros negocios, ou porque se desgostasse do infeliz successo de sua primeira tentativa, nunca se realisou tal ameaça. Duas cousas espertárão o Califa; a primeira foi a industria do Emir Hocem, a segunda o medo que lhe causou a esquadra Portugueza entrada no Mar Roxo, commandada por Affonso d'Albuquerque.

Hocem sendo desbaratado por D. Francisco d'Almeida, não ousou voltar ao Cairo, com medo de pagar com a cabeça as faltas da sua má fortuna. Os Principes musulmanos naquelles tempos não perdoavão a seus generaes infelizes, porém como este era hum antigo cortezão, resolveo congra-

(*) Barros, Dec. 3.ª L. 2.°, Cap. 1.°

çar-se com o seu Principe por meio d'algum serviço importante que o podesse ajudar a captar o seu valimento. Nesta idéa tendo confiado seus planos ao Rei de Cambaia, e Melique-Az, recolheo os fragmentos da sua armada, e retirou-se para Judá ou Gidá. (*) Esta cidade que está situada sobre a costa da Arabia, a vinte e hum gráos e meio de latitude do Norte; ainda que antiga, e bella pelos seus edificios, não tinha outro merecimento, que o de ser frequentada pelos peregrinos que ião a Meca, donde dista doze legoas. O territorio era esteril: a agua ahi se paga cara, porque vem de muito longe em bestas de carga. Não tinha então Mouros, e estava sujeita ás invasões dos Beduinos Arabes que a infestavão com suas correrias e roubos.

Hocem determinado a estabelecer-se alli, fez saber aos habitantes que queria ficar entre elles para os defender dos roubos dos Arabes, e ao mesmo tempo instruio o Califa do seu verdadeiro plano. Começava a carta que escreveo a este Principe expondo de huma maneira delicada a infelicidade da sua destruição, a qual attribuia aos peccados dos Musulmanos, e á indignação do seu grande propheta. Depois passando aos progressos extraordinarios que os Portuguezes tinhão feito nas Indias contra o esforço de todas as potencias da Azia, suppunha que a sua principal mira era assenhorearem-se do sepulchro de Mafoma para conseguirem dos Mahometanos os mesmos tributos que elles lucravão do Santo Sepulchro, e dos Christãos que o visitavão. Não se enganava porque se Affonso d'Albuquerque vivesse teria destruido Meca, e Medina, sem deixar pedra sobre pedra.

O nosso heroe projectava levar ávante este projecto

(*) Judá ou Gidá pertencia ao Reino d'Adel; era situada na costa, e dista só 12 legoas de Meca,

quando fosse senhor de Ormuz, e de alguns outros pontos no golfo Persico, d'onde pretendia enviar por terra gente determinada a toma-la. Hocem representava como meio efficaz de se oppor á empresa dos Portuguezes, fortificar Judá, que seguraria o sepulchro de Mahomet contra as armas dos Christãos, e faria tambem o Califa Senhor do Mar Roxo.

Aproveitou o artificio de Hocem.

Captivado o Califa por este zelo de Religião, e pelo interesse pessoal soccorreo-o com gente, e dinheiro: ordenou-lhe que cercasse Judá de muros, e nella fundasse huma boa cidadella, afim de conter os habitantes sujeitos. O Califa tratou então de arranjar huma nova esquadra para mandar á India. Fez o córte das madeiras n'Asia, como da primeira vez; e ainda que o Balio Portuguez da ordem de S. João em Jeruzalem desbaratou tambem esta frota no Mediterraneo, mettendo seis navios ao fundo, e tomando cinco, salvou muita madeira de construcção com que fez em Suez vinte e sete embarcações, taes como galeras, fustas, e gelvas, nas quaes trabalhárão deligentissimamente hum extraordinario numero d'operarios.

Na força deste trabalho Raes Solimão, corsario célebre, chegou a Alexandria para offerecer seus serviços ao Califa. Era homem de nascimento humilde, natural de Milere, tinha sido no principio pirata, e adquirio alguma reputação; porém as queixas que os Turcos fizerão contra elle á porta, havendo attrahido sobre elle indignação desta côrte, veio cruzar nas costas d'Italia, e Sicilia, onde tendo feito presas consideraveis, se poz em estado de se fazer receber pelo Califa com muita estimação, por se apresentar com melhor fortuna.

Com effeito o Califa o recebeo como hum enviado do

Ceo e logo o nomeou general da frota que tinha feito apparelhar em Suez e lhe deu Hocem para lugar tenente com ordem de o ir buscar a Judá, e d'irem juntos conquistar Adem, e se não o podessem conseguir, que construissem huma fortaleza na Ilha de Camarão onde sabia que os Portuguezes tinhão tenção de construir huma cidadella.

Solimão executou a sua commissão com a maior fidelidade e o mais breve que lhe foi possivel, e apresentou-se defronte de Adem. O Rei de Adem prevenido da chegada da frota musulmana, e não podendo duvidar das más intenções do Califa com quem estava mal, tinha posto a cidade em defeza, tirando d'Elach, e de outras praças dos seus estados, ponderosos soccorros de tropas, e munições, que havia enviado ao Emir Mira Merjão para poder sustentar hum sitio. Solimão bateo a praça com furor, fez huma grande brecha, e tomando-a de assalto entrou na cidade, porém perdeo ahi tanta gente, que admirado de huma tão vigorosa resistencia, se retirou para Camarão para ahi começar a cidadella que tinha ordem de fundar.

A molesta vivenda desta Ilha, onde a fome e a sede não podião tardar em se faserem sentir, junta a hum trabalho desagradavel e opposto ao seu genio activo e atrevido, tendo-lhe desagradado, deixou Hocem de continuar a obra de huma praça de que o Califa lhe havia destinado o governo.

Neste tempo chegou a noticia a Camarão, que o Califa tinha passado á Syria á testa de hum poderoso exercito contra Selim Imparador dos Turcos, e que o tinha desbaratado junto de Aleppoem batalha campal e alli tinha perdido a vida. Hocem que estava exasperado por lhe terem preferido Solimão no commando, approveitou a occasião para seduzir as tropas que tinha comsigo. Não faltárão

razões, nem meios para persuadir a gente opprimida; de sorte que todos de accordo deixárão a Ilha e se retirárão a Judá. Solimão que disto foi logo sabedor, para alli correo, Hocem lhe fechou as portas. Estavão para recorrer á força de huma, e de outra parte, quando o Muphti de Meca transportado do zelo de religião, e horrorisado dos damnos que ia cauzar esta guerra civil, acudio a Judá, e terminou as differenças dos dous competidores. Hocem foi a victima desta falsa paz, posto que della se desconfiasse. Solimão apoderou-se da sua pessoa com pretexto de o enviar ao Califa, e o fez deitar secretamente no mar com huma pedra ao pescoço.

ElRei D. Manoel, que tinha recebido noticias certas dos novos preparos que o Califa fazia em Suez, mandou ordens ao Governador Geral da India, e grandes reforços para ir combater a esquadra mahometana.

Lopo Soares d'Albergaria, reunindo as forças, se dispoz a combater os sectarios do Califa. A esquadra Portugueza composta de quarenta e sete navios, era a mais bella, e a mais numerosa que os Portuguezes tinhão tido nestes mares. A escolha dos seus Capitães era de gente valerosa, e distincta, porém em tudo d'inferiores áquelles velhos Officiaes, que tinhão servido com D. Francisco d'Almeida, e Affonso d'Albuquerque, os quaes desgostosos do novo governo tinhão ido descontentes para Portugal com D. Garcia de Noronha.

Lopo Soares d'Albergaria entrou no porto d'Adem, e salvou com toda a artilheria da esquadra. A cidade não respondeo ás salvas, o que admirou o Governador Geral, collocando-o n'huma posição difficil, visto que não tinha vontade de atacar a praça. Pouco tempo depois veio hum escaler a seu bordo com bandeira branca em signal de paz.

A brecha que Solimão tinha feito, não estava reparada. Mira Merjão, em attenção á necessidade em que se achava, enviou trez pessoas das mais notaveis da cidade para levarem as chaves ao Governador Geral dizendo-lhe: « *Que el-* « *le se reconhecia vassallo d'El-Rei de Portugal, e deixa-* « *va a cidade entregue á sua discripção: que haveria feito* « *o mesmo, quando Affonso d'Albuquerque alli se apresentou,* « *se este General muito austero não tivesse logo revoltado os* « *habitantes contra elle e inspirado um temor, que os obri-* « *gára a seguir o partido da defeza.* »

Nunca houve melhor occasião para tomar Adem, até ao ultimo moço da frota não havia quem julgasse que a deixarião escapar. Lopo Soares d'Albergaria pensou d'outro modo. Fez responder ao Emir, que elle reservava a sua boa vontade para a volta, que era obrigado a hir buscar a frota do Califa para a combater, que lhe pedia sómente alguns pilotos, e mantimentos que pagaria bem. O Emir não cabendo em si com o prazer que lhe causou esta resposta, e desejando só o feliz momento da partida da frota, enviou immediatamente quanto lhe pedião, e isto com muitas attenções.

Lopo Soares d'Albergaria mandou levantar ferro, e seguiu sua derrota para o Mar Roxo. Uma tempestade que se levantou, maltratou muito a frota, e a poz em grande perigo. Escapou d'ella com a perda de um dos seus navios, que estando muito carregado foi ao fundo.

Depois d'alguns outros transtornos a frota chegou a Judá. O medo afugentou todos os habitantes: a prudencia porém de Solimão fez com que se tranquillisassem mais, e o Governador Geral completou a obra, inspirando-lhes na verdade mais confiança. O porto apresentava algumas dificuldades na entrada, estando solidamente fortificado e com

boas baterias. Em quanto pois se meditava qual seria o melhor plano, Solimão approveitando este ensejo, manda desafiar Lopo Soares d'Albergaria, que foi prudente em não o acceitar. A melhor empreza era tomar a cidade, e queimar a frota do Califa, porém Lopo Soares d'Albergaria nada fez, e vendo-se insultado de todos os modos pelos inimigos, e não podendo rebater as queixas dos seus, que morrião de sede, fez-se á vella para a Ilha de Camarão.

Experimentou ahi novas angustias. Tendo fugido os habitantes, apenas poude alcançar alguns viveres de uma Ilha visinha, onde alguns dos seus foram tomados por traição, e enviados a Solimão.

Por falta de commodidades para acabar a cidadella de Camarão que os Mouros tinhão já bem adiantada, o General a destruio. A peste, fome, e sede fazião entretanto grande destruição na sua gente; as tempestades, tendo-lhe tambem feito perder alguns navios, foi cahir sobre Zeila na costa d'Africa.

Esta cidade muito povoada, era toda aberta, e sem defeza: porém como ahi tinhão em pouco o General, do qual sabião todos os desastres, o desespero deu valor aos seus habitantes, que tendo feito sahir as mulheres, e as bocas inuteis, para as pôr em seguro no centro das terras, se armaram e fizerão um bom aparato sobre a praia. A necessidade fez com que se resolvesse o desembarque. Os inimigos se admiraram pouco, e reprehendendo aos Portuguezes a fraqueza que tinhão mostrado em Judá, os insultavão, promettendo-lhes que elles lhes farião melhor acolhimento do que lhes tinha feito Solimão. A vanguarda, e o corpo da batalha tinhão já posto pé em terra, e se impacientavão das demoras do General que conduzia a retaguarda. O desgosto das suas dilações por uma parte, e a injuria dos

insultos dos inimigos, pela outra estimulando os Portuguezes todos de accordo cahiram sobre estes habitantes que apenas fizerão resistencia, entraram na cidade. Simão d'Andrade exasperado mandou dizer ao Governador Geral que podia vir para a cidade pois já não havia inimigos. Lopo Soares d'Albergaria ficou estimulado com esta mensagem, o que deu depois lugar a sérias desintelligencias com os seus Officiaes.

A cidade foi saqueada, e tomaram-se alli algumas provisões. O Governador Geral fez lançar fogo a todo o resto, esperando prover-se abundantemente de tudo em Adem, aonde tornou cheio d'aquella confiança com que tinha partido, porém era tarde, Mira Merjão approveitando-se do seu êrro tinha-se fortificado. As brechas estavão reparadas, as muralhas guarnecidas de artilheria, e a cidade cheia de boa soldadesca. Mira Merjão nada tendo que temer de um homem, que no estado em que se apresentava, era mais capaz de excitar compaixão, do que terror, negou-se até a dar-lhe viveres, e apenas permittio que podesse fazer aguada que lhe fez pagar muito cara. Nesta extremidade Lopo Soares d'Albergaria confuso, e reduzido a uma especie de desesperação voltou sobre a costa d'Africa para a cidade de Borbora. Um grande temporal espalhou a esquadra, Lopo Soares d'Albergaria com doze embarcações arribou a Ormuz, os outros aportaram a Melinde, Socotorá, e diversos portos, perderam-se muitos navios, de sorte que esta poderosa esquadra ficou completamente destruida pela fome, sede, doenças, naufragios, e outros desastres, causando estas desgraças gravissimo perjuiso aos negocios de Portugal nas Indias.

Em quanto Lopo Soares d'Albergaria estava occupado da sua triste expedição, Gôa esteve a ponto de cahir em poder do Hidalcão, por culpa do Governador D. Gutierres Monrroi, parente proximo do Governador Geral.

Fernando Caldeira que tinha sido pagem de Affonso d'Albuquerque, havia-se estabelecido em Gôa com a protecção d'este General, e ahi estava cazado. Foi pouco depois accusado á Côrte de ter sido traidor; sendo transportado a Portugal carregado de ferros. Como era homem de juiso, defendeu-se tão bem que foi não só absolvido, mas até regressou á India na esquadra de Lopo Soares d'Albergaria. Chegando a Gôa teve taes desgostos com o Governador da cidade, que fugio para Pondá, praça do Hidalcão, levando sua mulher e todos os seus bens. Ancostan que alli governava, sabendo que era valente, o recebeu com gosto, e travou amisade com elle.

D. Gutierres Monrroi desejando vir vingar-se, não cessava de sollicitar Ancostan para lhe remetter este desertor, afim de o castigar. Ancostan não quiz nunca attender ás suas proposições, e offendeu-se de que o quizessem obrigar a violar o direito da hospitalidade, e de azylo, o qual devia ser inviolavel nas terras do seu senhor. Não approveitando estas negociações, D. Gutierres Monrroi sobornou um Portuguez chamado João Gomes para assassinar Fernando Caldeira.

João Gomes acceitou a commissão e foi estabelecer-se em Pondá. Fernando Caldeira, que o conhecia, recebeu-o com os braços abertos e deu-lhe um quarto na sua casa.

Algum tempo depois montando Ancostan a cavallo, e hindo passear com elles fóra da cidade, fingio João Gomes ter que fallar em particular com Fernando Caldeira; e apartando-o um pouco, mata-o á vista mesmo de Ancostan, o qual irritado, mandou-lhe no alcance, e sem outra forma de processo, lhe cortou a cabeça logo que lh'o apresentaram.

D. Gutierres Monrroi ainda mais indignado contra Ancostan do que havia estado contra Fernando Caldeira,

sentia um desejo vehemente de vingar-se, e não o podendo conseguir com apparencias de honra, lançou mão da traição. Para melhor occultar os seus designios, preparouse para dar umas cavalhadas, approveitando para este effeito a festa do Pentecostes.

Incontinente passou a convidar toda a mocidade da cidade e seus suburbios, tanto Portuguezes como Mouros e Gentios sob o pretexto d'exercicio, adestrou por muito tempo a sua cavallaria a fazer diversos movimentos.

No dia de Pentecostes sobre a tarde, sem dizer nada do seu projecto, tomou oitenta cavallos, setenta arcabuzeiros Portuguezes e perto de quinhentos e cincoenta ou seiscentos Mallabares, que conduziu até ao paço de Benastarim onde chegaram á entrada da noite. Tendo-lhe declarado os seus intentos, achou alguma difficuldade nas pessoas de probidade, aos quaes esta traição não agradou; porém pretextando-a com o bem do serviço, os fez partir na mesma noite para Pondá, depois de haver empenhado João Machado, para deixar o governo do partido a seu irmão, D. Fernando de Monrroi. João Machado mais experimentado do que este, lhe aconselhou, que guarnecesse um desfiladeiro para assegurar a sua retirada, e fizesse o ataque de noite. Ancostan descobrindo o designio passou para a outra parte do rio com as suas tropas, e a maior parte dos moradores com que fez um corpo. Os Portuguezes entrando em Pondá passaram á espada tudo o que acharam; porém o seu Commandante perdendo a esperança de destruir o batalhão que estava além da ponte, e conhecendo o êrro que commettêra, mandou dizer a João Machado, que se retirasse com a sua infanteria, e que elle hia fazer o mesmo com a cavallaria, com a qual o defenderia.

Ancostan, tomando esta retirada como uma fuga,

passa a ponte, dá sobre D. Fernando Monrroi e faz chover sobre elle uma tão grande quantidade de frexas, que o poz em desordem, e o fez cahir sobre a sua infanteria, que debandou completamente.

O que se passava no desfiladeiro ainda offerecia um espectaculo mais aterrador. As forças que o guarnecião, tendo-o desamparado para tomar parte no saque da cidade de Pondá, Ancostan tirou partido d'esta falta do cuidado, e occupou-o sem demora. Favorecido pela posição vantajosa em que estava, esperou os que buscavão salvação na fuga, e fez uma mortandade espantosa. João Machado encontrou em breve a morte depois de ter obrado prodigios de valor. D. Fernando de Monrroi poude a custo evadir-se, com pequeno sequito e chegou a Benastarim onde o esperava D. Gutierres Monrroi.

Ancostan soberbo da sua victoria, despachou logo para o Hidalcão um emissario, dando-lhe conta do que se tinha passado, despertando-lhe a esperança de se fazer senhor de Gôa, que a infracção de paz lhe dava direito de atacar, e que estando bem debilitada pela perda que acabava de experimentar, cheia de tristeza, e medo, faria pouca resistencia. O Hidalcão fez tregoas com o Rei de Narsinga e mandou partir Seifadim com cinco mil cavallos, e vinte e seis mil infantes, que occuparam os portos da terra firme. O exercito não poude chegar a entrar na Ilha; porém fechou-lhe tambem todas as passagens, de sorte que Gôa apertada pela fome estava na precisão de se render, a não serem os soccorros que trouxerão João da Silva, que tinha invernado em Quilôa, Rafael Perestrello que voltava de Malaca, e Antonio de Saldanha que vinha este anno de Portugal com uma esquadra de seis navios.

Malaca correu igualmente o risco de sahir do poder dos

Portuguezes. Jorge de Brito veio render Jorge d'Albuquerque. A Côrte mal informada lhe deu ordens que Jorge de Albuquerque lhe aconselhou que não seguisse, prevendo os inconvenientes que succederião. Estas ordens pertencião aos Ambarages, e Ballates, que se chamavão os escravos do Rei. Esta gente sustentada pelo fisco, era só obrigada a certos trabalhos, fóra d'isso os deixavão viver em paz com suas mulheres e filhos: Jorge de Brito seguindo as suas instrucções, lhes diminuio os soldos, e os fez verdadeiramente escravos, repartindo-os entre os Portuguezes. No mesmo tempo intentou meter Portuguezes em todos os juncos e navios quo abordavão a Malaca, para fazerem commercio. Estas medidas fizerão com que emigrasse parte da população, e redusiram a cidade a uma total solidão. Em vão quiz Jorge de Brito corregir seu êrro; não o poude conseguir, e desgostoso morreu.

Estando para morrer nomeou Nuno Vaz Pereira, para governar em seu lugar. Nuno Vaz Pereira que se tinha apoderado da cidadella, onde se conservava em virtude d'esta nomeação, e tambem das ordens da Côrte. Antonio Pacheco que era Capitão do mar nestas paragens, pertendeu que lhe pertencesse o governo e se valeu da ordem que o grande Affonso d'Albuquerque tinha estabelecido, substituindo Fernando Peres d'Andrade, a Ruy de Brito Patalim, os Portuguezes dividiram-se em duas facções. Antonio Pacheco que queria evitar as occasiões das vias dos factos, retirou-se com a sua frota para uma pequena Ilha visinha. Um dia, que Antonio Pacheco veio a Malaca para ouvir missa, Nuno Vaz Pereira appareceu ao postigo da fortaleza, chamou-o, e mostrou querer entrar em ajuste por meio de louvados. Antonio Pacheco subio na boa fé e foi apanhado com alguns dos seus partidistas. Esta violencia accendeu os animos, e augmentou o fogo da discordia. O Rei de Bintam approveitou-se d'ella. Fez arranjar um corpo de tropas, veio acampar-se a cinco

legoas de Malaca na entrada do Rio Muar. Fortificou-se de modo que não poderam lançal-o fóra. Depois fazendo excursões por mar e terra, incommodou de modo a cidade, que nenhum navio ousava apparecer; o que com o tempo teria abatido esta praça, se a Providencia não tivesse velado sobre os Portuguezes.

A morte d'Affonso d'Albuquerque tinha transtornado os negocios na India. Em Belicala ergueo-se uma sedição terrivel; em que pereceram para cima de vinte e sete Portuguezes, e em Cochim, cinco que desapercebidos se entregavão ao prazer da caça, receberam igual sorte. Quinze fustas de Melique-Az correram sobre D. João de Monrroi, que crusava nas costas de Cambaia. Um Portuguez renegado era o encarregado da empreza; porém D. João Monrroi, avisado a tempo, desbaratou os traidores. As condições porque o Rei das Maldivas se havia feito vassallo do Rei de Portugal foram illudidas, e os Reis de Pegú e Bengala romperam a alliança com os Portuguezes.

CAPITULO XIV.

ANNO DE 1518.

Lopo Soares d'Albergaria chega á India vindo da expedição ao Mar Roxo, e na sua chegada experimenta alguns desgostos por El-Rei D. Manoel lhe haver quartado a sua authoridade. O Governador Geral despacha D. Aleixo de Menezes para Malaca a fim de estabelecer ahi governador Affonso Lopes da Costa, e Duarte de Mello em capitão do mar. Morre Nuno Vaz Pereira, e depois da sua morte levantão-se dois competidores ainda mais assiduos que os primeiros. Parte D. João da Silveira a crusar para as Ilhas Maldivas. Lopo Soares d'Albergaria vai com uma forte esquadra sobre Ceilão, aonde consegue fundar uma fortaleza. Regressa a Cochim,

encontrando ahi Diogo Lopes de Sequeira para seu successor lhe faz entrega do Governo da India, e regressa a Portugal.

Lopo Soares d'Albergaria, voltando da sua expedição ao Mar Roxo, teve o desgosto de saber em Gôa, que El-Rei D. Manoel limitava sua authoridade; pois além de nomear Commandantes para todos os governos, que d'antes só dependião da nomeação do Governador Geral, enviava tambem Fernando d'Alcaçovas como Intendente da fazenda, emprego que não estava sugeito ás ordens do Governador Geral, e encarregava Antonio de Saldanha de cruzar sobre toda a costa da Arabia, com poderes muito amplos, assignando-lhe hum consideravel numero de navios.

Corrião assim as cousas quando Lopo Soares d'Albergaria conseguio desgostar Fernando d'Alcaçovas a tal ponto, que este regressou para Portugal com os navios de transporte. As queixas que fez a El-Rei produziram seu effeito, porque desde então se estabeleceo o costume de mandar citar os Governadores Geraes perante o Tribunal da Fazenda Real, para alli darem contas. Não deixou comtudo de achar meios occultos para escapar depois ao rigor deste Tribunal. Pelo que respeita a Antonio de Saldanha, foi obrigado a contentar-se com huma esquadra mediocre, com a qual não fez mais do que tratar a cidade de Borbora do mesmo modo que o tinha sido tambem a de Zeila.

Lopo Soares d'Albergaria despachou depois D. Aleixo de Menezes para Malaca, a quem deo tres navios, com or-

dens de ahi estabelecer Governador Affonso Lopes da Costa, e Duarte de Mello Capitão do mar com ordem de faser passar Duarte Coelho de Albuquerque a Sião, a fim de ahi renovar alliança com o Rei, e obrigar este Principe a mandar seus navios a Malaca para animar o commercio desta cidade. Enviou tambem Manoel de Lacerda a Diu, D. Tristão de Menezes ás Melucas, e D. João da Silva ás Maldivas, donde devia passar a Bengala, e de lá tornar á Ilha de Ceilão.

D. Aleixo de Menezes satisfez bem a sua commissão. Nuno Vaz Pereira era morto, e tinhão-se levantado dois novos competidores mais assiduos ainda do que os primeiros, de sorte que de ambas as partes era preciso estar prevenido: tanto que o Rei de Bintam, aproveitando-se desta discordia, tinha formado um novo campo sobre o rio Muar, para aproveitar o de Cerebige, e infestava de tal modo Malaca, que a tinha como sitiada. D. Aleixo de Menezes teve trabalho para tranquillisar os Portuguezes. Não era este o tempo de punir os culpados, contentou-se em soltar Antonio Pacheco e os outros presos, e ordenar a uns e a outros que esquecessem as injurias passadas.

O Rei de Bintam, sabendo que D. Diogo de Menezes se retiraria brevemente de Malaca, récorreo a seus costumados artificios, e propoz a páz. Assignado o tratado, D. Diogo de Menezes, que ardia em desejos de voltar para Portugal, sahio para o Indostão, levando comsigo quasi todas as forças de Malaca.

O Rei de Bintam, tirando então a mascara, appareceo diante da cidade tão inopinadamente, que o Governador Affonso Lopes da Costa, cuidou que tomavão a praça nos primeiros momentos do assalto. A frota inimiga composta de oitenta e cinco embarcações das chamadas lancharas,

appareceo no porto, e lançou fogo a dois navios mercantes, e a uma galera que não poderam soccorrer, por causa de estar na baixa mar.

Havia em Malaca só setenta Portuguezes, a maior parte doentes. O toque de rebate lhes fez passar a febre; todos se armaram para correr ao porto; porém no tempo que para ahi correram, o exercito do Rei de Bintam appareceo da outra parte. Foi um verdadeiro milagre não se perder a praça; mas apezar da desordem inseparavel destes attaques inesperados, Portuguezes e Indios fizerão tão bem o seu dever, que o Rei de Bintam, estando perto de vinte dias diante da praça, foi obrigado a retirar-se para o seu campo de Muar, limitando-se, como d'antes, a evitar os viveres aos sitiados.

Por este meio, pode ser, que tivesse conseguido fazer cair a cidade, sem uma acção, que de um hospede lhe fez um inimigo, e que valeo aos Portuguezes. Um Java muito rico, e poderoso tinha uma mulher muito bella, de que o Rei se apaixonou, e foi correspondido. O Java estimulou-se da affronta que lhe era feita, e cheio de desejos de se vingar, passa secretamente a Malaca, põe-se á testa de um corpo de Portuguezes, sustentado da parte do mar por Duarte de Mello, attaca o primeiro campo de Mahomud, e o tomou, sendo porém desgraçado na sua vingança porque alli foi morto.

D. João da Silveira foi feliz na sua viagem ás Maldivas. Estas Ilhas compõem um archipelago defronte da peninsula da India áquem do Ganges, quasi a setenta legoas da costa de Malabar. Os Arabes contão muitas, a maior parte de pouca extensão, e separadas umas das outras por canaes mui pequenos. Teem-nas repartido em treze partes, que os Indios chamão Atollons, e que se dividem por lar-

gos braços de mar. Todos se persuadem, que ellas fizerão em outro tempo, com a Ilha de Ceilão, parte do continente, e que forão separadas por algum violento tremor de terra. O que poderia favorecer esta opinião é que se vê ainda no mar grande numero de coqueiros. Estas arvores teem grande valor, e fornecem materia para cordas, as quaes são tecidas dos fios que se achão entre a primeira casca e o interior do coco: esta materia é tão abundante que fornece a Azia, Africa, e parte da Europa. O paiz produz além disto diversas qualidades de fructos. Tem de mais, oiro, prata, pedras preciosas, e conchas que servem de pequena moeda nas Indias. Acha-se tambem quantidade de ambar de toda a especie nas costas.

Estas Ilhas reconhecião um Soberano, o qual fazia a sua residencia em Mále; este recebeo muito bem D. João da Silveira, prestando-se a tratar amigavelmente com os Portuguezes.

El-Rei D. Manoel desejava estabelecer primeiramente uma fortaleza em Ceilão, Ilha collocada defronte do Cabo Camorim para a ponta da Peninsula de aquem do Ganges, tem quasi setenta e oito legoas de comprido, e perto de cincoenta e seis de largo. Uma ponta da Ilha dista apenas dezeseis legoas da terra firme. O ar é sadio, e a terra por extremo fertil. As arvores de canella diffundem um cheiro dos mais agradaveis, que se sente longe no mar; as laranjeiras e cidreiras formão bosques espessos, e preciosos, sem precisarem de cultura. Tem muitas pedras preciosas, assim como minas de oiro, prata, e outros metaes. Pescão sobre as suas costas mui bellas perolas. Os elefantes são mais doceis, do que em alguma outra parte das Indias. Os ilheos professão pela maior parte a religião antiga do paiz, tal como lh'a ensinaram os Brakmanes. Teem particularmente uma pura veneração a um monte que se ele-

va no meio da Ilha, e que os Portuguezes chamaram Pico de Adão. Vê-se sobre o seu cume uma ou duas pégadas, que os ilheos dizem ser dos pés do primeiro homem. Pretendem que lá é que elle foi creado, e que foi sepultado com sua esposa sob duas pedras sepulchraes que ainda alli se descobrem. Posto que este monte seja extraordinariamente escarpado, e que se não suba sem atravessar horrorosos precipicios, e continuos periges de morte, os devotos do paiz, e principalmente os Jogues, por elle fazem frequentes peregrinações, para satisfazerem a sua devoção. A Ilha era dividida em diversos Reinos, dos quaes o principial era o de Colombo.

Lopo Soares d'Albergaria tinha invernado em Cochim, para fazer os preparos da sua expedição, no que trabalhou com muito mais ardor, por ter sabido que lhe enviavão um successor, intentou que a sua vinda o não surprehendesse, e lhe arrebatasse uma pequena gloria, de que tinha muita precisão para reparar um pouco suas desgraças passadas. Partio emfim no meado de Setembro de 1518, com uma frota de dezesete navios, sete para oitocentos Portuguezes, muitos Naires de Cochim, e algumas tropas Malabares. Aportou a Galle, onde os ventos contrarios o demoraram quasi um mez, e fazendo á vela avistou Colombo, e na entrada vio uma pequena ponta que formava um bellissimo porto, na qual se lançava um rio que vinha das terras. Demorou-se resoluto a edificar a fortaleza neste sitio. Despachou logo um Emissario para pedir licença ao Rei. Este de sobra antevia os inconvenientes desta petição, que foi bem combatida no seu conselho. Porém reflectindo nas vantagens que o Rei de Cochim tinha tirado da sua alliança com os Portuguezes, por meio dos quaes estava rico e poderoso, captivo além disso pelos presentes, e boas palavras do Enviado do Governador Geral, concedeo tudo que se lhe pedia: porém os Mouros que se achavão nos seus portos, tendo tra-

balhado para fazerem mudar esta resolução, o Rei não só se retractou; mas fez ainda tanta diligencia para se pôr em defeza, que Lopo Soares d'Albergaria achou no outro dia uma especie de intrincheiramento feito no logar onde queria fundar a fortaleza, e baterias preparadas que começáram a atirar-lhe.

Indignado da ligeireza do Principe, que lhe faltava á palavra, não duvidou de o atacar, e depois de alguma resistencia forçou os intrincheiramentos onde perdeo alguns dos seus; porém a perda dos inimigos foi mais consideravel. Determinado a edificar a fortaleza com beneplacito, ou sem elle, o Governador Geral fez abrir um fosso sobre uma das pontas da bahia, e levantou daquem um muro para cobrir os gastadores. O Rei vendo o muro levantado, e descorçoado pela primeira desgraça, enviou um Emissario a dár desculpas, e requerer que se segurasse a negociação. Lopo Soares d'Albergaria consentio; porém acrescentou que era justo, em castigo da traição, que se fizesse vassallo d'El-Rei de Portugal, pagando o tributo annual de trezentos bahares de canella, doze aneis de rubins, e saphiras, e seis elefantes para serviço da Feitoria de Cochim. (*)

A cidadella fez-se com a maior actividade, fornecendo o Rei (que se sujeitou ao tributo) os officiaes e materiaes, e recebendo o nome de Nossa Senhora das Mercêz, ficou concluida no fim de Novembro de 1518. (**)

Soares tendo dado o governo a D. João da Silveira, e deixando Antonio de Miranda e Azevedo, Capitão do mar, tornou a partir para Cochim, onde achando Diogo Lopes de Sequeira seu successor, lhe entregou o governo das Indias, e se fez de véla para Portugal, onde chegou em 20 de Janeiro de 1519 (***) mais rico dos bens que trazia do Novo Mundo, que de gloria que ahi tivesse adquirido.

(*) (**) (***) Barros, Dec. 3.ª Liv. 2.º

CAPITULO XV.

ANNO DE 1519.

Fernão Peres d'Andrade regressa da sua expedição á China. Descripção deste vasto Imperio. Noticia dos acontecimentos deste illustre Portuguez.

Foi neste anno que Fernão Peres d'Andrade, regressando da sua viagem á China, chegou á India.

Antes, porém, de nos occupar-mos deste objecto de

tanto interesse, parece-nos conveniente tractar, do vasto imperio da China, dando em summa o que encontramos, a semelhante respeito, nos escriptores de maior nomeada.

A China é um grande Imperio da Asia, o mais antigo da terra, e o mais extenso que existe depois do da Russia; apresenta no seu todo grandes planicies mais ou menos ferteis, cortadas de rios e canáes, e um plató vastissimo, que se levanta entre muitas e gigantescas montanhas; grande parte d'este plató é occupado por um vasto deserto arenoso chamado o deserto de Cobi.

O Oceano limita o Imperio da China pela parte de Leste, e pelo Norte cinge-o uma muralha de vinte e cinco pés de altura e quatro centos e cincoenta de largo, que o vai separar da Tartaria; esta muralha tem d'extensão quatro centas e cincoenta legoas; pelo Oeste termina em montanhas, e pelo Sul topa com o Oceano, Tunquin, Cochinchina, Lao, e outras pequenas povoações. Na China ha mil duzentas noventa e nove cidades de terceira ordem, duzentas vinte e uma de segunda, e cento setenta e nove de primeira.

O numero das praças fortes sobe a duas mil trezentas cincoenta e sete. Tem ainda muitas aldêas, que não differem das cidades senão em não serem muradas. Grande parte dos Chins teem por unico domicilio os chamados *juncos*, de que estão coalhados os canáes e rios.

A agricultura floresce na China; as forças do homem alli se extenuaram para a fortelisar e cultivar até ás cumeadas das montanhas; e apezar d'isso ainda se vê nos campos vegetar a glande, e mesmo alguns se conservam ainda virgens de cultura; para honrar a agricultura, todos os annos, o proprio Imparador da China faz alguns regos em um campo, que está proximo á capital.

O arroz é o objecto ordinario de cultura nos paizes meridionáes. As arvores do chá da China, cujas folhas são o objecto d'um commercio prodigioso, dão uma colheita tão abundante, que se calcula, aproximadamente, a sua exportação, para consummo da Europa e dos Estados Unidos, para cima de vinte e sete milhões de arrateis. Ha ainda a arvore da camphora, a de sêbo, o algodão amarello com que se fabrica a *ganga*, o azêbre, a laca de que se faz excellente verniz, todos os vegetaes da Europa, e finalmente, fructos de toda a especie se colhem em abundancia. Diversas fazendas e quinquelharias etc., fornece-nos a China em quantidade. Exporta igualmente sedas, porcellana, almiscar, peilo das cabras do Thibet, e a tinta chamada da China. Os rios e canáes, que cortão, em todas as direcções este Imperio, servem, não só de fertilisar as terras, mas de meio de transporte para as mercadorias. De Norte a Sul é a China atravessada pelo Canal Imperial. O ár é refrescado pelas altas montanhas que ficão a Norte e a Poente, e pelo mar que fica de Leste e de Sul; ha monsões ou ventos periodicos, e ha as virações que durão todo o anno. Este paiz por sua vasta extensão, offerece, todavia, grande variedade de clima.

Os Chins descendem da raça Mogol; seu paiz é talvez o mais povoado do mundo; calcula-se pouco mais ou menos conter duzentos milhões d'habitantes.

O Imperador, a quem cegamente obedecem, he um despota, que vive á sombra d'um governo patriarchal, e debaixo do titulo de pai dos povos, é igualmente o chefe da religião; chama-se filho de Deus e senhor do mundo; traz em si um caracter que diz — *a paz o Senhor de cima a déu, e nunca alguem a quiz que a não achasse.* O serviço do Imperador é feito por castrados; tem muitas mulheres e concubinas.

Antigamente erão os Imperadores feitos por eleição; porém hoje não é assim, e pode ser herdeiro do throno o filho primogenito de qualquer das mulheres do imperante, mas nunca os das concubinas.

Mandarins escolhidos, governão, sob suas ordens, nas provincias e cidades. Os letrados adoram o seu Deus e o povo é idolatra.

E' um facto incontroverso, diz Abel Resumat, a quem se devem as indagações mais exactas sobre a China, que este paiz está de ha muito tempo civilisado, e a prova é que alli se conhece desde seculos a imprensa em pranchas de madeira, a polvora, a bussola, a porcelana etc. Precisar a épocha do estado de aperfeiçoamento dos Chinezes é difficil; mas, quando ainda os povos mais civilisados da terra estavão involvidos na ignorancia, já na China havião os letrados. Esta instituição forma uma parte, por assim dizer, do poder soberano. Ha trez gráos na classe dos letrados; o primeiro gráo conduz aos maiores cargos do estado, e o Imperador é obrigado a escolher neste gráo os seus agentes.

Note-se ainda uma singularidade. O Imperador da China, tido sempre na Europa por um despota, (e com effeito elle concentra em si o poder supremo) na questão delicada da escolha dos seus agentes administrativos ou politicos, tem menos liberdade que um Monarcha constitucional de nossos dias. Uma serie de regulamentos formão entre os Chins a norma das acções da sua vida.

Elles fazem consistir a sua principal belleza na gordura e altura. E a formozura das mulheres na pequenez dos pés; tendo por isso o cuidado de lh'os apertar fortemente desde a infancia.

A Nação divide-se em trez classes — letrados, cultivadores, e artistas. Uma prova da assersão que acima fizemos, isto é, da civilisação da China, está no gosto pronunciado, que se descobre em todos, pela agricultura, commercio, e navegação; e o amôr excessivo ás sciencias e artes. Os Chins são fracos para a guerra.

A immutabilidade é o distinctivo do caracter dos Chinezes. A sua lingoa fallada compõe-se de monosyllabos, e a sua escripta de oitenta mil caracteres, exprimindo, cada um, não palavras, mas idéas inteiras.

Ainda não houve Imperio que durasse mais tempo; os escriptores abalisados dão-lhe a existencia de quatro mil annos.

Houverão na China vinte e duas familias diversas, que derão ao throno duzentos trinta e seis Imperadores.

A parte septentrional da China chamava-se antigamente *Cathay* ou *Catay*, e a meridional *Changi*. Divide-se em quinze grandes provincias, não comprehendendo a Tartaria do Norte e os paizes tributarios. Os do Norte são Chensi, Chemsi, e Petcheli; do Oriente, Chan-Tong, Kiang-Nan, Che-Kiang, Fo-Kien: do Sul, Quang-Tong, Quang-Si, Esun-Nan; do Oeste, Séc-Tchuen. O centro é occupado por Ho-Nan, Hou-Quang, Quei-Cheu, Kiang-Si, sendo Pekin a cabeça de todas.

Ha uma determinação expressa do Imperador para que todo o individuo que sahir da China nunca mais ahi volte, sob pena de morte.

Os Chins que teem de traficar fora do seu paiz habitão a Ilha de Veniaga, que dista 18 legoas da cidade de Cantão, que é a principal da costa da China, tendo um bello porto de mar.

Retomando agora os factos no ponto em que os interrompemos, vamos dar conta da viagem de Fernão Peres d'Andrade, tão digna, em todo o sentido, de ser mencionada.

Sahindo Fernão Peres d'Andrade de Malaca no mez de Junho de 1517, tomou rumo para a China, cuja costa dista pouco mais de quinhentas legoas de Malaca navegando para a parte de Leste, levando uma armada que constava de sete vellas, a saber: a Náo Espera, onde elle hia, que seria de duzentas toneladas, a Santa Cruz, que levava Simão d'Alcaçova, Pero Soares hia na Santo André, Jorge Mascaranhas na S. Thiago, e finalmente, trez Juncos de Malaca conduzião a Jorge Botelho, Manoel d'Araujo, e Antonio Lobo Falcão.

Seguindo Fernão Peres a sua viagem, avistou as Ilhas da China em uma tarde de Agosto; e ao mesmo tempo uma frota de doze Juncos, que andava cruzando n'aquella costa para livrar dos corsarios as embarcações que vão á China. Como estava já o dia bastante adiantado, e tinha de navegar por entre as Ilhas, não passou ávante n'aquella noite, mandando comtudo aprestar toda a sua gente e a artilheria para o que podesse succeder. Na manhaã seguinte, estando o mar mui sereno e havendo vento pela popa, começou a armada a nevegar, tendo o cuidado de abrigar os trez Juncos de Malacà no meio das Náos; e tomando Fernão Peres a dianteira, se dirigiram para a Ilha de Veniaga. Chegados a esta Ilha, que está a trez legoas da costa, a que os Chinas dão o nome de Tamão, e onde se faz o trafico das mercadorias estrangeiras que vão á China, achou ahi Fernão Peres a Duarte Coelho, que o acompanhara de viagem a primeira vez que sahio de Malaca, e que lhe deu algumas informações da Ilha a que tinhão chegado. Mandou depois Fernão Peres dizer ao Capitão mór d'armada dos Chins, que elle era o Commandante d'armada Portugueza que aca-

bava de alli chegar; que El-Rei de Portugal, desejando ter paz e amizade com o Imperador da China, lhe mandava seu Embaixador; e que lhe pedia, lhe desse um piloto para o conduzir á Cidade de Cantão.

O Capitão mór lhe respondeu, que fosse mui bem vindo; e que, visto ter intentos amigaveis, lhe pedia, guardasse os costumes d'aquella terra, que eram de participar sua chegada ao Pio de Nantó, (*) e que este lhe diria o que devia fazer. E tendo recebido Fernão Peres esta resposta, lhe chegou logo recado do Pio, perguntando-lhe quem erão, d'onde vinhão, e o que buscavão. Fernão Peres satisfez a estas inquirições, e acrescentou mais, que a maneira por que o Governador Affonso d'Albuquerque tinha tratado os Chins na tomada de Malaca, bem patenteava o desejo que El-Rei de Portugal nutria de travar amizade com o Imperador da China, e que n'esse intento é que lhe enviava um Embaixador, que deveria entregar-lhe um presente; que por isso necessitava de um piloto que o levasse a Cantão para d'alli mandar o Embaixador que trazia. O Pio lhe respondeu que mandava participar a sua chegada ao conselho de Cantão, e que segundo o que este conselho determinasse é que elle depois devia praticar. E julgando Fernão Peres que o despacho viesse de prompto, sahio para fóra do porto com os navios que tencionava levar a Cantão, deixando apenas os trez Juncos. Estando de fóra esperando pelo despacho, sobreveio um temporal mui forte, que partio os mastros a todos os navios, excepto os Juncos que ficaram dentro do porto. Tentou Fernão Peres obter dos Chins alguns mastros para as embarcações desemastreadas; mas estes tudo lhe negaram, porque ain-

(*) O Pio de Nantó, é como um Almirante de toda a costa Chineza, que reside n'uma villa chamada Nantó, distante tres legoas de Veniaga e que dá parte ao concelho de Cantão de todos os navios que chegão, d'onde vêem, e que fazendas trazem.

da não sabião o que o conselho de Cantão determinaria. No entanto, a muito custo se conseguio emastrear alguns dos navios, e partindo Fernão Peres, acompanhado de Jorge Mascaranhas, da Ilha de Veniaga, aportou a Nantó, que está na entrada d'um rio de uma legoa de largo, e por este acima é que está a cidade de Cantão, obra de vinte e cinco legoas distante de Nantó.

Surto Fernão Peres, o Pio o mandou visitar e dizerlhe que não podia sahir d'alli sem o consentimento expresso do conselho de Cantão, e que, portando-se d'outra maneira, daria mostras de ter vindo antes com vistas de guerra do que de paz. Respondeu-lhe Fernão Peres, que já lhe tinha participado pelo seu mensageiro que, a principal cauza que movera El-Rei de Portugal seu Senhor, a mandal-o á China, fôra o grande desejo de contar com a amizade de seu Imperador, e com este fim é que tinhão trazido um Embaixador; que não sabia qual fosse o motivo porque o obrigavão a semelhante demora, com a qual se prejudicava muito o serviço de El-Rei seu Senhor; que em vista disto lhe pedia instantemente licença para ir a Cantão, e um piloto para lá o conduzír; que, se lhe não desse, de prompto, uma resposta conforme ao seu requerimento, elle passaria ávante e se dirigiria a Cantão, onde El-Rei seu Senhor o mandára, protestando desde já de não incorrer por isso, nem em desobediencia ao Imperador da China, nem em quebra dos costumes de seu paiz; e, finalmente, que elle Pio ficaria responsavel por todas as perdas e damnos que d'aqui podessem sobrevir, visto que não cumpria, como devia, as ordens de seu Imperador, não estando alli para outra couza. Fernão Peres, para mandar esta resposta ao Pio, fez acompanhar o feitor da armada por muitos creados de El-Rei, todos vestidos de galla, e com as trombetas na frente.

Com este aparato chegou o feitor a caza do Pio, o qual, ouvindo o recado de Fernão Peres, e as suas protestações, ficou muito admirado de encontrar nos Portuguezes uma razão tão desenvolvida e tão boa ordem nas suas idéas, porque os tinha por um povo barbaro, como os Chins considerão a todas as outras Nações; e respondeu a Fernão Peres, que sómente no dia seguinte é que lhe poderia enviar a resposta pelo seu mensageiro, visto depender de uma decizão do Tutão de Cantão, que era seu superior, e nada poderia deliberar sem que elle lh'o ordenasse. Mas, parecendo a Fernão Peres estas dilações permeditadas, mandou dizer ao Pio, que só esperaria pela resposta do Tutão até que a monsão lhe fosse favoravel; o que de facto executou, mandando ao seu piloto que fosse sondando, nos bateis, que hião na frente dos navios.

O Pio, porém, sabendo da deliberação que Fernão Péres tinha tomado, mandou-lhe então um piloto, que o conduzio á cidade de Cantão.

Esta cidade existe, como dissemos, na margem de um rio mui largo, e neste se encontram muitas ilhotas, que se cobrem d'agoa quando a maré enche, sendo todas cobertas d'uma relva muito verde e viçosa, que serve de bello pasto para patos e adens, que para alli conduzem em grandes jungadas, construidas á maneira de cazas, tendo uma porta por onde as áves sahem voando, e para as recolher ha em cada jangada um sino, a cujo som acodem logo. Nos continentes que ficam d'uma e d'outra banda do rio, ha muitos lugares murados onde existem quintas, hortas, e muitos parques, etc., estando a terra toda mui bem aproveitada; de modo que resulta d'alli uma grande quantidade de mantimentos.

Ancoram no rio até os grandes juncos; e é perto deste ancoradouro que fica a cidade de Cantão, cujas muralhas,

d'uma cantaria avermelhada, teem de espessura cinco braças, e um desenvolvimento alguma cousa maior do que as de Evora: são seteiradas em todo e circuito, e destribuidas por este setenta e oito torres, em cada uma das quaes existem vigias, e todas com os seus competentes mastros para arvorar bandeiras nos dias de festividades. Tem a cidade sete portas, cada uma fechada por quatro ordens de barreiras metidas na espessura da muralha, e todas forradas de ferro; sendo, apezar disto, mais bonitas do que fortes. Pela parte superior de todas as portas, ha grandes cazas de vigias, em que cabem quinhentos homens com as suas respectivas armas offensivas e deffensivas, e que guardão as portas de dia e de noite.

A muralha é muito mais bem construida da parte do rio, do que da opposta; é toda circundada por um grande fosso, que se torna aquatico na parte correspondente á margem do rio. Este fosso tem sete pontões que correspondem ás portas principaes da cidade.

Todas as cazas, até mesmo a do Tutão, que governa a cidade, e a do Puchanci, seu immediato, são terreas, construidas com taipa, rebocadas exteriormente de cal das cascas de ôstras, e forradas interiormente com taboas mui grossas, cobertas de bellas pinturas. Em todas as cazas ha oratorios onde são venerados os idolos dos Chins: todas teem pateos lageádos de formosas pedras, com poços de agoa muito má; e quazi todas teem arvores ás portas para lhes dar sombra. Ha na cidade cazas destinadas para os seus governantes, que são as mais elegantes, e de apparencia mais forte. Tanto nos principios como nos fins das ruas ha portaes, construidos á maneira dos arcos triumphaes, de madeira, mui bem lavrados e pintados, montando a mais de quinhentos em toda a cidade.

Ha muitos mosteiros e igrejas, onde os Chins vão fazer suas orações. Tem a cidade um grande arrabalde, muito comprido e estreito, que se extende ao longo da margem do rio, e que é mais povoado do que a propria cidade. As portas da cidade se fechão ao pôr do sol, e abrem-se ao romper da aurora, por cauza de muitos ladrões que alli ha. É expressamente prohibida a entrada de estrangeiros para dentro das portas, sendo esta a principal cauza de haver immensidade de gente no arrabalde, como já se disse; e até no rio e na parte aquatica do fosso, estão constantemente para cima de dez mil paráos muito grandes, cheios de gente, morando mesmo em muitos como se fossem cazas; em uma palavra tudo é coberto de gente, parecendo existir quazi tanta no rio como na cidade; o que não deve espantar, attendendo-se a que nunca ha alli peste nem fome nem guerra.

O piloto que o Pio tinha mandado a Fernão Peres, não se atrevêo á entrar em algum dos navios portuguezes, e foi n'um paráo seu, seguido de toda a fróta; gastando esta trez dias em chegar a Cantão.

Chegados a este porto, deram fundo junto da ponte principal, onde havia um cáes de cantaria feito á nossa moda. Mandou logo Fernão Peres embandeirar todas as embarcações, e começou a salvar com toda a sua artilheria, o que fez acudir ao cáes toda a gente da cidade.

Surto d'este modo Fernão Peres, mandou-lhe dizer o Puchanci, grande de Cantão, que muito o fazia admirar, que, vindo elle com vistas de páz, conforme lhe tinhão dito, mostrasse apparencias de guerra, arvorando as bandeiras e salvando com toda a sua artilheria; visto que alli era prohibido por lei, que pessoa alguma, tanto natural como estrangeira, atirasse nem um só tiro de artilheria, e arvorasse bandeira ou lança, em frente daquella cidade; e que

se elle tentava paz e não guerra, assim o devia ter cumprido. Ao que o Capitão mór respondêo, que tinha assim praticado, por isso que ignorava totalmente aquellas leis; que em Portugal era uso salvar com a artilheria em signal de festa, e para demonstrar amizade, e com os mesmos fins se embandeiravão as embarcações; e que por conseguinte elle nada mais tinha feito do que seguir os costumes de Portugal, visto que ignorava ainda os da China, não tendo, todavia, a mais leve intensão de ir de encontro ás suas leis e costumes, que elle ao contrario ajudaria, em quanto alli estivesse, a guardar com todas as suas forças, como vassallo que era de El-Rei de Portugal, tão desejoso de conservar paz e amizade com o Imperador da China, que para esse effeito lhe enviava um Embaixador.

O mensageiro do Puchanci ficou muito satisfeito com a resposta, e disse ao Capitão mór que desculpasse alguma demóra que havia de ter antes que o despachassem, pois que o não podião fazer em quanto não chegasse o Tutão que se achava auzente, e que era alli o primeiro governante.

Logo que os Portuguezes aportaram a Cantão, foram os Chins perguntar aos seus idolos se terião alguma couza a temer, se a chegada d'quella expedição seria para seu bem ou para seu mal; uns lhe respondião para bem e outros para mal, mas todos que guardassem a cidade o melhor que lhe fosse possivel, o que elles fielmente cumpriram. O Capitão mór não consentia que algum Chim entrasse em seus navios, nem que portuguez algum saltasse em terra: mandava-lhes comprar os comestiveis que querião, aos paráos que estavão no rio; e não consentio, ainda, que se aproximassem dos seus navios todos aquelles Juncos que entraram depois d'elle; e tudo isto participou ao Puchanci, que ficou muito contente, e o mandava visitar a miudo, remettendo-lhe muitos presentes, bem como igualmente o fazião todos os mandarins da cidade.

Passados dois ou trez dias depois da entrada de Fernão Peres no porto de Cantão, é que chegou alli o Conquão grande, que é um dos trez membros do conselho, e da governança o menor; era castrado, como o são todos que exercem aquelles cargos: veio pelo rio acima com muito acompanhamento, e desembarcou com grande aparato. Cinco dias depois, chegou o Compim grande, entrando pelo rio e desembarcando com muito maior pompa que o primeiro, por isso que tem o cargo de Capitão da guerra, que é de muito mais representação que o do Conquão; e este sahio a recebel-o com toda a massa do povo da cidade. O Capitão mór mandou-o logo visitar, do que elle ficou tão penhorado, como gostoso de vêr os Portuguezes; e mandou dizer ao Capitão mór, que, posto que elle alli tinha chegado, nada comtudo podia deliberar a respeito do seu despacho, que dependia unicamente da chegada do Tutão. Este veio seis dias depois do Compim, e teve um recebimento muitissimo superior em solemnidade ao dos dois primeiros. Vinha em um paráo maravilhosamente lavrado e dourado, coberto por um lindo toldo, e enfeitado com bandeiras de seda de differentes côres, accompanhando-o muita gente em outros paráos lavrados da mesma maneira e pintados a oiro e azul, tambem com toldos, e embandeirados do mesmo modo.

Alguns paráos do acompanhamento erão destinados para conduzirem bellas muzicas marciaes, que tocavão seguidamente por todo o caminho, ora umas ora outras. Em summa, era tal o aparato do sequito, que parecia pertencer a um grande principe.

Alem disto, todo o circuito da cidade esteve naquelle dia embandeirado, tanto as torres como as muralhas, com bandeiras de seda de côres mui alegres e variadas, apresentavão um curioso espectaculo.

O Conquão e o Compim acompanhados por todos os mais officiaes, sahiram para receber o Tutão, seguidos por uma multidão de gente da cidade, e todos vestidos de galla. E quando elle desembarcou no cáes desppararam-se cinco camaras de falcão, que estavão de antemão carregadas, o que os Chins consideram como um grande festejo.

Subindo depois o Tutão para o seu andor, foi immediatamente rodeado de muita gente de armas, que se denominão, entre os Chins, laboes; e pondo-se a caminho para a cidade, hião na frente e a distancia, alguns dos laboes, que bradavão constantemente ao povo que encontravão pelas ruas, para as despejarem por que vinha ahi o Tutão: o que rapidamente éra executado por todos.

Com tão admiravel solemnidade, chegou, finalmente, o Tutão á caza que lhe pertencia, sendo tambem a mais aparatoza entre todas as outras da cidade, e alli o deixou o seu numerosissimo acompanhamento.

Sabendo Fernão Peres da chegada do Tutão, mandou-lhe logo participar, pelo feitor, qual éra a cauza da sua vinda áquella terra, do Embaixador que trazia enviado por El-Rei de Portugal para ficar junto do Imparador da China, e do presente que a este devia remetter; pedindo-lhe ao mesmo tempo que o despachasse com a possivel brevidade.

Sahio pois o feitor acompanhado por muitos creados d'El-Rei, todos vestidos de galla, e levando na frente as trombetas do Capitão mór.

Chegando a caza do Tutão, que sabia já da sua visita, encontrou-o alli juntamente com o Conquão, e o Compim; estando o Tutão do lado esquerdo, que é entre os Chins o lugar destinado para a pessoa mais respeitavel, seguião-se-

lhe os dous para a sua direita, e em frente d'elles se achava o Ceiui, que é o encarregado de tirar as devassas.

Todos receberam o feitor com o maior agrado; e tendo este proferido o recado que levava do Copitão mór da frota Portugueza, respondeu-lhe o Tutão, que fossem muito bem vindos, que elle proprio experimentava grande contentamento por estar informado das bôas qualidades e sãos intentos, tanto de Fernão Peres como dos mais Portuguezes que o acompanhavam; e que o Imperador seu Senhor recebia muita honra em ser visitado por Monarchas que, estando em paizes mui longinquos, queriam não obstante isso, a sua amisade. Com mais algumas phrases muito agradaveis e cortezes, acabou o Tutão o seu discurso.

Cada um dos outros officiaes que estavam presentes, foi depois, por seu turno, dirigindo a palavra ao feitor; manifestando-lhe todos a sua alegria pela vinda do Capitão mór Portuguez, e pelo interesse que El-Rei de Portugal mostrava em contrahir amizade com o Imperador da China; que sabiam que este folgaria muito de ganhar tão bellas relações; e que para prova da certeza que nisto tinham, passavam sem a menor delonga a escrever-lhe.

No entanto, disserão ao feitor que, sem a resposta do Imperador chegar, não poderia o Embaixador partir de Cantão. Maș que, não obstante isso, podia dizer ao Capitão mór que mandasse para terra o Embaixador com o presente que elle devia entregar ao Imperador da China, porque nada lhe faltaria a elle e aos que o acompanhassem, até á sua sahida de Cantão, visto ser este mesmo o costume que alli seguião; e que pedião particularmente ao Capitão mór que fosse tambem a terra, para terem o gosto de o conhecer pessoalmente.

Fernão Peres, ouvindo do feitor a favoravel resposta do conselho de Cantão, ficou muito penhorado; porém teve de reenviar o feitor para lhe agradecer o bom acolhimento, e ao mesmo tempo, pedir-lhe desculpa de não poder aceitar os honrosos offerecimentos que lhe fazião, visto que El-Rei seu Senhor lhe prohibira, tanto de saltar em terra, como de aceitar comestiveis para alguem á custa do Imperador da China; que depois de elle ter voltado para onde El-Rei estava, farião então o que lhe parecesse. E mandou ao mesmo tempo o Embaixador para terra com o presente que levava.

Logo que o Embaixador, por nome Thomé Pires, saltou em terra, foi conduzido para uma caza, que lhe destinaram; e os presentes foram mettidos noutra caza cuja chave entregaram à Thomé Pires.

Este Embaixador não tinha sido escolhido por El-Rei de Portugal, que julgando que o Imperador da China estaria perto, mandou a Fernão Peres que lhe enviasse um dos seus Capitães, ou quem lhe parecesse; e elle enviou a Thomé Pires para esta embaixada, porque lhe pareceu homem discreto e curioso; e mesmo porque, tendo sido boticario do Principe D. Affonso, saberia conhecer melhor do que outro qualquer as drogas que havião na China.

Foram tomados os nomes a todos que devião acompanhar o Embaixador; e logo o Tutão, o Conquão, e o Compim escreveram ao Imperador da China, participando-lhe a chegada de Fernão Peres com a expedição Portugueza, e tudo quanto fez, e lhe succedeu, desde a sua sahida da Ilha de Veniaga até chegar a Cantão.

Do mesmo modo escreveram tambem ao Imperador, o Puchanci, Ceiui, Amechacis, Tocis, Pio, e Ticos; dizendo uns bem e outros mal dos Portuguezes.

O Tutão mandou depois apregoar pela cidade, que todos podião comprar e vender aos Portuguezes as mercadorias que quizessem, e que ninguem ousasse fazer-lhes o minimo agravo sob grandes penas.

E mandou ainda offerecer ao Capitão mór que mandasse recado aos navios que tinhão ficado na Ilha de Veniaga, afim de que viessem para Cantão, onde poderião muito melhor carregar e descarregar as suas fazendas. Do que Fernão Peres se escusou por se lembrar que os navios estarião lá mais seguros do que em Cantão. E tambem porque queria voltar para Veniaga apenas assentasse onde havia de depositar em terra a fazenda d'El-Rei seu senhor; para cujo fim lhe foi immediatamente destinada uma caza, para onde foi mandado um escrivão da feitoria, e mais alguns dos Portuguezes, para terem a seu cargo a fazenda que desembarcasse; pois que não foi toda posta em terra de uma vez; o Capitão mór mandou levar alguma, dizendo que quando aquella se gastasse então levarião mais.

Foi, pois, deste modo que começou o commercio e as relações, entre os Chins e os Portuguezes; travando-se até desde logo grandes amizades entre uns e outros.

Os Portuguezes hião a terra, e andavão por lá mui seguros, convivendo com os Chins o melhor possivel. E tantas couzas vinhão contar a Fernão Peres acêrca da grandeza da cidade, da sua riqueza, da sua abundancia de mantimentos, e da nobreza e honradez dos Chins, que elle um dia se decidio a ir a terra disfarçado, para analysar se com effeito era verdade tudo aquillo que tinha ouvido aos seus. E todavia, ainda Cantão era uma aldêa comparada com outras cidades que existem pelo sertão.

Vendo finalmente Fernão Peres o bem que os Chins se

davão com os Portuguezes, e quanto gostavão da sua conversação, mandou pedir licença ao Tutão para que o deixasse construir uma caza de pedra e cal na Ilha de Veniaga; com o fim de habitar nella o feitor d'El-Rei de Portugal com as fazendas que lhe pertencião, para estar ao abrigo dos roubos, por isso que havia grande quantidade de ladrões, tanto no mar como na terra: e o Tutão lhe concedêo o que exigia.

Chegou por este tempo a resposta do Imperador da China, ao Tutão de Cantão, onde lhe mandava dizer, que, sem demora, lhe enviasse para Nanquim o Embaixador que tinha vindo de El-Rei de Portugal. Immediatamente foi cumprida pelo Tutão a ordem do Imperador.

O Embaixador, Thomé Pires, se poz logo a caminho, sendo conduzido a Naqnuim com todas as honras, que costumão fazer-se aos ministros dos mais poderosos Reis. A sua viagem de Cantão até Nanquim foi apenas de quatro mezes e meio. Achou tudo nas mais favoraveis disposições para elle poder conseguir a sua negociação. O Imperador da China havia concebido uma grande estima para com os Portuguezes, cujo nome tinha adquirido muita fama por toda a Asia.

Fernão Peres d'Andrade, depois de quatorze mezes e meio de demora em Cantão, nos quaes fez visitar todas as outras cidades maritimas por Jorge Mascaranhas, e elle proprio, procurou tomar o maior conhecimento que lhe foi possivel do paiz, sem desprezar seus interesses pessoaes, para se aproveitar da monsão, que então corria mui favoravel, e mesmo ainda por temer algum temporal ou nevoeiro que o retardasse alli, determinou-se a voltar a Malaca.

Mandou dar parte ao Tutão de Cantão, de que se dis-

punha a partir; e ao mesmo tempo, não se descuidou, antes de se fazer de véla, de mandar publicar nos portos de Cantão, Tamão, e Nantó, onde se tinha demorado, que, se alli houvesse alguem que tivesse motivo para se queixar d'algum Portuguez, poderia vir livremente para receber uma satisfação. O explendor de uma tão bella acção, fez com que esta sabia Nação ficasse cheia de uma alta idéa a seu respeito, e de todos os mais vassallos de El-Rei de Portugal.

Estando assim assentada a paz em toda a China, e o Capitão mór, Fernão Peres d'Andrade, bastante senhor de todas as particularidades d'aquelle paiz, para as contar a El-Rei de Portugal, sendo este o fim com que se tinha demorado tanto pela China; partio para Malaca, levando, tanto elle, como todos os mais individuos que o acompanharam, uma riqueza immensa, não só em oiro, mas em diversas mercadorias, como sedas, damascos, setins, pedra hume, cobre, pregadura, etc., e muitas outras couzas que tinhão grande valia em Malaca.

Chegando Fernão Peres d'Andrade ao estreito de Cincapura, encontrou ahi uma náo Portugueza, de que era Capitão Diogo Pacheco, e que vinha pedir ao Capitão mór soccorros para Malaca, contra o Rei de Bintão, que para lá se dirigia com uma forte armada.

Juntando-se, pois, Fernão Peres d'Andrade com Diogo Pacheco, se dirigiram para Malaca. Quando ahi chegáram, já estava a fortaleza exhaurida, tanto de mantimentos, como de dinheiro e mercadorias; n'uma palavra, não havia alli senão gente privada de todos os meios e soccorros.

Immediatamente, Fernão Peres, lhes forneceo algumas das mercadorias que trazia, e logo muitas d'ellas se venderam a Guzarates, que estavão em suas náos no porto de Ma-

laca. Apurando-se assim algum dinheiro, se empregou em pagar soldo áquella pobre gente, que se achava morrendo á fome.

Queria depois Fernão Peres partir d'alli para Bengala, com o fim de lá estabelecer tambem a paz e o commercio, para o que tinha amplos poderes, que lhe havia concedido El-Rei de Portugal; visto que em Malaca não se necessitava da sua presença, pois que se contava ahi bastante gente. Porem não foi; porque o governador o impedio, dizendo-lhe, que Sua Alteza faria muito maior serviço em se dirigir para a India; visto que já estava incumbida aquella viagem a seu sobrinho D. João da Silveira, que para lá tinha hido.

Vendo Fernão Peres, que ficava sem effeito a sua hida a Bengala, onde queria fazer algum commercio com as mercadorias que ainda possuia, entregou estas na feitoria de Malaca, d'onde se venderam depois aos Bengalas, que vinhão alli frequentes vezes n'aquelle tempo; obtendo-se assim dinheiro na feitoria para mais alguns dias. E o Capitão mór, esperando ainda em Malaca que houvesse uma monsão favoravel, tomou rumo para a India, juntamente com D. Aleixo de Menezes, que encontrou em Malaca, e com Simão de Alcaçova, e Jorge Mascaranhas, que o tinhão acompanhado desde a sua sahida da China.

O retorno do illustre Fernão Peres de Andrade a Malaca, foi de grande soccorro para o Indostão. Chegando finalmente á India no anno de 1519, voltou depois para a Europa, onde aportou mui felizmente.

El-Rei D. Manuel, que teve muita alegria com a vinda de Fernão Peres d'Andrade, multiplicou successivamente o seu contentamento e enthusiasmo, á maneira que elle lhe foi narrando os variados e tão curiosos acontecimentos da sua larga viagem.

CAPITULO XVI.

ANNO DE 1521.

Levantamento dos Chins contra os Portuguezes que estavam em Cantão; prizão do Embaixador d'El-Rei de Portugal, e dos que o acompanharam. Diogo Lopes de Sequeira vai substituir Lopo Soares d'Albergaria, no governo geral da India. O novo governador dá as differentes commissões, segundo as ordens da Côrte. Sucessos de diversas expedições. Como Antonio Corréa consegue livrar Malaca das perseguições do Rei de Bintão. El-Rei de Portugal envia outra esquadra de quatorze vélas a Malaca, commandada por Jorge d'Albuquerque; máo exito d'esta expedição. Diogo Lopes de Sequeira, aprestando uma frota de quatro vélas, renova a tentativa,

tantas vezes repetida e sempre infeliz, da expedição ao Már Rôxo; bom resultado d'esta expedição.

Depois da partida de Fernão Peres d'Andrade para Malaca, falecêo o Imperador da China, que estava, como dissemos, muito bem com os Portuguezes, e que nunca tinha attendido ás muitas intrigas, que um Embaixador de El-Rei de Bintão, que andava á muitos annos na Côrte, quizera tramar contra os Portuguezes.

O novo Imperador, ao contrario, deu ouvidos ás intrigas do Embaixador de Bintão, o qual logo na primeira vez que lhe fallou, disse muito mal dos Portuguezes, chamando-lhe ladrões, e que hião com pequenas armadas espionar as terras alheias, e depois, com o muito poder que tinhão na India, as tomavão. Como tinhão feito a Malaca, que, pertencendo a El-Rei de Bintão, o havião expulsado de lá sem a menor cauza.

Em seguida disse ao Imperador da China, que, como se tinha por seu vassalo, recorria a elle para lhe pedir a sua coadjuvação, para o fim de restituir Malaca a El-Rei de Bintão, que lhe tinha sido usurpada pelos Portuguezes. E que ao mesmo tempo lhe rogava a graça de não consentir algum d'estes no seu paiz; visto que a sua hida alli, era unicamente com o fim de espionarem a terra, para ver se depois podião usurpal-a ao seu Imperante. Que ainda que isto assim não podessem praticar com a China, por ser um vasto Imperio; no entanto, sempre a podião perseguir bastante no mar, onde erão muito poderosos.

Neste meio tempo recebeu o Imperador a participação

do alvoroço que, os que forão com Fernão Peres d'Andrade, tinhão deixado em a cidade de Cantão. E isto, combinado com o que lhe acabava de dizer o Embaixador de Bintão, a respeito dos Portuguezes, e com mais algumas couzas que se não sabião particularmente com exacção, produzio tal impressão no Imperador da China, que, mandou immediatamente prender o Embaixador d'El-Rei de Portugal, Thomé Pires, bem como todos os que tivessem vindo com elle. Recommendando ao mesmo tempo, que estivessem separados uns dos outros; e que lhe fosse tomada toda a sua fazenda, avaliada, e escripturada.

O Embaixador, Thomé Pires, morrêo pouco tempo depois da sua prisão; dizendo uns que tinha sido procedida a sua morte, de uma grave doença, que lhe sobreveio por cauza da grande tristeza em que vivia, e outros que fòra de peste; no entanto a verdade não se pode afiançar a tal respeito.

Tambem não ha uma noticia exacta das particularidades do levantamento, que teve lugar na China contra os Portuguezes. O que se sabe é que, ou por mandado do Imperador, ou como quer que fosse, os Chins tomaram em Cantão os quatro juncos Portuguezes, que alli se achavão, carregados de pimenta, sandalo, e outras mercadorias, que pertencião a El-Rei de Portugal; podendo apenas escaparse a gente á custa de grandes fadigas, e recolhendo-se em uma náo de D. Nuno Manuel, que estava surta naquelle porto. O Capitão d'esta náo, cujo nome se ignora, portou-se mui fracamente na sua deffensa contra os Chins, que o atacaram; pois, se não fossem os Portuguezes que ahi vierão acolher-se, fugidos dos seus juncos, e que deffenderam a embarcação com a maior coragem, ella teria sido tambem infalivelmente tomada; e não sómente a deffenderam, mas ainda, se tivessem podido dispôr de alguns tiros de artilheria grossa,

toda a frota dos inimigos, posto que grande, teria sido metida no fundo.

Escapando pois os Portuguezes d'este perigo, tomaram rumo para Malaca, onde chegaram no fim do mez de Outubro de mil quinhentos e vinte e um. Derão ahi a noticia do levantamento, que acabava de ter lugar na China contra os Portuguezes, do que se tirou uma devassa em Malaca, que foi levada, em carta fechada, a El-Rei de Portugal; d'onde parece que se concluiram algumas cauzas do levantamento; porém não ha, sobre isto, noticia exacta para se mencionar.

Diogo Lopes de Sequeira, sahio de Lisboa em 27 de Março de 1518, com uma esquadra de nove embarcações, contendo mil e quinhentos homens de peleja. Chegou a Gôa, com uma feliz viagem, em 8 de Setembro do mesmo anno. E regressou finalmente a Cochim, onde Lopo Soares d'Albergaria, cumprindo as ordens que recebera de El-Rei, lhe entregou o governo geral da India.

O Novo Governador Geral da India, começou logo por empregar, nos differentes governos parciaes, aquelles officiaes, que o acompanharam, segundo as ordens que lhe tinhão sido dadas pela Côrte. Expedio os navios de carga para o Reino, e repartio os que devião ficar na India, segundo os differentes fins para que os destinava.

Antonio de Saldanha teve ordem para hir cruzar sobre as costas da Arabia; em quanto que o Governador Geral se preparava para lá hir reparar as faltas do seu predecessor.

Christovão de Sá, e Christovão de Souza, cada um com a sua esquadra, devião vigiar sobre as costas de Diu, e de Dabul, para prevenir as fustas d'estas duas praças.

Affonso de Menezes foi enviado a Baticalá, cujo senhor se recusava a pagar o tributo ordinario.

João Gomes Cheira-Dinheiro, partio para as Maldivas com ordem de fundar alli, segundo o tractado, uma feitoria, que servisse de fortaleza.

Heitor Rodrigues, foi continuando no seu posto de Conlam, para executar a commissão de que tinha sido encarregado por Lopo Soares d'Albergaria, de ahi fundar uma cidadella.

Antonio Corrêa, chamado para hir com embaixada á côrte de Pegú, devia conduzir um soccorro a Malaca; e Simão de Andrade, com uma esquadra de cinco navios foi destinado para a China.

A expedição de que Antonio de Saldanha hia á testa, se contentou com fazer algumas prezas. Affonso de Menezes obteve o que quiz em Baticalá, porque felizmente o governador geral hindo a Gòa, chegou defronte d'esta praça quazi no mesmo tempo que elle. Christovão de Souza perdeu um dos navios da sua esquadra, que deu á costa e foi despedaçado; as fustas de Dabul lhe tomaram outro, que levava carregado de encomendas para El-Rei de Portugal; e elle mesmo, tendo desembarcado, foi tão mal tradado, que experimentou os maiores incomodos possiveis para conseguir tornar-se a embarcar. João Gomes Cheira-Dinheiro, tendo chegado ás Maldivas, fundou logo a sua feitoria, onde ficou com quinze homens sómente para ter alli a administração da fazenda; porem, pouco tempo depois se sublevaram contra elle os Mouros estrangeiros, que o mataram e desbarataram todos os seus.

Heitor Rodrigues, teve muito trabalho para conseguir

os seus fins. Ninguem consentia, que elle construisse um forte. Da sua parte fingia querer só um armazem; porém os fundamentos que elle deitava o trahião a seu pesar: então elle se vio muitas vezes nos termos de ser degolado. Como a Rainha o ajudava, e o favorecia, contra o parecer do seu conselho, e de todo o seu povo, sempre chegou a pôr a sua obra em estado de poder ser aperfeiçoada sem temor. Tanto que chegou a este estado. suscitou as duvidas antigas, com o que alienou o espirito da Rainha. Esta princeza se arrependêo, mas já muito tarde, dos serviços que lhe havia feito, e experimentou confirmado o que lhe tinhão dito muitas vezes os seus conselheiros, que ella mesma trabalhava para se submetter ao jugo. As tentativas que fez depois para o sacudir, foram totalmente inuteis, e foi obrigada a pedir a paz, depois de a ter rompido.

Antonio Corrêa, hindo a Malaca, achou a praça reduzida ao mais lastimoso estado. Uma mui pequena medida de arroz custava alli um cruzado; não se dizião missas porque não havia vinho; todas as vias que conduzião para a praça estavão cortadas pelos contrarios; vião até frequentes vezes os inimigos, que se lhes apresentavão, sem que os Portuguezes podessem sahir a campo para offerecer-lhes batalha. O Governador estava quazi a morrer, e uma mui grande parte da guarnição se achava doente, quando os tres navios que Antonio Corrêa tinha para alli, guiado alegrâram um pouco mais a cidade.

Passaram-se mais de dois mezes, sem que Antonio Corrêa experimentasse o mais pequeno embaraço ou transtorno, em resistir aos frequentes assaltos dos inimigos, que incitados pela chegada d'aquelle reforço e de socorros para a praça, se fizeram tão importunos, que Antonio Corrêa, que era o que tudo ordenava e dirigia, não comia, nem dormia sem estar armado; andando por isso mui fatigado, tanto de cor-

po como de espirito. Até que, finalmente, os inimigos cançáram, e se retiraram para mais longe; o que facilitou a Antonio Corrêa o poder seguir a sua derrota para onde se destinava.

Do porto de pedir, onde Antonio Corrêa foi tomar carga, se transportou ao de Martabam, d'onde enviou á costa do Pegu duas ou trez pessoas em seu nome, para dar parte da sua vinda.

O Rei do Pegu era então um poderosissimo principe, que tinha muitos outros por seus tributarios. O Rei de Siam e elle occupavão toda a península de além do Ganges. As suas forças e a sua visinhança os fazião sempre amigos. Os povos d'estes dois principes se assemelhavão muito na sua religião, costumes e inclinações.

O Rei do Pegu, agradando-se dos motivos da embaixada, despachou os enviados de Antonio Corrêa, e fez partir com elles o Rolin da Côrte, que é o chefe da religião do paiz, e um dos principaes ministros do Estado, para hir regular as condições do tratado. Depois que se ajustáram, e que trataram de o ratificar, o Rolin, e o ministro do Rei juraram cumprir o tratado á risca.

Antonio Corrêa se fez de véla, e voltou a Malaca acompanhado de muitos juncos, carregados de viveres e provisões, que trouxerão para alli a abundancia.

Garcia de Sá tinha chegado a esta cidade na ausencia de Antonio Corrêa, e depois da sua partida para o Reino de Pegu. Pelos interesses pessoaes de Diogo Lopes de Sequeira é que alli viera. Porém Affonso Lopes da Costa, que estava sempre doente, lhe entregou o governo da praça para hir morrer a Cochim.

Mahmud, estava sempre acampado sobre o rio de Muar, cuja visinhança tinha tambem constantemente a cidade inquieta. Com a vinda de Antonio Corrêa resolvêram livrar-se d'este embaraço. Antonio Corrêa, e Duarte de Mello commandáram o partido. Por fortes que fossem os entrincheiramentos, e obstaculos que o inimigo tinha posto por todo o comprimento do rio, tudo foi destruido.

Os Portuguezes seguindo sua victoria, vão até ao Pagode, onde estava o quartel do Rei. Tinha já sahido para o campo e mettido suas tropas em batalha com seus elephantes. Parecia dever pelejar como homem de volor, no modo com que fez jogar a sua artilheria, e pela maneira com que suas tropas se mostravão animadas. Porém este brio mudando-se-lhe subitamente em um terror pânico, vio-se abandonado dos seus por uma vergonhosa fugida, e obrigado a deixar todas as suas bagagens, em preza, ao vencedor, e retirar-se a Bintão para ahi escapar e esperar melhor fortuna.

Os Reis de Achem e Pacem, ainda que alliados dos Portuguezes, aproveitando-se do estado de afflicção em que estava Malaca, se tinhão comportado mal a respeito delles. Este ultimo com particularidade. Debaixo não se sabe de que pretextos, tinhão saqueado a feitoria dos Portuguezes; e no tumulto que se fez nesta occasião, houverão vinte e cinco mortos, e muitos maltratados, e postos em prisão.

Garcia de Sá vendo-se um pouco mais para o largo, depois de desbaratado o Rei de Bintão, julgou conveniente mostrar-lhe então o seu resentimento. Dêo commissão a Manuel Pacheco, que se mostrava um pouco interessado na vingança de seu irmão Antonio, que era do numero dos que elles tinhão feito prisioneiros. Ainda que Manuel Pacheco não tinha mais que um só navio, comtudo o temor que inspirou foi tal, que não sómente apartou d'aquelles lugares todos os

navios estrangeiros; mas nem ainda algum barco de pescador ousava apparecer alli.

Os inimigos não ousando atacar o navio, se contentaram de saber as occasiões em que Manuel Pacheco enviava a sua chalupa para terra. Occorrêo uma tão favoravel, que parecia que esta chalupa não poderia escapar. Tinha-se adiantado pelo rio de Jacoparim para hir fazer aguada. Tendo-a percebido os inimigos, chegaram ás duas praias do rio, e começaram a atirar uma chuva de flexas, em quanto prepáráram com a mais possivel promptidão trez lanchas, cada uma com cento e cincoenta homens.

Na chalupa só estavão cinco homens, assás occupados em se defenderem com os seus escudos dos tiros que lhes lançavão. O vento, e a maré lhes erão contrarios, e favoraveis aos inimigos. Estes cinco valorosos, colocados n'esta extremidade, tomáram o unico partido que podia inspirar-lhes o valor, que era morrer fazendo os ultimos esforços para se portarem como valentes.

Tanto que o primeiro batel, que commandava o Raja Sudamicin, chegou á chalupa, um dos cinco homens, forte e robusto, o agarrou, e os outros quatro, tomando o nome de Jesus por voz de guerra, então de salto, e com as lanças passão tudo o que se lhes apresenta; tendo-os seguido o quinto, e fazendo igualmente o seu dever, todos se houveram com grande denodo: os inimigos admirados da sua bravura, se aterram, põem-se em confusão, cahem uns sobre os outros, e finalmente se lanção á agua, apezar dos esforços de Sudamicin, que obrigado a imita-los, de raiva e desesperação, não cessou de ferir, ou mesmo matar, os seus proprios camaradas que lhe cahiram nas mãos, senão depois que se afogou. As duas lanchas que se seguião, desanimadas pela infelicidade da primeira, se pozerão em fugida,

unicamente aterradas pela vista de cinco homens enfraquecidos pelo trabalho, e pela perda de sangue por suas numerosas feridas; e deixando-lhes assim uma plena victoria, pozerão o seu Rei na precisão de pedir paz.

El-Rei de Portugal fez então partir uma outra esquadra, composta de quatorze velas, e commandada por Jorge d'Albuquerque, o qual levava as precizas autorisações da Côrte para hir segunda vez tomar entrega do Governo de Malaca.

Mas o destino d'esta frota foi muitissimo deploravel. Separando-a uma tormenta no mar Atlantico, um d'estes navios tornou para Lisboa. Outro commandado por um hespanhol de grande nome, mas em quem a sua conducta mostrou um juizo pouco são, não podendo dobrar o Cabo da Boa Esperança, descahio ao Brazil, onde os selvagens lhes matáram alguns setenta homens da sua equipagem. O capitão não se entristecêo com esta perda, porque pondo-se de accordo com os seus Castelhanos, se fez pirata, e morreu depois miseravelmente.

Outro navio, commandado por Manuel de Sousa, tendo perdido o capitão, o piloto, e muita parte dos seus, perto das Ilhas visinhas a Quiloa, pela traição dos ilheos, o navio desgovernado se foi despedaçar sobre a praia, onde os Mouros matáram todos os que lhe cahiram nas mãos; á excepção de um moço, de que o Rei da Ilha de Zamzibar, fez presente ao Rei de Mombaça.

Mais nove individuos d'estas embarcações abordáram a Moçambique, onde forão obrigados a invernar com Jorge de Albuquerque seu General. Só quatro chegáram neste anno á India.

Esta frota trazia um novo Intendente da fazenda, que era o Doutor Pedro Nunes, que El-Rei enviava para o logar de Alcaçovas, que Lopo Soares tinha maltratado muito.

Pedro Nunes foi isempto da jurisdicação do Governador General. Além do Governo da fazenda acomulava tambem o da politica, e da justiça. El-Rei lhe havia assignado vinte homens para sua guarda; grandes soldos, e privilegios consideraveis, por cuja rasão o Governador General se achava quasi limitado ao poder militar sómente.

Diogo Lopes de Sequeira, que tinha invernado neste anno em Cochim, para fazer os preparativos da sua viagem do Mar Roxo; sabendo, pelos quatro navios que tinhão chegado á India, do armamento que El-Rei tinha feito para entregar a Jorge d'Albuquerque, despachou uma embarcação para Moçambique, com a incumbencia de dar ordem a Jorge d'Albuquerque de vir esperá-lo junto ao Cabo de Rosalgate; e no caso que o tivesse já passado, de o hir encontrar no Mar Roxo, e de o seguir até Giddá.

Porém os navios que commandava, sendo quasi todos navios de carga; alguns capitães, que tinhão suas commissões para outra parte, e não erão obrigados a servir nesta sorte de commissões, e expedições, não quiserão obedecer.

Parecendo justas suas instancias, foi determinado, que dos nove navios que commandava Jorge d'Albuquerque, quatro passarião em direitura á India, com o Intendente, e que os outros cinco hirião com Jorge d'Albuquerque ao encontro do Governador.

Porém Diogo Lopes de Sequeira, tendo já entrado no Mar Roxo, os capitães não quizerão ainda obedecer; e Jorge d'Albuquerque, tendo tomado auto da sua recusação,

como de uma falta de subordinação, fez derrota para Ormuz, e foi obrigado a aportar a Calaiate. Onde tendo-se deixado persuadir por Duarte Mendes de Vasconcellos, de fazer prisioneiro o Rei Zabadim, Governador d'esta praça, segundo as ordens secretas, que Mendes tinha do Rei mesmo de Ormuz; o negocio foi tão mal dirigido, que não poderam conseguir a sua tentativa, e ahi morrêram vinte e cinco Portuguezes, e mais de cincoenta ficaram feridos.

Diogo Lopes de Sequeira tinha, em fim, partido desde o mez de Fevereiro com uma frota de vinte e quatro vellas, conduzindo trez mil homens de tropas; dos quaes eram mil e oitocentos Portuguezes, para se unirem á partida do Mar Roxo: empresa, como já dissemos, tantas vezes recommendada pela Côrte, tantas vezes tentada, e sempre infeliz.

Deitou logo para o Cabo de Guardafu, fugindo da costa de Adem, que parecia não querer tocar. Sua viagem foi prompta até ao Cabo, onde chegou quasi tão depressa como as corvetas, as quaes elle tinha feito hir adiante, para bater este mar, e procurar saber noticias dos Rumos, que desejava tomar de repente.

Tinha ordenado a estas corvetas que, de passagem, dessem caça aos novios que encontrassem; afim de que, querendo ter só quatro ou cinco embarcações á frente, os inimigos tomassem confiança e ousadia, e cahissem no engano.

Alguns dias se passaram, sem que lhes acontecesse cousa digna de consideração, mais do que tomarem uma pequena aldêa, onde apenas se encontrava uma velha, a quem obrigaram a procurar-lhes agua, de que tinham bastante necessidade, e isto em reconhecimento de não quererem lançar fogo á povoação.

Passou depois á costa da Arabia, por baixo de Adem, e foi dar sobre um penedo, onde o seu navio dêo á costa partindo-se em mil pedaços.

Depois, tendo entrado no estreito, soube pelas presas que fez, que tinham vindo de Giddá seis galéras Turcas, e com mil e quinhentos homens de reforço: que as intenções da Porta eram de tomar Zeibit, e mandar depois contra Adem.

Sobre isto formou conselho, e expoz as ordens que tinha, que consistiam em marchar contra a fróta do Sultão, ou, a não poder, procurar então tomar algum conhecimento das terras do Prestes João, ou mesmo abordar, a ellas, e deitar em terra o Embaixador, que tinha vindo de Portugal e que El-Rei D. Manuel lhe enviava.

Tendo finalmente o conselho votado sobre o primeiro partido, tomaram o Cabo sobre Giddá. Porém começando a soprar os ventos do Norte, e tornando-se duraveis, o temor que houve de experimentar as mesmas desgraças que tinham acontecido aos dous precedentes governadores, fez que, depois de terem lutado alguns dias inutilmente, fossem obrigados a tomar o segundo partido, e a fazer derrota para a Ilha de Maçuá, que descobriram em dia de Pascoa, e onde ancoraram no outro dia que eram dez de Abril,

Os moradores tinham abandonado esta Ilha, julgando que a fróta, de que tinham tido noticia por uma sua galéra, era a dos Turcos, cujo tratamento muitissimo temiam, posto que elles proprios fossem Mahometanos tambem; de sorte que o general foi obrigado a fazer avançar alguns Bregantins para tomarem posição favoravel. Um d'estes Bregantins descobrindo de muito perto a terra, foi visto pelos habitantes, e logo mandaram um pequeno batel a bordo, conduzido por trez

homens, os quaes tendo conhecido os Portuguezes, saltaram dentro do Bregantim com grandes demonstrações de alegria, mostrando aos Portuguezes uma carta, e um annel que traziam.

Estes homens erão enviados pelo Governador, e Imperador da Ethiopia, que era um porto mui consideravel. A carta, escripta em Arabe, testemunhava o gosto infinito, que elle Imperador tinha, de ver em fim cumpridas as suas antigas profecias; as quaes lhe annunciavão que elles verião um dia sobre suas terras, Christãos de um poderoso Reino do Occidente, e que se devião unir com elles por estreitos laços de amizade e de interesses, visto que já o estavão tão naturalmente pela fé commum que professavão. Que o Rei David seu senhor, infinitamente suspirava por esta união, pela esperança que tinha concebido, de que ella serviria para a destruição da seita de Mafoma. Que lhe tinha dado ordens para os receber o melhor possivel quando apparecessem. Que hia dar prrte ao Barnages, Gevernador da provincia, d'esta boa fortuna. E que no entretanto, elle rogava ao general que quizesse permittir aos habitantes da Ilha de Maçuá que voltassem para suas casas, e de os considerar, posto que fossem Mahometanos, como vassalos do Imperador dos Abexins. »

A leitura d'esta carta enchêo os Portuguezes de consolação. Diogo Lopes de Sequeira se considerou o homem mais afortunado do mundo. Respondêo ao Governador com os maiores agradecimentos, e dêo aos seus enviados uma cruz como a da Ordem de Christo, para lhes servir de protecção.

Apenas este estandarte tão respeitavel da nossa religião, foi visto pelos habitantes da cidade de Arquico, logo todos vierão de tropel, como em procissão, com o Governador á frente, para o receber, e o acompanharam can-

tando hymnos e psalmo, até ao seu palacio, sobre o quàl o fez arvorar.

Tendo havido mutuos presentes, e estabelecida a maior segurança de ambas as partes, os qué vierão fallar por ordem do Governador de Arquico procuraram noticias de um certo Embaixador, que o Imperador da Ethiopia tinha enviado ás Indias, para o fazer passar de lá a Portugal. Era éste o que estava na frota, e que tinhão occultado pelas rasões que vamos a dizer: porém é preciso que tomêmos um pouco mais longe a sua historia.

Temos visto até aqui os cuidados infinitos que tinhão tido os Reis D. João II e D. Manuel, para descobrir as terras de um principe Christão, conhecido na Europa, desde o tempo das Cruzadas, pelo nome de Prestes João, e as differentes pessoas que tinhão enviado por diversos decretos para d'elle terem algum conhecimento.

Os seus cuidados forão de algum modo inuteis; e nós temos notado, que pelos indicios que lhes havião dado, era este Imperador dos Abexins, ou da Ethiopia Alta.

Pedro da Covilhã, um dos primeiros que tinhão sido enviados a este descobrimento, havia chegado á Côrte d'este principe; e foi onde nós o deixámos. Aquelles que depois tentaram hir lá pelo Senegal, não o conseguiram por artificio dos Portuguezes. Os que se dirigiram pelo Egypto, e pela costa de Zamgerebar, forão os mais felizes, principalmente os trez que Tristão da Cunha tinha desembaraçado em Quiloa, e que Affonso d'Albuquerque fez saltar em terra perto do cabo Guardafu.

Pedro da Covilhã tinha sido muito bem recebido do Imperador Escander, ou Alexandre, que reinava então. Es-

te principe vendo as suas cartas de crença, o tratou o melhor possivel e concebêo grandes esperanças futuras sobre a aliança que lhe era proposta. Porém, a morte levando-o na flôr da idade, seu irmão Nahu, que lhe succedêo, mostrou desde logo ter pensamentos totalmente diversos; e por um principio de politica, ordinario nesta Monarquia, tirou a Pedro da Covilhã toda a esperança de poder tornar á sua patria. De maneira que, Pedro da Covilhã, tomando o partido a que a necessidade o obrigou, tratou de se cazar, e não pensou mais, d'alli em diante, senão em que havia de acabar os seus dias neste desterro.

Sendo morto Nahu, pouco tempo depois de seu irmão, David seu filho que era mui creança, subio ao throno debaixo da tutella da Imperatriz Helena sua mâi.

Esta Imperatriz que tinha muito juizo e valôr, emendou os êrros de Escander, com todo o gosto, por saber, por intervenção da voz publica, as grandes cousas que os Portuguezes tinhão feito nas Indias; de sorte que ella se resolvêo a responder á embaixada de El-Rei de Portugal.

Não pôz ella os olhos em Pedro da Covilhã, do retorno do qual se não podia assegurar, porém escolhêo um Christão chamado Matheus, Armenio de Nação, que tinha assistido muito tempo no Cairo, e feito muitas viagens á Ethiopia, de quem se havia servido em muitas negociações, e que por isso tinha merecido a sua confidencia. A's cartas de crença ajuntou um Santo-Lenho metido em um relicario de oiro, de que fazia presente a El-Rei de Portugal. Dêolhe depois, por companheiro da embaixada, um moço Abexim, homem muitissimo nobre, e finalmente os fez passar ambos secretamente ás Indias, onde devião pedir ao Governador uma passagem para Portugal.

Affonso d'Albuquerque, que estava então servindo de Governador, prestou-lhe todas as honras possiveis na cidade de Gôa, e o fez passar a Cochim, como já disse, para o fazer embarcar no melhor navio, que alli houvesse, afim de partir neste mesmo anno para Portugal.

Pelo que toca agora ao Embaixador, El-Rei lhe fez todas as honras e homenagens, que merecia a magestade do Monarcha que o enviára, e de quem elle tinha procurado o conhecimento com tanta paixão.

Depois de se demorar alguns mezes, D. Manuel o fez tornar para as Indias com o moço Abexim, e o mandou acompanhar por um novo Embaixador, que elle proprio enviava á Côrte da Ethiopia, dando ordem a Lopo Soares d'Albergaria, que era alli então Governador Geral, de os conduzir pessoalmente na frota, que devia dirigir-se para o Mar Roxo, e de os desembarcar, tão depressa podessem, nas terras dos Abexins.

El-Rei testemunhava o interesse que tinha por este negocio, e a grande opinião e esperança que d'elle havia concebido, pela escolha da pessoa, que chamou para esta embaixada.

Era este tal Embaixador, Duarte Galvão, o qual depois de se ter distinguido nas guerras da Africa, tinha commandado os corpos de tropas auxiliares, que El-Rei de Portugal havia enviado aos Principes seus alliados; e se havia ainda feito mais recommendavel, depois, pelos importantes negocios, que tratára, com grande politica, na maior parte das Côrtes dos primeiros Principes da Europa; e que estando então em uma idade muito adiantada, devia admirar-se muito de se vêr encarregado de uma commissão para o fim do mundo, a qual parecia mais uma aventura, do que uma embaixada.

Comtudo, o zêlo, e o espirito de religiosidade lh'a fizeram acceitar com bastante gosto, pela esperança que tinha de nella procurar a gloria de Deos.

Porém, como Lopo Soares d'Albergaria, na sua empresa do Mar Roxo, não executasse couza alguma de quanto El-Rei lhe tinha ordenado, Duarte Galvão morreu, por causa das fadigas, e fome que soffrêo na Ilha de Camarão, á vista, pode-se assim dizer, da de Maçuá, não lhe faltando mais que dois passos para entrar no porto tão desejado.

O Embaixador Matheus, tendo tornado ás Indias com Lopo Soares d'Albergaria, foi obrigado a alli esperar, até á expedição de Diogo Lopes de Sequeira, que se embarcou de novo com Rodrigo de Lima, que El-Rei D. Manuel substituira a Duarte Galvão. Quando appresentaram o Embaixador Matheus a estes Abexins, que por elle procuravão, esta boa gente se prostou logo, beijando-lhe a mão, e chamando-lhe muitas vezes — Abba Matheus — que quer dizer, pai Matheus.

Este veneravel velho, chorando de alegria e banhando a sua barba branca com o seu pranto, abraçando-os em torno de si, despresando suas penas passadas, e as immensas fadigas de dez annos successivos, dava publicamente graças a Deus, de que, tendo só proposto a sua gloria, se havia dignado de abençoar seus trabalhos, unindo de tamanha distancia, duas tão poderosas Nações, para o bem, e augmento da Religião Christhã. Suas palavras, e o ar com que as dizia, tocavão vivamente o coração de todos os que estavão presentes, principalmente dos Portuguezes.

Esperavão o Barnagues, ou Governaeor Geral da provincia, que era uma das primeiras pessoas do Reino.

Neste intervallo Diogo Lopes de Sequeira tomou conhecimento da Ilha de Maçuá. Fez purificar e benzer uma das suas mesquitas, que convertêo em capella de N. Senhora da Conceição, onde se celebraram os santos misterios.

Pedro Gomes, Prezidente do Conselho das Indias, de outra parte, com o Embaixador Matheus, forão visitar um celebre mosteiro da ordem de Santo Antonio, chamado de Jesus ou da visão, onde receberam toda a sorte de attenções da parte dos seus Religiosos.

Finalmente o Barnagues chegou: houverão logo algumas difficuldades, por causa do ceremonial da sua audiencia, com o Governador Geral. Concordáram com tudo, que se faria em um vasto campo, onde estarião trez cadeiras, uma para o Barnagues, a segunda para Diogo Lopes de Sequeira, e a terceira para o Embaixador Matheus.

O Barnagues chegou alli com dois mil homens de pé, e duzentos cavallos. Diogo Lopes de Sequeira conduzio apenas seiscentos homens, que dispoz em bella ordem, e se adiantou sómente na frente de sessenta homens. Depois de alguns cumprimentos, que forão seguidos de mutuos presentes, o general entregou ao Barnagues os dois Embaixadores, e a sua comitiva. Falaram depois no projecto de fundar uma fortaleza na Ilha de Maçuá, ou na Ilha de Camarão, sobre o que se não póde concluir cousa alguma de repente. Em fim, juráram de parte a parte, uma especie de aliança sobre os Santos Evangelhos, e cada um se retirou para sua parte.

Os Embaixadores, Matheus e Rodrigo de Lima, fôram entregues ao Governador d'Arquico que os devia fazer conduzir á Côrte, para onde os deixaremos hir, afim de seguirmos Diogo Lopes de Sequeira, que se poz em caminho para as Indias.

O retorno d'este General, não teve couza alguma digna de mencionar-se, até ao Golfo Persico, a não ser o encontro da Ilha de Deloca, que estava totalmente abandonada. Encontrou depois em Calaiate Jorge d'Albuquerque, a quem encarregou o commando da sua frota, afim de hir, elle proprio, levando apenas as pequenas embarcações, invernar a Ormuz. D'aqui partio a final para voltar ao Indostão, sem occorrer acontecimento algum memoravel.

Os Portuguezes de Chaul estavão sempre opprimidos. Aga Mahomud, foi apresentar-se á barra com as fustas, para obrigar Antonio Corrêa a expor-se a uma acção. Porém Antonio Corrêa, por falta de munições, se poz na defensiva, atirando mui vagarosamente, com receio de não extinguir as poucas munições que lhe restavão.

Aga Mahomud, cobrando então muito animo, intentou tomar um dos reductos que defendião a entrada da barra. A isso tinha sido sollicitado por um dos mais consideraveis mouros de Chaul, que chamavão tambem Mahomud. Pedro Vaz, antigo official, que tinha servido em Italia, commandava o reducto, onde não tinha mais que trinta homens. O Aga pôz a sua gente em terra; erão trezentos voluntarios, quasi todos pessoas qualificadas; sem que os do reducto os podessem perceber. Aquelles, tendo-se escondido atraz de uma eminencia que dominava o reducto, pelejáram logo que podéram ser descobertos. A acção foi logo ao principio das mais vivas. Pedro Vaz e os mestres artilheiros forão mortos: os mais se defenderam com o maior valôr que se póde imaginar, e depois da acção acháram que tinhão alguns no seu broquel até vinte e sete flexas. Fôra mister ceder á força, se Antonio Corrêa lhe não tivesse enviado sessenta homens em dois bateis bem armados, que decidiram a sorte em seu favor.

O Aga admirado da morte dos dois chefes, e de quasi noventa homens estendidos na praça, tomou o partido de se retirar. O traidor Mahomud, julgando que ignoravão a sua perfidia, mandou felicitar Antonio Corrêa d'esta victoria, e lhe fez levar refrescos. Antonio Corrêa, em resposta, lhe enviou as cabeças dos seus deputados, e fez pendurar-lhes os corpos nas vergas dos seus navios.

D. Luiz de Menezes chegou durante este tempo; Antonio Corrêa, coroado de uma nova gloria por està vantagem ganha, lhe entregou o governo da fróta, e foi ainda a tempo de se embarcar, com Diogo Lopes de Sequeira seu Tio, nos navios de carga. Melique Jaz, sabendo da chegada de D. Luiz de Menezes, e temendo ainda mais Simão de Andrade, que tinha já chegado a Chaul, havia obrigado na sua derrota a cidade de Dabul a lhe entregar duas galeras inimígas, e a pagar um tributo annual á Corôa de Portugal. Chamou o Aga e as suas fustas, e mandou pedir Suspensão d'hostilidades ao novo Governador; o que lhe foi concedido por este.

O Rei de Ormuz, não pagando o tributo em virtude da diminuição das suas rendas, alguns particulares avisáram a Côrte de Portugal, de que isto provinha da má administração das rendas d'este principe, o qual era roubado pelos ministros que o governavão. Ainda que uma das condições do tratado que tinhão feito com elle, foi, que não se embaraçarião com os negocios do seu governo; comtudo, tendo por acaso sido proposto em Portugal aos doutores, todos respondêram unanimemente, que, sendo o Rei de Ormuz tributario á corôa d'El-Rei de Portugal, era o Rei d'este paiz absolutamente o senhor dos estados d'aquelle principe.

El-Rei D. Manuel enviou ordens ao Governador Geral,

para que pozesse Portuguezes em todas as Alfandegas, em lugar dos officiaes Arabes ou Persas, que alli estavão d'antes.

Estando Diogo Lopes de Sequeira em Ormuz, executou á risca as ordens de El-Rei de Portugal. Porém como Torun-Cha, Rei de Ormuz, precisava então do soccorro dos Portuguezes, para tornar a conquistar as Ilhas de Baharem e de Catifa, tomou o partido de dissimular e submetter-se. A dissimulação servio só de augmentar o mal, porque, depois da partida de Diogo Lopes de Sequeira, os novos feitores da Alfandega não deixáram de dar muitos motivos de queixa. Por outra parte, os ministros do Rei de Ormuz, achando occasião de o irritarem excessivamente, este Principe de acordo com elles, tomou a resolução de fazer assassinar todos os Portuguezes n'um mesmo dia e á mesma hora em toda a extensão dos seus Estados.

O negocio foi conduzido com muito segredo e artificio. Porque, para melhor conseguirem o seu designio, e para enfraquecerem os Portuguezes, persuadiram a Manuel de Souza Tavares, que commandava sobre esta costa, que fosse ao encontro dos Nautaques ou Baloches, corsarios Arabes, os quaes infestavão estes mares no tempo da monsão.

Apenas Manuel de Sousa Tavares partio, rebentou a conjuração, pelo ataque de dois navios, que restavão no porto. O fogo que lançáram ao primeiro, foi o signal de assassinarem os Portuguezes. Alli morrêram cento e vinte e seis, sem fallar dos escravos de ambos os sexos, em Ormuz, Curiate, Soar, Baharem, e em outras partes.

Rui Boto, mais feliz que os outros na infelicidade commum, acabou por um glorioso martyrio em Baharem, ten-

do estimado mais soffrer todas as sortes de tormentos, que renunciar á sua Religião, para abraçar a lei de Mahomet.

Só o Governador de Mascate é que não quiz executar as ordens sanguinarias do seu Principe, e avisou a Manuel de Souza Tavares de tudo o que se urdia, o que logo o obrigou a retroceder.

D. Garcia Coutinho, Governador da fortaleza de Ormuz, antevendo bem que, o menor mal que tinha para temer era a fome e sede, em quanto durasse um sitio difficil de supportar, com a pouca gente que tinha escapado ao traiçoeiro assassinio, fez partir uma caravella, para avisar o Governador General do estado em que se achava. Comtudo Manuel de Souza Tavares se apressava para tornar a Ormuz. Uma tempestade o separou de Tristão Vaz, que no seu paráo, passou pelo meio da fróta dos inimigos, composta de mais de cento e setenta e tentas terradas, das quaes não recebêo damno algum, ou fosse por não ser percebido, ou por ter a felicidade de soffrer todo o fogo delles, sem receber prejuiso.

Manuel de Sousa Tavares tendo depois ancorado na distancia de duas legôas da cidade, o perigo a que D. Garcia Coutinho o vio exposto, fez com que se determinasse a enviar á sua presença Tristão Vaz, que teve tambem o valor de passar pelo meio da frota inimiga para hir ter com elle.

Terun-Cha encolerisado com a fraqueza dos seus, que não ousavão aborda-lo, fez pôr diante de si, sobre duas mezas, duas bacias. Uma estava cheia de oiro, e outra cheia de joias e adornos de mulheres, para excitar-lhes o valor com esta vista, que era o simbolo de duplicada re-

compensa. Com effeito este bello espectaculo animando os brios dos mais fracos, toda a força se poz em movimento. Não obstante seus excessivos esforços, os dois navios abriram passagem, e vieram collocar-se no porto, debaixo do fogo da fortaleza; porém, tão cheios de flexas, que estavão cobertos d'ellas; de modo que tiverão com que fazer fogo por muitos dias.

A fortaleza tendo sido depois batida da parte da terra por dois mezes successivos, e com mui pouca vantagem, Torun-Cha, então, irritado por uma parte contra os ministros, que o tinhão mettido neste máo negocio, e temendo pela outra, ainda mais, o castigo devido á sua traição, tomou a mais estranha resolução que se tem visto, que foi deixar a cidade de Ormuz, e hir estabelecer-se na Ilha de Queixome, que dista d'alli sómente trez legoas, e tem quinze de longo, no seguimento da terra da costa de Carmania. Para o que publicou um edicto, sob pena de morte, ordenando a cada um dos seus vassallos, para se embarcarem, com todos os seus bens, afim de o seguirem.

Posto que esta determinação extravagante enchêo a cidade de desgosto, foi todavia immediatamente obedecido. Os officiaes, que deixou para fazerem executar as suas ordens, enganáram tambem o Governador da fortaleza, que não conhecêo o designio do principe, senão quando o mal não tinha já remedio, por isso que vião toda a cidade em fogo. Então temendo algumas ciladas, e não ousando enviar pessoa alguma para saber o que se passava; esta cidade tão soberba pela belleza dos seus edificios, esteve á descripção das chammas, que a destruiram toda no curto espaço de quatro dias e quatro noites; espectaculo digno de compaixão, e capaz de arrancar fontes de lagrimas.

Torun-Cha tornou a si; não podia deixar de se arre-

pender do mal que tinha feito a si mesmo. Além dos incommodos ordinarios a todo o novo estabelecimento, bem depressa se vio reduzido, na sua Ilha, a todas as miserias que soffrião os Portuguezes em quanto durou o cêrco. Porém estes forão os primeiros a soccorre-lo.

Comtudo Torun-Cha não tardou em ser victima da ambição, e da divisão dos seus. Ray Seraf, zeloso da authoridade que tinha tomado Mahomud Morad, de quem o Rei via a mulher com o favor d'este fraco principe, tinha tomado quasi toda a authoridade; fez afogar o Rei secretamente, e pôz sobre o throno em seu logar a Cha-Pat-Cha Mahomud, um dos filhos do defunto Rei Ceifadim. Morad, que conhecêo bem, depois d'esta acção, que para elle não havia outra salvação senão a fugida, abandonou a parte ao seu concorrente, o qual se vio com um Rei pupillo, só senhor do estado, como o havia sido seu pae Nordin, depois da morte do Rei Hamed.

D. Luiz de Menezes sabendo depois na sua derrota uma parte d'estas cousas, e o fim tragico d'esta revolução, foi ancorar defronte da Ilha de Queixome. Seus capitães erão de parecer que elle a destruisse bem, como o podia fazer facilmente, porém D. Luiz de Menezes temendo a desesperação de Ray Seraf, que parecia querer fugir com o Rei para o interior das terras, e conhecendo de que grande importancia era, obrigar este principe a tornar para Ormuz, desprezou os pareceres dos seus officiaes, e nem sequer se dignou chamar o conselho. Comtudo desejou bem causar alguma desordem no governo d'esta Côrte, por má vontade a Ray Seraf, que lhe era odioso, e de quem temia igualmente os artificios, e as desconfianças.

Para este effeito solicitou dois cheques visinhos e tributarios do Rei de Ormuz, que lhe promettêram logo de

excitar algum movimento, e depois lhe faltáram á palavra. A negociação comtudo corria seu curso entre Ray Seraf, e elle. Finalmente reguláram que o Rei tornaria para Ormuz, e que pagaria d'alli em diante vinte e cinco mil serafins de oiro de tributo, e que seria compensado todo o prejuizo que tinha sido feito aos Portuguezes; porém que estes tirarião os officiaes que tinhão nas Alfandegas, e não se embaraçarião mais com os negocios do Governo.

Assignado o tractado, Cha-Mahomud enviou presentes de consideração, consistindo em joias, e peças preciosas, para El-Rei e para a Rainha de Portugal, para o Governador das Indias, e para D. Luiz de Menezes. Porém este, em toda a sua conducta, mostrou um desinteresse digno de admiração. E' verdade que elle não ousou recusar o presente do Rei de Ormuz, porém não o quiz receber para si, e o fez ajuntar ao presente destinado para a Côrte de Portugal.

CAPITULO XVII.

AINDA EM 1521.

Como o Capitão mór Antonio Corréa pelejou em Baharem com El-Rei Mocrim, e o desbaratou. Morte de El-Rei Mocrim; de como Antonio Corréa, mandou cortar-lhe a cabeça, e remette-la ao Governador com a nova da victoria; e da sepultura que lhe foi feita. Modo como Antonio Corréa se apoderou da Ilha de Baharem, e da fortaleza de Catifa; e voltou depois a Ormuz. Chegada de Jorge d'Albuquerque a Pacem; e como elle se determinou a restituir este Reino ao principe que levava da India. Da vinda de El-Rei d'Auru a Pacem para pelejar contra o tirano seu usurpador; e como este foi desbaratado e morto por Jorge d'Albuquerque.

Do recebimento do Rei de Pacem; e de como Jorge d'Albuquerque construio alli uma fortaleza. Como Fernão de Magalhães fez crer ao Imperador Carlos, Rei de Castella, que as Ilhas de Maluco erão de sua conquista; e como as foi descobrir. Navegação e viagem de Fernão de Magalhães, de Sevilha para Maluco. O que succedeu ao Congo, Gregorio da Quadra, desde o tempo em que foi captivo no Reino de Adem, até acabar sua vida unicamente dedicado á Religião.

Neste tempo estava levantado, contra El-Rei de Ormuz, um Rei da Ilha de Baharem, chamado Mocrim, que era senhor d'uma cidade conhecida pelo nome de Laçá no Sertão d'Arabia, onde se criam os melhores cavallos Arabes, e que tem uma grande comarca; assim como tambem era senhor d'uma fortaleza denuminada Catifa, que ha na terra firme d'Arabia, a dez legoas de distancia de Baharem.

Este Rei era cazado com uma filha do Senhor de Meca: os mouros o tinhão por Santo; e era muito ousado e valente cavalleiro.

Insurreccionou-se contra El-Rei de Ormuz por lhe não querer continuar a pagar as pareas a que até então se tinha sujeitado; para isto, organisou uma forte armada de terradas, que passavão de cento e quarenta; esta frota obrigava a arribar a Baharem todas as náos que hião d'aquelles lugares da Persia para Ormuz; fazendo assim com que o Rei d'este paiz, perdesse muitissimo dos rendimentos da sua Alfandega; a fora as pareas que não recebia de Mocrim. E vendo elle que o Governador lhe punha Officiaes Portuguezes na Alfandega, para recolherem todos os rendi-

mentos, disse-lhe, que visto ser vassalo de El-Rei de Portugal, lhe tornasse Mocrim á sua obediencia, dando-lhe conta do que a tal respeito se passava havia annos: o que o Governador lhe concedeu.

Para isto se fazer, disse o Governador a Antonio Corrêa, seu sobrinho, que elle lhe havia destinado a capitania mór d'uma armada que devia mandar á ponta de Diu, com o fim de esperar alli as náos de preza, até que elle fosse. Mas que, tencionando ainda mandar outra a Baharem, visse se lhe conviria antes esta. E Antonio Corrêa acceitou de preferencia esta ultima, por que lhe trazia mais honra do que proveito, e despresou a da ponta de Diu.

Sabendo Diogo Fernandes de Beja, que ahi se achava, que Antonio Corrêa engeitára a capitania mór da armada de Diu, preferindo antes hir a Baharem, foi immediatamente ter com o Governador, e lhe mostrou um Alvará de El-Rei, para que lhe fosse dada a capitania mór da fróta de Diu, que até alli não tinha querido mostrar para não se oppôr á vontade de Antonio Corrêa, de quem éra muito amigo: e o Governador então lh'a confiou.

Acceitada por Antonio Corrêa a empreza de Baharem, se partio para lá aos quinze de Junho do anno de mil quinhentos e vinte e um; hindo elle em um Galeão. Foram seus Capitães: Gonçalo Pereira, que hia em outro Galeão; Fernandeanes de Seuto Maior, em uma galé; João Pereira, em uma caravéla; Lourenço de Moura e Christovão Carnache, em duas fustas; e em outra fusta, um outro, cujo nome se ignora.

Hião em toda a frota quatrocentos Portuguezes; sendo acompanhados por outra armada de El-Rei de Ormuz, commandada pelo Capitão mór Raix Xarafo, que contava

de duzentas terradas, onde hião trez mil mouros, mil e quinhentos frecheiros, e outros tantos lanceiros. Sobrevindo-lhe no caminho um fortissimo temporal, que fez arribar toda a frota d'El-Rei de Ormuz, e a Portugueza tambem, excepto apenas a capitania, e a caravella onde hia João Pereira; sómente estas duas embarcações chegaram a Baharem, que se lhes apresentou com a prespectiva d'uma mui grande cidade, onde todas as cazas erão grandes e construidas de pedra e cál, munidas das competentes chaminés, varandas e galerias nas janellas.

Era alli que persistia El-Rei Mocrim; o qual por esperar Antonio Corrêa que elle tinha a certeza de ser um grande guerreiro, se tinha preparado já de antemão, mandando cercar a cidade toda, do lado do mar, por uma muralha, de duas faces, da largura de dez palmos, entulhada no centro com terra e areia, tendo alguns portaes apenas para a serventia da praia. Tinha assestada muita artilheria na muralha, que estava guardada por doze mil Arabios postos em estancias; trezentos de cavallo, a maior parte acubertados; quatrocentos frecheiros Persianos; e finalmente vinte rumes espingardeiros com alguns outros aprendizes.

Tendo chegado Antonio Corrêa á cidade de Baharem, surgio ao mar onde se demorou seis dias esperando que todo o resto da sua armada se lhe reunisse, o que conseguio no cabo d'este pequeno prazo; faltando-lhe apenas duas fustas, uma das quaes arribou a Ormuz, e a outra chegou já depois de Antonio Corrêa ter os inimigos desbaratados.

Reunidos que foram todos os navios Portuguezes, com a unica excepção acima dita, e bem assim a armada toda de El-Rei de Ormuz, quiz Antonio Corrêa saber a gente com que contava, para vêr se poderia saltar em terra; mas

não encontrou em estado d'isso, mais de duzentos e vinte homens, dos quaes, cem erão creados de El-Rei e Fidalgos, e o resto espingardeiros e besteiros. Toda a mais gente só éra destinada para ficar guardando a esquadra. E com quanto se achasse com tão pouca gente, reunio sempre um conselho dos outros Capitães e dos principaes da fróta, onde decidiram que infalivelmente saltarião em terra, não obstante a inferioridade de seu numero, pois esperavão contar com a ajuda de Dêos.

Quiz Antonio Corrêa dar o primeiro accommettimento aos inimigos na vespera do dia de S. Thiago; porém não poude fazêl-o, por causa de Raiz Xarafo, que ponderou não lhe ser possivel concordar n'aquella escolha de dia, em virtude de certas cerimonias da sua seyta; e por isso ficou transferido o ataque para o dia vinte e sete de Julho, que foi um Sabbado. Queria tambem Antonio Corrêa atacar com a sua gente por uma parte, em quanto Raix Xarafo atacasse por outra, com o fim de se destinguirem bem e podêr-se ver o que cada um fazia. Mas Raix Xarafo não quiz, dizendo que El-Rei de Portugal e El-Rei de Ormuz, erão irmãos, e que por isso se devião reunir as suas gentes n'um mesmo todo compacto. Mas isto era por medo, segundo depois pareceu.

Acabado o conselho, os Capitães se tornaram aos seus navios, e depois com toda a sua gente se confessaram e se encommendaram ao Todo Poderoso; porque a empreza era bastante árriscada, por causa do grande numero dos inimigos, que talvez podessem oppor trezentos dos seus a cada um dos Portuguezes. Porém Antonio Corrêa tinha tamanha confiança em Dêos e na Santa Virgem, que esperava mesmo assim obter a victoria.

No Sabbado de manhãa se embarcou Antonio Corrêa

com a sua gente nos bateis e barquinhos da frota, ao passo que Raix Xarafo por ter grande quantidade de gente foi obrigado a hir em grandes jangadas de madeira, que os paráos das suas terradas havião de rebocar.

Ao despontar da aurora, abalou Antonio Corrêa para terra com todos os seus, levando na sua vanguarda seu irmão Ayres Corrêa, que levava um guia, e apenas hia acompanhado por cincoenta homens espingardeiros e besteiros, e juntamente com alguns fidalgos. Como já era baixa mar, e em frente da cidade fosse o mar muito espraiado, tocaram os bateis na areia ainda a distancia de tiro de espingarda da praia; mas, vendo que não podião passar ávante, logo toda a gente se lançou á agoa, sem que alguem se lhe podesse oppor, e assim conseguiram aproximar-se das muralhas da cidade.

Antonio Corrêa, que foi um dos que saltaram n'agoa, mandou ficar nos bateis a um certo Tristão de Castro, homem de muita confiança; e lhe recommendou que não deixasse recolher nos bateis pessoa alguma sem sua ordem.

El-Rei Mocrim estava nesta occasião na muralha com a sua gente, amimando-a como valente cavalleiro que era, e fazendo jogar sua artilheria, que disparava muito a miude, mas de que Dêos tão milagrosamente livrou os que desembarcáram e chegaram á praia mui cansados. E logo Ayres Corrêa, que levava a dianteira, como disse, arremeteu a muralha, com aquelles que o acompanhavão, por entre immensidade de frechas que os inimigos lhes atiravão; os espingardeiros e besteiros mataram muitos mouros, e dos Portuguezes forão feridos, Ayres Corrêa e alguns outros mui levemente.

Estando engajada uma porfiada lucta, em que os Por-

tuguezes diligenciavão por entrar e os de dentro por se defenderem d'isso; chegou Antonio Corrêa que trazia o resto da gente em forma e mui boa ordem, e a bandeira; o qual penetrando repentinamente por uma especie de viella que encontrou entre a muralha e as cazas, foi o impeto dos Portuguezes tão forte e decidido, que fizeram retirar os mouros para dentro da cidade matando-os ás lançadas. Nisto acudio El-Rei Mocrim com um tropel de gente de cavallo, e um grande magote d'outra a pé; o que fez que os Portuguezes deixassem de perseguir mais os mouros. Ayres Corrêa foi muito ferido com lanças e frechas; e pilhando-o desgarrado muitos mouros, se lançaram todos a elle com tamanha furia, que infalivelmente o terião morto, a não serem Aleixo de Souza e Ruy Corrêa, que lhe acudiram; e pelejaram ambos tão valorosamente, que, matando e ferindo grande quantidade de mouros, os obrigáram a retirar; ficando Ayres Corrêa assim livre, e os dois que o defenderam muito feridos ambos; ganhando todavia muita honra por uma acção digna de grande memoria.

Por outra parte tambem Antonio Corrêa andava bastante occupado, visto que mandava como Capitão e pelejava como simples soldado, com o que tinha dobrado trabalho que todos os outros; andava por isto muito cansado e de mais a mais ferido no braço direito.

Em summa, a maior parte da sua gente tambem estava já pouco folgada, porque todos pelejáram com um esforço maravilhoso; e que não poderião sustentar sempre senão fossem tão ajudados por Dêos; pois d'outra maneira não seria possivel, ou ao menos acreditavel, que tão poucos homens como os Portuguezes erão resistissem a tão grande multidão de inimigos, matando e ferindo prodigioso numero d'elles. A El-Rei Mocrim, que andava sempre á frente dos seus e escolhendo os lugares mais perigosos, matáramlhe nesta lucta dois cavallos.

Estando tambem os mouros mui fatigados, e com um grande numero de mortos e feridos, fizeram diligencia por se apartarem da batalha para poderem descançar, o que não desagradou aos nossos, que dezejavão como elles de repouzo. E Antonio Corrêa, mandou conduzir seu irmão Ayres Corrêa, bem como todos os mais feridos, para bordo dos bateis.

Algum tempo depois, vendo Antonio Corrêa que a sua gente já tinha tido sufficiente descanço, tornou a attacar os mouros. Este segundo ataque foi mui bem succedido; todos hião bradando pela Santa Virgem; e parece que por milagre d'esta, em virtude dos seus rogos, aconteceu que, um dos espingardeiros Portuguezes desfechando a sua espingarda, acertou em El-Rei Mocrim, ferindo-o em uma côxa tão mortalmente que se vio obrigado a abandonar o campo da batalha; acompanhando-o alguns valentes officiaes que o seguião sempre.

Apenas os mouros se viram sem ter quem os capitaneasse, fugiram, correndo quanto mais podião; e por ter Antonio Corrêa a sua gente muito cançada, e elle proprio se achar do mesmo modo, deixou-os hír sem que os perseguisse, posto que muitos gritassem para que os seguissem. Porém Antonio Corrêa contentou-se com a mercê que Dêos lhe tinha feito, dando-lhe uma tão famosa victoria, como esta foi; alcançada em menos de duas horas; e tendo apenas sido victimas cinco Portuguezes; sendo um d'estes um fidalgo chamado Jorge Pereira, e outro, um mourisco Christão, de Antonio Corrêa, que em toda a batalha o acompanhou e o deffendeu da morte, adargando-o sempre com uma adarga, e que a final depois de muito frechado veio a socumbir.

Dos mouros houve prodigioso numero de mortos e fe-

ridos. Além de El-Rei Mocrim, que morrêo d'ahi a dois ou trez dias, socumbio tambem na batalha o celebre Governador de Baharem, pessoa das mais principaes; e ainda mais seis homens dos de maior nome que erão seus parentes. Ficaram no campo mórtos uns trinta e tantos homens de cavallo, e trezentos, pouco mais ou menos, de pé; não contando a immensidade dos feridos: e morrêram finalmente grande quantidade de cavallos.

Em honra d'esta tão famosa victoria, o muito Alto e muito Poderoso Rei D. João III de Portugal, permittio a Antonio Corrêa, que podesse meter em um quarto do escudo das suas armas, a cabeça d'um Rei mouro, e outra por timbre no elmo do seu capacete, em memoria da cabeça de El-Rei Mocrim, que depois lhe foi cortada.

Vencida que foi a batalha, chegou então Raix Xarafo a Antonio Corrêa com a sua gente, com que até alli tinha estado sobre as agoas sem desembarcar, esperando ver o que succedia aos Portuguezes. E Antonio Corrêa dissimulando com elle o desavergonhamento de desembarcar a um semelhante tempo, mandou aos seus mouros que seguissem o alcance aos inimigos; o que elles deram mostras de querer fazer quando se internavão pela cidade; mas, logo que ahi se pilharam dentro, começaram a saqueal-a.

Antonio Corrêa entrou pela cidade com a bandeira e tangendo as trombetas na frente, e se dirigio â habitação de El-Rei Mocrim, que éra uma caza muito grande e sumptuosa, e junto d'ella encontrou uma galeóta mui rica, e bonita, que alguns lhe aconselharam de mandâr queimar, mas que elle não quiz. E feitos alli muitos cavalleiros, fidalgos, e outras pessoas destinctas, que lh'o requereram, não quiz passar ávante, por ser já meio dia. Voltou então para a frota a fim de mandar curar os seus feridos, dei-

xando assim a cidade em poder de Raix Xarafo; o qual, tomou d'ella posse por El-Rei de Ormuz; e de caminho determinou Antonio Corrêa, que se deitasse fogo a cento e quarenta e sete terradas que alli havião, pertencentes a El-Rei Mocrim.

Na noite seguinte, estando todos dormindo, pegou fogo na bitácora da Capitania, e foi a revolta tamanha, que até os proprios feridos se levantaram para acudir; mas assim mesmo, era tanto o fumo que não havia quem podesse hir abaixo para apagar o incendio; no entanto depois de grandes esforços se conseguio apagal-o. Neste barulho, e com alguns excessos, rebentáram os pontos das feridas, a quazi todos os feridos, sendo necessario curarem-se de novo; mas ninguem sentio muito todos estes encommodos, em virtude da influencia do grande prazer que acabavão de experimentar com a victoria passada.

No dia seguinte foi Antonio Corrêa a terra com os que o poderam acompanhar, com o fim de hir lançar, a galeóta citada, ao mar; porém não o poderam conseguir n'aquelle dia pelo impedimento que fazia a muralha, que ainda estava em pé; mas no dia seguinte obtiveram depois de grandes fadigas, lançar ao mar a galeóta, visto que os Portuguezes erão mui poucos, e os de Raix Xarafo não ajudavão cousa alguma: Antonio Corrêa é que ajudava sempre como qualquer dos outros, apezar de se achar ferido no braço direito; como desejava obter a galeóta para El-Rei seu senhor, sujeitou-se a tudo.

Lançada que foi ao mar a galeóta, lhe poz Antonio Corrêa o nome de Mocrina, em memoria do seu antigo possuidor El-Rei Mocrim; e deu a sua capitania a um tal Gaspar Corrêa.

Passados cinco dias depois da batalha, é que Antonio Corrêa soube por um mouro da terra, e por outro de Raix Xarafo, que El-Rei Macrim havia morrido, e que na noite seguinte o devião hir enterrar a Catifa. E Raix Xarafo requerêo então a Antonio Corrêa para que o mandasse tomar ao caminho, por quanto tinha sido traidor a El-Rei de Ormuz, era por isso necessario que lhe cortassem a cabeça, e que elle lá mandaria para isso a sua gente.

Consentindo nisto Antonio Corrêa, foi mandado um parente de Raix Xarafo, chamado Raix Çadradim, como capitão de doze terradas, com que tomou o corpo de El-Rei Mocrim, e o conduzio á presença de Antonio Corrêa, que logo ordenou que lhe cortassem a cabeça; a qual os mouros de Raix Xarafo escavacáram por dentro de tal modo e tão subtilmente, que ficou a pelle do rosto com os olhos e o nariz unicamente.

Encheram-na depois d'algodão, e lhe pozerão uma azelha no crâneo para se lhe pegar. E Antonio Corrêa a mandou para Ormuz ao Governador, encarregando d'esta commissão a Baltesar Pessoa e Ruy Corrêa, que foram n'uma fusta, e levaram ao mesmo tempo a noticia da victoria, que foi muito apreciada tanto pelo Governador em referencia aos Portuguezes, como pelo Rei de Ormuz relativamente aos mouros. Houveram grandes festas, e o Governador foi á Igreja com todos os fidalgos dar graças ao Altissimo.

Mandaram fazer uma sepultura para a cabeça na praça de Ormuz, para ficar como uma memoria d'aquelle grande feito; e n'este sentido lhe pozerão dois epitafios, um em Portuguez e outro em Persiano, que dizião: « Aos quinze « dias do mez de Maio de mil quinhentos e vinte e um, « chegou o Governador, Diogo Lopes de Sequeira, a Ormuz' « achando o Reino de Baharem e Catifa, levantado contra

« El-Rei de Ormuz; e mandou logo Antonio Corrêa, seu
« sobrinho, com sete navios, e quatrocentos homens; que
« pelejaram com Mocrim, Rei da dita terra, cuja cabeça
« jaz aqui. Morreram muitos Mouros e poucos Christãos; e
« aquelles vendo-se desbaratados entregaram logo Catifa a
« Antonio Corrêa; que tambem trouxe uma galeota que os ru-
« mes tinhão feito. E o Governador mandou fazer esta sepul-
« tura, em honra do defuncto Rei, como bom cavalleiro, e
« em memoria dos Christãos.

Depois da morte d'El-Rei Mocrim, um seu sobrinho, chamado Xeque Hamet, a quem os habitantes respeitavam, mandou pedir licença a Antonio Corrêa para lhe hir falar, a fim de entregar-lhe a Ilha de Baharem e a fortaleza de Catifa, visto que todos da terra desejavão estar ao serviço de El-Rei de Portugal; e para signal de verdade, lhe remetteu dois cavallos Arabes.

Concedida a licença por Antonio Corrêa, veio ter com elle Xeque Hamet, que lhe fez a supradita entrega, com a condição de lhe dar passagem para a terra firme, a elle e á gente estrangeira. O que Antonio Corrêa lhe concedeu, tambem com a condição de não levarem armas nem cavallos. E feita a entrega com estas condições, foi dada a passagem a Xeque Hamet e á sua gente. Raix Xarafo foi tomar posse de Catifa por El-Rei de Portugal e por El-Rei de Ormuz. Antonio Corrêa fez Governador de Baharem a Raix Bubacahum, que era Arabe, Capitão principal, e mui bello homem, ficando assim a gente da terra muito contente. E tendo restituido o Reino de Baharem a El-Rei de Ormuz, partio Antonio Corrêa para esta terra aos doze de Agosto; não esperando por Raix Xarafo, pelo receio de que não podesse chegar a Ormuz antes de o Governador ter partido para Cambaia; visto que o seu regimento não lhe permittia estar em Baharem senão até aos vinte e cinco de Ju-

lho; porque o Governador de Ormuz desejava fazer a fortaleza em Madre Faba antes que de Portugal fosse outro Governador. Deixou Antonio Corrêa, com a pressa, muitos cavallos e outras couzas ricas em poder de Raix Xarafo.

Chegando Antonio Corrêa a Ormuz, foi muito bem recebido do Governador; e El-Rei o mandou visitar, desculpando-se de não hir pessoalmente por estar doente d'uma perna. Antonio Corrêa o foi depois cumprimentar, recebendo d'elle muitas honras; e lhe mandou dar um treçado de ouro, uma adaga mui rica, um cavallo com uma sella de guarnição de prata, e algumas peças de brocado e de seda; fez quazi iguaes presentes ao irmão de Antonio Corrêa, que o tinha acompanhado; e finalmente, mandou dar muitas peças ricas tambem a todos os mais Capitães e fidalgos da comitiva, pedindo a todos mil perdões por lhes offertar tão pouco; e dizendo-lhes que se elle fôra senhor de todas as rendas que d'antes tinha, lhes pagára os gastos e trabalhos como merecião. E alguns dias depois da chegada de Antonio Corrêa a Ormuz, chegou alli tambem Raix Xarafo com a sua armada, entrando muito soberbo por hir com os Portuguezes, e ter succedido a causa tão bem como succedeu.

Depois de Jorge d'Albuquerque ter partido para Malaca, com a frota que dissemos, seguio viagem até chegar á Ilha de Çamatra, e entrar no porto de Pacem, na intensão de diligenciar por restituir áquelle Reino o Principe seu herdeiro, segundo o que o Governador lhe dera por regimento. Surto que foi n'aquelle porto, buscou e alcançou a maneira de fazer saber aos principaes de Pacem a cauza da sua vinda; mas sem que o Tyranno o podesse perceber, para se não pôr em recado. E elles alvoroçados com a vinda do seu verdadeiro Rei, foram como poderam secretamente á capitania, onde Jorge d'Albuquerque lhes mostrou o Prin-

cipe e o Moulana; que elles folgaram muito de ver, e lhe disseram que a sua vontade era mui boa, de o receberem por senhor, mas que tinhão muito receio do Tyranno. N'esta practica soube Jorge d'Albuquerque que o Tyranno estava muito fortificado em uma fortaleza junto da povoação, que ficava a uma legoa pelo rio acima. Havia uma muralha larga, que seguindo a forma quadrangular, cercava uma pequena povoação onde morava o Tyranno, perto da outra grande, que lhe servia de arrabalde. A dita muralha estava guarnecida de muita artilheria; tendo a entrada do lado do Norte por uma ponte; e do Sul tinha uma porta para um canto, sendo d'este lado circumdada por um fosso aquatico. No centro da povoação estavão as cazas do Tyranno, cercadas por outra muralha construida como a de fóra, e com duas portas pequenas, uma do lado do Sul e outra de Leste. Dentro d'esta soberba fortaleza, se achavão, além disso, seis mil homens de peleja, os mais d'elles frecheiros, e muitos de zaravatanas.

Jorge d'Albuquerque, comtudo, como era muito valente, e conhecia que o Principe tinha justiça para adquirir o Reino, determinou-se a pelejar contra o Tyranno, se elle não quizesse por bem largar o Reino; e assim lh'o mandou annunciar.

A resposta do Tyranno foi, que o Reino era seu, e demais que elle queria ser vassallo de El-Rei de Portugal, e pagar-lhe as competentes pareas; ao que Jorge d'Albuquerque replicou, dizendo-lhe, que El-Rei de Portugal não queria por vassallos senão os verdadeiros e directos herdeiros dos Reinos, e nunca aquelles que os uzurpavão. E vendo finalmente a contumacia do Tyranno, reunio um conselho, para notificar os seus Capitães, de que estava resolvido á peleja; onde se reunio tambem um fidalgo chamado Manuel da Gama, que alli tinha chegado de Malaca em um navio

da armada, para fazer arribar a Malaca os juncos de Pegú, que por não hirem a Malaca vinhão descarregar a Pacem. Achando-se juntos todos os Capitães, Jorge d'Albuquerque lhes fez presente o regimento que trazia do Governador, ácerca de restituir o Principe de Pacem a seu Reino; fez-lhes ver qual o poder do Tyranno, e como estava fortificado; e que não contavão com mais de duzentos Portuguezes. Todos foram d'accordo que se pelejasse, pois que Dêos os ajudaria, visto que a justiça estava da sua parte.

Tendo-se isto assentado assim, aconteceu chegar n'aquella occasião a Pacem El-Rei de Auru com um grande exercito, que hia declarar e começar guerra com o Tyranno, por causa do Principe herdeiro legitimo, que era seu parente. Sabendo Jorge d'Albuquerque d'esta chegada imprevista, mandou logo dizer, por um mouro natural de Pacem, ao Rei d'Auru, que elle tambem alli tinha vindo para restituir o Reino de Pacem ao Principe seu verdadeiro senhor, e expellir o Tyranno seu uzurpador; e que, porque sabia que era amigo d'El-Rei de Portugal, lhe pedia que se affastasse de onde fosse a batalha, e lhe deixasse a elle só aquella empreza; e ainda mais, que, como a gente que elle trazia andava com o mesmo trajo que a do Tyranno, mandasse aos seus, que no dia da batalha pozessem nas cabeças uns ramos verdes para se differençarem dos inimigos.

El-Rei d'Auru ficou muito contente com esta mensagem, e mandou pedir a Jorge d'Albuquerque que lhe fizesse mercê dos despojos dos inimigos, depois que os Portuguezes já não quizessem mais; porque esperava em Dêos que lhes havia de dar a victoria. Feita esta concordata, Jorge de Albuquerque fez saber aos naturaes de Pacem como havia de atacar a muralha, e em que dia; e mandou-lhes dizer que se affastassem do caminho que elle devia seguir, e que tivessem tambem o cuidado de uzar do mesmo signal convencionado para os Aurus.

Chegado o dia em que devia ter lugar o combate, estando todos os Portuguezes já confessados, e depois de terem almoçado, se pozeram a caminho pelo rio acima, até ao ponto onde desembarcaram; e depois de estarem em terra dividio Jorge d'Albuquerque a sua gente em trez columnas. Da primeira, que constava de sessenta homens, era Capitão D. Sancho Henriques, e hiam com elle Rafael Catanho, e Diniz Fernandes. Da segunda, que tinha igual força foi Commandante D. Affonso de Menezes, filho do Conde de Cantanhede, cavalleiro muito valente. Finalmente, guiava a terceira Jorge d'Albuquerque, com o restante dos duzentos homens; e acompanhavão-no, Manuel da Gama, Antonio de Miranda d'Azevedo. Garcia Chainho, Heitor de Valadares, Francisco Bocarro, e ainda mais outros muitos fidalgos e cavalleiros.

Nesta ordem, e ao som das trombetas, caminhou para a fortaleza ao longo d'um estreito que passou por uma ponte; desde o ponto do desembarque até ás muralhas seria a distancia de dois tiros d'espingarda; d'um e d'outro lado se via todo o caminho apinhado de gente, tanto dos da terra como dos Aurus, que todos estavão a favor do Principe.

Chegando D. Sancho Henriques perto da muralha, principiou a artilheria a disparar, e a espingardaria Portugueza lhe respondeu, e começou logo por fazer muita obra, porque os Portuguezes, ainda que eram poucos, sem medo algum se arremessaram á muralha pela banda do Sul, e se chegaram a ella a ponto de poderem derribar muitos dos inimigos com as espingardas.

Neste comenos chegaram D. Affonso de Menezes e Jorge d'Albuquerque, com as suas respectivas columnas, que dirigiram todas sobre aquelle mesmo lado da muralha, batendo-a mui fortemente. E vendo Diniz Fernandes de Mel-

lo, quão occupados os inimigos estavão na defensa da muralha, accommetteu a porta ajudado por Manuel da Gama, Heitor de Valadares, e Francisco Bocarro, que a arrombaram com um ariete ou vaivem. Ainda bem a porta não estava arrombada, quando muitos dos inimigos acudiram a defendel-a, dirigindo para alli immensidade de frechas. Todavia, os quatro entraram ás lançadas, e após elles outros muitos: de modo que aqui se renovou a batalha com grande encarniçamento; e parecia um milagre de Dêos, ver tão poucos como os Portuguezes eram, entre tão grande multidão de inimigos.

Sabendo Jorge d'Albuquerque, como tinhão entrado na fortaleza, acudio á porta e entrou para dentro, fazendo com a sua entrada com que os inimigos se retirassem, uns para as cazas do Tyranno, e outros para o lado do Norte: e os Portuguezes ficaram de frente para as cazas do Tyranno, que, como disse, estavão circumdadas por outra muralha tão forte como a primeira; e era alli que estavão as mulheres e filhos do Tyranno, e as dos seus principaes, e suas fazendas.

Então Jorge d'Albuquerque organisando a sua gente n'uma só columna, dirigio o ataque á segunda muralha. Em quanto uns despediam fortes descargas para os que se achavam de dentro, os outros subião por escadas que levavão; e d'esta maneira, sem temor das pedradas, frechadas, e lançadas dos inimigos, conseguiram tomar a parte superior da muralha e saltar dentro. Abrindo depois uma porta que havia na muralha, deram livre entrada aos que ainda estavam de fóra. E apertaram, a final, tão fortemente os inimigos, que estes se viram obrigados a evacuar aquelle lugar, despejando, para a banda do Norte, por uma ponte que estava d'aquella parte, com suas mulheres e filhos.

Porém D. Affonso de Menezes, desejoso de matar ainda mais inimigos n'aquelle dia, se dirigio á ponte por onde elles se estavão escapando, com uns quarenta e tantos Portuguezes, e cahindo sobre os que sahiam com impeto, os obrigou a voltarem para dentro. Vendo então os inimigos que já não tinham meio algum de se poderem salvar, se determinaram a morrer defendendo-se até á ultima; e assim o fizeram: de modo que, desde o Tyranno até ao mais infimo dos seus, apenas escaparam á morte alguns que foram captivos, bem como grande quantidade de mulheres.

A peleja acabou assim, depois de ter durado proximamente trez horas. Segundo depois se poude calcular, morreram, dos inimigos, uns trez mil e tantos, sendo quatrocentos dos seus principaes; e dos Portuguezes apenas morreram quatro, sendo todavia bastantes feridos: podendo isto mais ser considerado como milagre, do que resultado da força humana.

Tomada por este modo a fortaleza, foi em seguida saqueada pelos vencedores, e depois ainda mais pelos Aurus; cujo Rei foi ter com Jorge d'Albuquerque, manifestando-lhe com palavras de muitissima alegria o summo prazer que tivera com a victoria dos Portuguezes, e tanto mais ainda, porque o tinham livrado de todos os trabalhos, e da incerteza de vencer ou não: dizendo-lhe finalmente que, não obstante elle ser já amigo de El-Rei de Portugal, d'alli em diante o ficaria estimando o mais possivel, e muito se lisongearia de ser o seu mais humilde servo, por isso que tinha semelhantes vassallos.

Como Jorge d'Albuquerque soube que o Tyranno tinha sido morto na batalha com todos os que o seguiam, e que, por tanto, não haveria o minimo obstaculo para a restituição do Principe ao seu Reino, mandou logo soar pre-

gões para que todos os da terra se ajuntassem, afim de lh'o entregar. O que teve lugar n'aquelle mesmo dia.

Foi grande o prazer com que depois foram reverenciar o Principe ás cazas do Tyranno, ondo Jorge d'Albuquerque o apresentou. E obedecido o Principe como Rei, e tendo-lhe sido entregue toda a cidade, voltou Jorge d'Albuquerque com todos os seus para a armada que se achava na barra; em cuja entrada, da parte de Leste, determinou fazer uma fortaleza para segurança da terra, e para alli estabelecer a feitoria de El-Rei de Portugal, segundo lh'o dictava o regimento que tinha trazido.

Escolhendo, pois, o lugar mais conveniente para a fortaleza, de modo que podesse ser bem soccorrida do mar, mandou Jorge d'Albuquerque dar conta a El-Rei d'esta determinação; pedindo-lhe, ao mesmo tempo, que visto El-Rei de Portugal mandar construir aquella fortaleza alli para segurança do seu estado, e para não lhe poder ser feita outra traição como a passada, que o ajudasse o mais que podesse para aquella obra se concluir. Que, visto ficar na cidade pacifico, nenhuma necessidade tinha da fortaleza que torneava as cazas onde habitava, mandada fazer pelo Tyranno; e então que a mandasse desmanchar, e lhe remettesse as madeiras para elle empregar na que tinha de construir, bem como tambem lhe enviasse gente para trabalhar. A tudo isto satisfez El-Rei completamente.

Em breve tempo se construio a fortaleza com muros, baluartes, e torres de madeira, sendo toda cercada por uma grande valla ou fosso. Foi depois muito bem artilhada; e Jorge d'Albuquerque entregou sua capitania a D. Sancho Henriques, seu genrro; deixou tambem alli um feitor, escrivães, e outros officiaes, fazendo ao todo cem homens. E posto que Antonio de Miranda d'Azevedo lhe requereu

a capitania da fortaleza, visto que o Governador lh'a concedia por um Alvará que mostrou; elle não quiz acceder, dizendo que o Governador não podia passar semelhante provisão, por El-Rei lhe conceder apenas que podesse dar por trez annos a capitania de qualquer fortaleza que fizesse: e assim ficou D. Sancho Henriques por Capitão da fortaleza.

Reinando El-Rei D. Manuel de Pertugal, se foi para Castella um celebre Fernão de Magalhães, illustre Cavalleiro Portuguez, que por desgosto, attribuído por elle a El-Rei de Portugal, foi dizer ao Imperador Carlos quinto d'este nome, que era Rei de Castella, que pela repartição da conquista que se começou a fazer entre El-Rei D. João II de Portugal e El-Rei D. Fernando de Castella, e que não foi levada a effeito, erão de seu descobrimento e conquista as Ilhas de Banda e as de Maluco; dando para o comprovar algumas razões: as quaes, como erão em favor do Imperador, foram por este acreditadas, sem mais exame.

Fizeram pois, Fernão de Magalhães e um astrólogo Ruy Faleiro que o acompanhou, acreditar ao Rei de Castella, que as taes Ilhas erão conquista sua, e se lhe offereceram para as hir descobrir. Para este descobrimento, El-Rei de Castella se conloiou com certos mercadores, para que lhe armassem cinco Náos em Sevilha, de que deu a capitania mór a Fernão de Magalhães, e mandou com elle um astronomo chamado Andres de Sam Martim, para ver se podia alcançar a altura de Leste a Oeste, o que se esperava concorreria muito para a facilidade do descobrimento.

Foi só o tal astronomo com Fernão de Magalhães; por que na occazião da sua partida se escusou de hir Ruy Faleiro, que deu a Fernão de Magalhães um grande regimento de trinta Capitulos, que por trez maneiras lhe dava a

distancia que andasse de Leste a Oeste. Com este regimento se partio Fernão de Magalhães de Sevilha, aos 10 d'Agosto de 1519. Governou ao Sudoeste a demandar a Ilha de *Tanaryfe*, onde chegaram em dia de S. Miguel, 29 de Setembro: e d'aqui continuaram viagem em o principio d'Outubro a procurar as Ilhas de *Cabo Verde*; passando entre estas e o cabo sem que houvesse vista nem d'este nem d'aquellas. Fazendo-se ávante buscaram o *Brazil*, e apenas avistaram a súa costa, tomaram rumo para o Sueste, sempre ao longo d'ella até ao *Cabo frio*; e d'este cabo fizeram caminho para descobrir o *Rio de Janeiro*, onde entraram aos 13 de Dezembro; alli tomaram lenha, e se demoraram até 26 de Dezembro do mesmo anno. Partiram neste mesmo dia, e navegaram ao longo da costa a demandar o *Cabo de Santa Maria*: e tanto que d'elle houveram vista, caminharam para a parte de Loesnoroeste, cuidando acharem passagem livre, e acharam-se mettidos em um Rio d'agoa dôce, bastante grande, a que deram o nome de *Rio de S. Christovão*; e nelle estiveram até 2 de Fevereiro de 1520. Neste dia começaram a navegar ao longo da costa, e mais ávante, ao Sul, no mesmo Rio, descobriram uma ponta, a que pozeram o nome de *Ponta de Santo Antonio*. D'aqui correram ao Sudoeste umas vinte e cinco legoas, e tomaram outro cabo, que denominaram *Cabo de Santa Apelonia*; e navegando a Loessudoeste, acharam-se em uns baixos, aos quaes pozeram os *Baixos das Correntes*; fazendo-se então mais ao mar, perderam a vista de terra por dois ou trez dias, deparando depois com uma bahia, onde entraram, e correram todo o dia por dentro d'ella, julgando encontrarem alli sahida para *Maluco*: a esta bahia, chamão-lhe a *Bahia de S. Matheus*. Navegando ao longo da costa, chegaram a outra bahia, d'onde poderam apanhar muitos Lobos marinhos e passaros: a esta se poz o nome de *Bahia dos trabalhos*; onde perderam a Náo Capitania, por causa d'um temporal que sobreveio alli. D'aqui seguiram sempre

a costa, e chegaram, no ultimo de Março de 1520, ao *Porto de S. Julião*; aqui invernaram, e notaram que os dias só tinhão umas oito horas proximamente. Em este porto se sublevaram trez Náos contra o Capitão mór, dizendo os Capitães d'ellas, que o querião levar prezo para Castella, pois que os queria deitar a perder: mas o Capitão mór, ajudado dos estrangeiros, que comsigo levava, se lançou ás trez Náos revoltadas, onde foi morto o Capitão d'uma d'ellas. e thesoureiro de toda a armada, que se chamava Luiz de Mendonça; o qual foi assassinado ás punhaladas por um meyrinho mór da armada, que para isso fôra mandado por Fernão de Magalhães. D'ahi a cinco dias mandou Fernão de Magalhães degollar e esquartejar a Gaspar de Queixada, que era tambem Capitão de uma das Náos, que se havião levantado. Fernão de Magalhães, fez Capitão d'uma das embarcações, a que haviam morto os Capitães, a seu primo Alvaro de Mesquita. E partiram d'este porto, a 24 d'Agosto, apenas quatro Náos; porque, a capitaneada por João Serrão, sendo mandada a uma descoberta, foi lançada contra a costa, por um temporal salvando-se todos os individuos, as mercadorias, artilheria, e todos os aparelhos da embarcação. Invernando então alli por espaço de quatro mezes e tanto, sahiram aos 24 de Agosto, e navegando umas vinte legoas proximamente, entraram em o Rio, de *Santa Cruz*. Alli estiveram tomando mercadorias e tudo o mais que poderam, demorando-se até 18 de Septembro. No outro porto onde invernaram havião selvagens; os homens alli são de estatura gigantesca, tendo alguns nove a dez palmos de altura; e não teem cazas, andão sempre conduzindo os gados, dormindo onde lhe anoitece; comem carne meia crúa, e são todos excellentes frecheiros, matando por este meio muitos animaes de cujas pelles fazem vestiduras. As mulheres, que elles trazem atraz de si com todo o fato que possuem, são muito pequenas, trazendo mesmo assim grandes cargas ás costas; e calção e vestem como os homens. D'es-

tes levaram os Portuguezes uns trez ou quatro, de que se poderam apoderar; porém todos morreram, e apenas se conseguio levar um até Castella, que foi provavelmente em uma Náo que fugio no caminho, de que adiante se fallará. Partiram d'este Rio de Santa Cruz no dia desoito de Outubro; navegaram ao longo da costa até ao dia 21 do mesmo Outubro, e descobriram um cabo, a que pozeram o nome de *Cabo das Virgens*, porque o ovistaram em o dia das onze mil virgens; e passando d'este cabo, obra de duas ou trez legoas, se acharam na boca de um *Estreito* (*) Navegaram ainda ao longo da costa, entraram no estreito um pouco e d'aqui mandou Fernão de Magalhães descobrir o que alli havia dentro, e acharam trez cannaes, dois mais para o Sul, e um que atravessava a terra da banda do *Maluco.* Mandou depois Fernão de Magalhães duas Náos; porém apenas uma vultou para o Capitão mór, a outra de que Alvaro de Mesquita era Capitão, abocando por um dos boqueirões, que davão para o Sul, nunca mais voltou. Era piloto d'esta Náo (que commandava o primo de Fernão de Magalhães) um tal Estevão Gomes; o qual tinha andado na pretencção de que o Imperador Carlos V. lhe confiasse algumas caravellas para hir descobrir novas terras: como porém fosse attendida, com preferencia, a proposta e empreza de Fernão de Magalhães, ficou Estevão Gomes sendo um grande inimigo d'este illustre Capitão, e aproveitou agora a apportunidade de se vingar d'elle. Conspirou-se pois, com outros, contra o Capitão da sua Náo, Alvaro de Mesquita; pozerão-no em ferros, e assim o trouxerão a Hespanha com a Náo, dizendo ao Imperador Carlos, que Fernão de Magalhães éra um doudo, e mentira a Sua Magestade, porque, não sabia aonde estava *Banda* nem *Maluco.* Além

(*) Este é o famoso *Estreito*, que até hoje se ficou chamando *Estreito de Magalhães* para eterna e gloriosa memoria do famozo Portuguez que o descobrio.

d'isto accusáram em juizo a Alvaro de Mesquita por haver aconselhado e persuadido a seu primo Fernão de Magalhães, a severidade, e crueza, com que castigára os primeiros conspiradores.

Vendo Fernão de Magalhães que já tardava muito, a Náo, que não voltou, das duas que forão á exploração dos boqueirões, se fez de vella, deixando cartas no lugar de onde partiu, a fim de que, se a outra Náo voltasse ainda, fizesse o caminho que lhe deixava ordenado; depois entraram n'um canal que tem de largo, em alguns lugares, duas ou trez legoas, n'outros uma, e n'alguns sitios meia legoa; e seguiram por elle as duas Náos, que com dificuldade poderam dobrar o *Cabo del possesso.* Entraram por uma primeira garganta que dava para outra bahia chamada *Boucam*; no fundo d'esta entraram por segunda garganta, que dava para uma bahia maior que as precedentes. Vendo, em fim, que o Estreito se alongava dando sempre sahida ás Náos, voltaram, vindo dizer a Fernão de Magalhães que já tinhão visto o mar largo do outro lado; elle a esta noticia mandou salvar a artilheria, e todos davão gritos d'alegria.

Caminhou toda a armada até á terceira bahia, e como achassem ahi dous canáes, expedio Fernão de Magalhães duas Náos para verem se o canal de Sueste hia dar ao mar pacifico. Foi então que fugio uma das Náos exploradoras. As outras duas entraram pelo terceiro canal onde esperaram pelas que tinham hido explorar, trez dias; em cujo intervallo expedio Fernão de Magalhães um batel bem equipado para descobrir o cabo onde terminava o Estreito; o qual sendo descoberto lhe deram o nome de *Cabo Desejado.*

Navegaram depois para o mar pacifico deixando signaes por onde se podesse guiar a Náo que faltava. O Estreito passado tem de comprido umas dez leguas, bordado por

altas montanhas cobertas de neve. Demoraram-se n'este Estreito desde 21 d'Outubro até 26 de Novembro: e tanto que sahiram do Estreito para o mar, caminharam a Loesnoroeste, e encontraram depois da banda do Sul duas Ilhas despovoadas, e que teem n'algumas cartas o nome de *Infortunadas*: corrêram até á linha, onde disse Fernão de Magalhães que já estavam em paragem de *Maluco*. Tendo porém informações de que nesta terra não havia mantimentos, caminharam para o Norte umas cem legoas, e a 6 de Março de 1521, tomaram duas Ilhas muito povoadas, e abordaram a uma, onde acharam gente de pouca verdade, o que notaram, logo que os da terra vieram a bordo; e lhe levaram o esquife da Capitania, tendo cortado o cabo que o segurava: pozeram a estas as *Ilhas dos Ladrões*; que depois se chamaram *Mariannas*, em honra da Rainha D. Marianna d'Austria, viuva de D. Filippe IV, e Regente na menoridade de D. Carlos II de Castella. Vendo Fernão de Magalhães o furto do esquife, fez-se de vella por ser já noite, andando barlaventeando até ao outro dia de manhãa; mandando então dois bateis com cincoenta homens, e hindo elle tambem, abordaram ao lugar para onde tinham levado o esquife, todo foi queimado e mataram oito pessoas entre homens e mulheres; quebraram o esquife, e voltaram para as Náos. Fizeram-se logo de vella para Loeste, e depararam com outra Ilha, onde mandou Fernão de Magalhães o esquife para analisar a disposição da terra; e abordando o esquife, viram das Náos, sahir dois paráos detraz da ponta, e logo chamando o esquife, os paráos retrocederam. Abordaram depois a uma outra Ilha mui proxima, a que pozeram o nome de *Ilha dos bons signaes*, porque acharam alli algum ouro: e estando surtos aqui, vieram a elles dous paráos, que lhes trouxeram galinhas e côcos, e lhes disseram que já alli tinham visto outros homens como elles, por onde presumiram que serião *lequios* ou *mogores*. D'aqui navegaram depois ávante, por entre muitas

Ilhas, a que chamaram *o Archipelago de S. Lazaro*, por chegarem ahi em Domingo de Lazaro; e que em 1542 se denominaram *Filippinas*, em honra de D. Filippe d'Austria, filho de Carlos V, e depois Rei de Castella. Foram em seguida á Ilha de *Macangor*, vinte legoas distante, onde foram bem acolhidos, e pozeram ahi uma cruz. D'aqui os levaram a outra Ilha distante trez legoas, por nome *Cabo*, e que é a *Zebu*, uma das Filippinas, onde Fernão de Magalhães fez o que quiz, consentido pela gente da terra, e se tornaram oitocentos Christãos em um dia; Fernão de Magalhães quiz, por isto, que os outros Reis fossem sugeitos a este que se fez Christão: mas elles não o quizeram, e então foi lá uma noite Fernão de Magalhães nos bateis, e queimou um dos lugares dos desobedientes. Mandou, passados dez dias, a um lugar, a obra de meia legoa do que havia queimado, e que se chamava *Ilha de Matão*, a fim de que lhe mandassem trez cabras, trez porcos, trez fardos d'arroz, e trez de milho, para mantimento das Náos; responderam-lhe, que em vez das adições de trez em trez, lhe mandariam apenas de dois em dois: que se se contentasse assim logo o cumpririam, senão que nada davam. Fernão de Magalhães foi então, com obra de sessenta homens em trez bateis, a 27 d'Abril pela manhãa, contra o dito ponto, onde viram uns trez ou quatro mil homens, que pelejaram de tão bôa mente, que alli foi morto o celebre Fernão de Magalhães com mais seis dos seus, sendo quatro d'estes dos indianos que se converteram, e houveram muitos feridos; morrendo apenas quinze dos inimigos.

Recolheram então os Christãos ás Náos, e elegeram, para o lugar de Fernão de Magalhães, o Portuguez Duarte Barbosa, seu parente, e ainda um outro Capitão que vagou. Decidiram depois em um conselho, que hirião estes dois Capitães á terra, onde havião feito Christãos, a pedir pilotos, que os guiassem para *Borneo*. Foram pois os dois

Capitães, no 1.º de Maio, com o devido acompanhamento; mas, tanto que chegaram á tal terra, deixaram-nos desembarcar livremente, e cahindo então sobre elles a propria gente da terra a que tinhão feito Christãos, mataram os dous Capitães, e vinte e seis dos seus; a gente que ficou se retirou para os bateis, e voltaram para as Náos: mas achando-se de novo sem Capitães, acordaram, visto que a principal gente era morta, que fosse Capitão mór um João Lopes de Carvalho, que era o Thesoureiro mór d'Armada; e que o meyrinho, Alferes mór d'Armada, Gonçalo Vaz d'Espinosa, fosse Capitão d'uma das Náos. Feito isto, se fizeram de vélla, com trez Náos apenas, e cento e oitenta homens, muitos feridos e doentes; e tendo caminhado umas vinte e cinco legoas, resolveram-se a queimar uma das Náos, passando todos para as outras duas; na paragem onde isto executaram se chegaram a elles muitos paráos, com gente que não tinhão lingoagem que se entendesse; e navegando ávante por entre ilheos, foram surgir a uma Ilha chamada *Carpyam*, onde ha muito ouro. Aportando alli, fallaram com a gente da terra, e trataram pazes com ella; Carvalho lhes deu o batel da Náo que havião queimado; tomaram aqui alguns refrescos da terra, e navegaram mais a Loes-sudoeste, topando com a *Ilha de Caram*; mais adiante no mesmo rumo, viram uma grande Ilha; correram ao longo de sua costa ao Noroeste, e tentaram abordar para tomar mantimentos, que apenas tinhão para oito dias; mas a gente da terra os bateu com frechas de canas tostadas, e tornaram ás Náos.

Acordaram então hir buscar mantimentos a alguma terra já conhecida; mas soprando-lhes o vento contrario, quando hião já a perto d'uma legoa de onde queriam, viram que de terra os chamavam; mandaram os bateis, e estando fallando para terra por signaes, receiando desembarcar, offereceu-se um tal João de Campos para hir a ter-

ra, dizendo que, se o matassem, elles nada perderiam, e Dêos se lembraria de sua alma, e se o não matassem, e elle visse mantimentos buscaria o meio de os trazer, o que assim se concordou. Foi pois a terra, onde o internaram mais d'uma legoa; toda a gente d'esta Ilha de *Dyguasam* o vinha vêr e lhe davam de comer; e vendo o Christão que da gente era favorecido, lhe deu a entender por signaes, que levassem mantimentos ás Náos, que lhe serião bem pagos; mas sómente alli havia abundancia de arrôz por pilar, o que conseguiram fazer a uma bôa porção em toda a noite, levando-o de manhã ás Náos com o dito Christão. Neste tempo veio outra gente d'um lugar proximo, dizendo que fossem á sua terra, onde lhes dariam muitos mantimentos por seu dinheiro; foram a este lugar chamado *vay palay cucara canbam*, onde Carvalho fez pazes com a gente da terra, que lhe deu muito arroz, a razão de 114 arrateis por cada trez braças de lenço de Bretanha, e ainda levaram muitos porcos e cabras. Vindo depois ter aqui um mouro que estivera em *Dyguasam*, foram com elle para este lugar. Estando surtos ahi, veio a elles um paráo, onde vinha um nêgro chamado Bastiam, que falava portuguez, e que lhes pedio uma bandeira e um cartaz para o Governador de *Dyguasam*: derão-lhe isto e mais presentes; pedindo-lhe que visto ter estado em *Maluco*, os guiasse a *Borneo*; não se recusou, mas escondeu-se na occazião de partirem. Fizeram-se, não obstante, de vella a 21 de Julho a buscar *Borneo*; e encontrando um paráo que para alli vinha, o tomaram, com trez mouros pilotos, que os encaminharam.

Governando ao Sudoeste, toparam com duas Ilhas, a *bolyna* do lado do Norte e a *bamdym* do Sul. Navegando a Loes-sudoeste, chegaram a uns baixos, e os pilotos disseram que se encostassem para a Costa da Ilha que era mais fundo, e d'ahi verião já a Ilha de Borneo. Umas duas legoas

distantes d'esta encontraram duas a que chamavam *os Ilheos de S. Paulo.* Passaram depois junto a Borneo, que os mouros indicaram, mas não se poderam aproximar por ser o vento contrario. Fundearam n'uma Ilha distante oito legoas; e no seguinte dia passaram a Borneo, onde enviaram, os mouros pilotos e um Christão, a terra em bateis; forão apresentados ao Rei de Borneo, que os recebeu bem. No outro dia forão acompanhados ás Náos por 2 paráos, cada um com cem homens, e trazião cabras, gallinhas, duas vácas, figos, e outras fructas. Trataram os portuguezes pazes, e lhes pediram, por venda a dinheiro, algumas mercadorias, especialmente cêra, o que lhes não foi negado. Mandaram depois um presente ao Rei por Gonçalo Mendes de Espinosa, que recebeu muitos pannos da China. Depois de vinte e trez dias de alli estarem, vieram fundear perto d'elles cinco juncos, e no dia seguinte viram vir da cidade duzentos paráos; temendo então traição, fizeram-se de vella para os juncos, que tambem executaram o mesmo, fugindo; mas sempre tomaram um d'estes, com vinte e sete homens, que á noite foi metido no fundo por um grande temporal. Na seguinte manhã tomaram um junco mui grande capitaneado pelo filho d'El-Rei de *Lucam*, com noventa homens; dos quaes mandaram alguns ao Rei de Borneo, exigindo-lhe sete Christãos que lá tinha, e que então lhe dariam toda a gente do junco apresionado: mas apenas lhes remetteu dous em um paráo; e replicando-lhe que mandasse os cinco restantes, esperaram dous dias sem resposta alguma. Tomaram trinta homens do junco que meteram no seu proprio paráo, e os mandaram ao Rei; e se fizeram de vella com quatorze homens e trez mulheres dos apresionados; governando ao longo da costa, e torneando a Ilha, tomaram um junco pequeno com côcos. Acharam depois uma Ilhota com muito bom porto onde fundearam as Náos, e lhe poseram o nome de *Porto de Santa Maria d'Agosto*, por alli chegarem dia da Senhora d'Agosto. D'aqui governando ao Sudoeste avis-

taram a Ilha de *Fagajam*, e depois a de *Saloque* onde tinhão noticia de haver muitas perolas, mas não a poderam abordar pelo vento que lhe soprou de prôa. Esta mesma noite passaram entre as Ilhas de *Quipe* e *Tamgym*, encontrando alli um paráo carregado d'um pão que é feito do lenho d'uma arvore semelhante á palmeira, e chamado pão de *sagu*; este paráo trazia vinte e um homens, dos quaes o principal havia estado em Malúco, em caza de Francisco Serrão, que era um portuguez muito amigo de Fernão de Magalhães, e que o induzio á viagem, de que não viram ambos o resultado, visto que Serrão foi antes envenenado em Tydore Caminhando mais, chegaram as Náos a abordar uma Ilha, onde um velho se offereceu para os levar a Maluco, mediante certo prémio; mas depois o velho quiz fugir e o prenderam, bem como a outros pilotos que o acompanhavão; e a final se fizeram de vella. Quiz a gente da terra perseguil-os, mas o vento lhes foi favoravel e os livrou. Passando uma noite mui proximos a terra o velho se deitou ao mar e fugio. Navegando ávante, em uma manhã, avistaram trez montes altos, e perto uma Ilha, onde quizeram hir buscar agoa, mas um dos mouros disso que aquella gente era muito perigosa, e que estavão já perto de Maluco onde os Reis costumavão dar bom agasalho a todos. Pouco depois avistaram as Ilhas de Maluco; salvando toda a artilheria, chegaram á Ilha de *Tydore* a 8 de Novembro de 1521: gastando pois, dous annos, dous mezes, e vinte e oito dias de Sevilha a Maluco.

O Rei d'esta Ilha lhes fez muitas honras; trataram paz com elle, e tiveram liberdade para commerciar. Disse-lhes a gente da terra que alli perto n'outra Ilha estava um Portuguez que era principal de Maluco. Escreveram-lhe para que viesse alli, mas elle lhes respondeu que o Rei da terra lh'o prohibia; mas tirando d'este licença, foi então, e ficou espantado do alto preço porque lhe disseram tinhão

comprado as fazendas. Estando assim carregando, desconfiaram pela tardança do despacho, que houvesse traição; então muita gente das Náos se alvoroçou, dizendo aos Capitães que sahissem; porém, estando para desferir as vellas, veio o Rei ter a bordo da Capitania, e disse ao Capitão que se não fossem, pois queria cumprir o ajustado; e fazendo-lhe o Capitão vêr o receio de sua gente, elle mandou vir seu alcorão, sobre o qual fez juramento de os não atraiçoar, cumprindo depois fielmente o contratado. Estando para se fazerem de vella, abrio agoa a Capitania, e então concordaram em que ficasse para se reparar, e partisse a outra Náo; esta sahio a 21 de Dezembro de 1521, hindo por *Timor*, cortou por detraz de *Java* tomando o caminho do *Cabo da Bôa Esperança*, e veio a Sevilha em Setembro de 1522. A outra depois de concertada, tomou o caminho opposto, e dirigiu-se a *Yucatan*, ao isthmo de *Darien*, ou *terra das Antilhas*; mas viu-se obrigada a voltar arribada para *Maluco*, e estando a descarregar em *Ternate* para se reparar, ahi deu á costa.

Sendo Gregorio da Quadra Capitão d'um bergantim, que andava com Duarte de Lemos Capitão Geral do mar d'Arabia, por cauza d'uma grande serração foi dar a Zeilla sem querer; ahi forão apresionados todos os Christãos, e levados a El-Rei d'Adem que estava então em Zibit capital do seu Reino, o qual os mandou metter n'uma masmorra onde estavão muitos captivos, e onde Gregorio da Quadra para se manter e aos companheiros começou a fazer carapuças de panno, que vendia. Passados annos veio um outro Rei fazer guerra ao d'Adem, chamando-lhe usurpador, e o desbaratou, ficando em seu lugar, e dando a liberdade aos captivos. Começando depois a ter afeição a Gregorio da Quadra, pelo seu porte, o levou comsigo a Medina, onde estavão os ossos de Mahamet, a cumprir uma romaria

que tinha promettido, se obtivesse a victoria. Chegados a Medina, e havendo dois dias que partira a Caravana para Damasco, pedio Gregorio da Quadra ao Rei que o deixasse hir com ella, sob pretexto de visitar os ossos dos Netos de Mahamet que estão na Persia; o que o Rei lhe concedeu, (ainda que de má vontade) dando-lhe dinheiro e mantimentos para a viagem. Despedindo-se do Rei, tomou Gregorio da Quadra seu caminho pelos desertos; e faltando-lhe os viveres no meio d'um areal, se postou de joelhos, e julgando-se no termo da vida, pedia perdão a Deos dos seus peccados; e arrastando-se depois ao cume d'um outeiro, descobrio logo muita gente e camêllos, d'uma caravana que estava tomando agoa. Dirigio-se a elles pedindo-lhe de comer, ao que satisfizeram e o trataram com muita charidade; quando lhe disse para onde hia levaram-no á Babilonia, d'onde veio a Baçora, e d'alli a Ormuz, cuidando os Mouros que elle era Ermitão Arabio. D. Garcia Coutinho, commandante da fortaleza d'Ormuz, lhe fez muitas honras, dando-lhe logo passagem para a India em Náos prestes a partir. A narração que elle fez a El-Rei D. Manuel do que tinha visto e passado, deu cauza a que El-Rei o mandasse ao Reino de Congo, e d'elle á Côrte do Rei do Abexi, com quem desejava communicar-se a miudo; e lhe deu cartas de credito, e instrucções para com elle tractar ácerca da guerra contra o Turco e fortalezas que tencionava fazer nas costas d'Arabia e Ethiopia.

Partindo Gregorio da Quadra de Lisboa, o seu navio se dirigio ao Rio Zaire, que banha parte do Reino de Congo, e que é o maior e mais largo que se conhece. Caminhando depois umas sessenta legoas pelo Sertão, chegou á Côrte d'El-Rei de Congo, a quem entregou as cartas d'El-Rei D. Monuel, recebendo mui bom acolhimento; mas não lhe deu resposta alguma sem consultar o seu conselho, que constava só de Portuguezes; e os quaes zelando bem pouco

a seu Rei natural, aconselharam ao de Congo, que por modo algum deixasse seguir aquelle caminho a Gregorio da Quadra, porque, se o descobrisse, ficasse certo de que, desejando El-Rei D. Manuel prompta correspondencia com o Rei do Abexi, lhe havia de hir tomando o seu Reino pouco a pouco, bem como aos que se fossem seguindo até lá, para ter aquella carreira livre de Congo para Abyssinia, pela Africa. Foi por tanto mandado logo Gregorio da Quadra, para Portugal, com a resposta a El-Rei D. Manuel, que achou morto. — E enfadado dos trabalhos mundanos, se meteu frade em S. Francisco dos Capuchos descalços, onde acabou a vida como bom e Catholico Christão.

Estando El-Rei D. Manoel na cidade de Lisboa, no mais alto e prospero estado que um Rei podia desejar, tendo conquistadas todas as provincias maritimas desde Gibraltar até ao mar d'Arabia, Persia, da India, e varias Ilhas; com muitos Embaixadores em sua Côrte de todos os Reis, Principes, e Senhorios da Europa, do Summo Pontifice, e de muitos Reis e Senhores d'Africa, e Azia, &c.; com muita riqueza d'ouro, prata, e especiarias, vindas em cada anno das conquistas; bem quisto e amado dos seus, e das mais das nações onde chegou a fama de Sua Real Pessoa; cazado a terceira vez com uma das mais formosas Princezas da Christandade, Irmã do Mor Senhor de toda a Europa, com seis filhos e trez filhas; dos segundo e terceiro matrimonios, todos lindos e virtuosos: — foi Dêos servido leval-o d'esta vida aos 13 de Dezembro de 1521, dia em que é celebrada a festa de Santa Luzia. — Falecêu nos paços da ribeira, d'uma febre, que lhe durou nove dias, findos os quaes deu a alma a Dêos, na idade de cincoenta e dois annos, seis mezes, e treze dias, tendo reinado vinte e seis annos, um mez, e dezenove dias.

Estiveram presentes a seu falecimento, D. Affonso de Portugal, Bispo d'Evora; e D. Fernando de Vasconcellos de Menezes, Bispo de Lamego; seu Capellão Mór, Fr. Francisco de Lisboa, ministro provincial da ordem de S. Francisco; Fr. George Vogado, da ordem de S. Domingos, seu confessor; e outros religiosos. Os seculares foram: o Duque de Bragança D. Jaimes, seu sobrinho; D. George, mestre de Sanctiago, filho bastardo d'El-Rei D. João II; D. João de Lencastre, seu filho, que era então Marquez de Torres Novas, e agora Duque d'Aveiro; D. Fernando de Menezes, Marquez de Villa Real; D. Pedro de Menezes, Conde de Alcoutim, seu filho; D. Francisco de Portugal, Conde de Vimioso; D. João de Vasconcellos, Conde de Penella; D. Manuel Pereira, Conde da Feira; D. João da Silva, Conde de Portalegre; D. João de Menezes, Conde de Tarouca, Prior do Crato, seu Mordomo Mór; D. Martinho de Castelbranco, Conde de Villa Nova; D. Diogo Lobo, Barão d'Alvito e D. Pedro de Castro, vedores da Fazenda; D. Francisco de Lima, Visconde de Villa Nova de Cerveira; D. Antonio de Noronha, escrivão da puridade, que depois foi Conde de Linhares; João da Silva, Regedor da caza da supplicação; D. Alvaro de Castro; D. Diogo de Noronha, Alcaide Mór d'Obidos; Diogo Lopes de Lima, Alcaide Mór de Guimarães; e mais algumas pessoas. — A Rainha D. Leonor sua mulher; a Infante D. Izabel, e o Principe D. João, seus filhos, o acompanharam os primeiros dias da doença; mas vendo D. Nuno Manuel, seu Guarda Mór, que os medicos o desenganaram, fez recolher a Rainha, a Infante, e o Principe para uma camara visinha. Ao nono dia lhe começaram os signaes de morte, conservando até fallecer tão perfeita memoria que repetia os Psalmos com os prelados e religiosos, que resavam em volta da cama, fallecendo ás nove horas da noite. Deixou por seus Testamenteiros, D. Diogo de Souza, Arcebispo de Braga, e D. Martinho de Castelbranco, Conde de Villa Nova de Portimão; com o corpo

ficaram os prelados e religiosos presentes ao fallecimento, até que foi levado para o mosteiro de Bethelem, que elle começou a edificar de novo para sua sepultura, e da Rainha D. Maria sua mulher e filhos; e por não estar acabado o corpo da Igreja o lançaram na velha em sepultura raza, por elle assim o ordenar; d'onde depois El-Rei D. João III, seu filho fez trasladar os ossos para a nova. Levou o devido acompanhamento no seu funeral, e immenso povo com muitas lagrimas pela perda de tão bom Rei.

FIM DO VOLUME III.